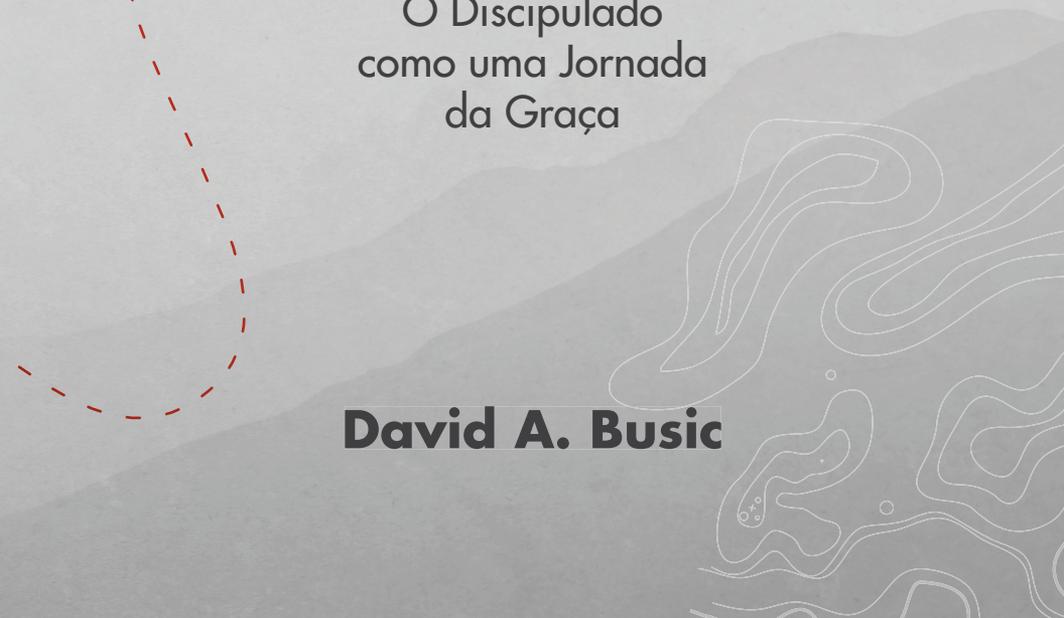


CAMINHO VERDADE VIDA

O Discipulado
como uma Jornada
da Graça

David A. Busic



Uma vida que segue a Jesus nunca deve ser monótona ou estagnada, nem deve ser vivida sozinha. Ao procurarmos tornar-nos cada vez mais como Jesus, descobrimos que o discipulado cristão é uma jornada contínua da graça. No *Caminho, Verdade, Vida* David Busic convida-nos a considerar as várias maneiras que a graça de Deus – que busca, salva, santifica, sustém e é suficiente – nos encontra onde estamos nas nossas vidas. Quando respondemos fielmente Àquele que amorosamente nos chama e equipa para a *Jornada da Graça*, desfrutaremos de um relacionamento mais profundo com Jesus Cristo, que é Ele mesmo o Caminho, a Verdade e a Vida.

David A. Busic (DMin, DD) serve como superintendente geral na Igreja do Nazareno. Anteriormente serviu como presidente do Nazarene Theological Seminary em Kansas City (EUA), e como pastor principal de igrejas na Califórnia, Kansas e Oklahoma. Busic também escreveu *The City: Urban Churches in the Wesleyan-Holiness Tradition* [A Cidade: Igrejas Urbanas na Tradição de Santidade Wesleyana] e dois volumes de *Perfectly Imperfect* [Perfeitamente Imperfeito], estudos de personagens do Antigo e Novo Testamentos.



NAZALIVROS
PUBLICAÇÕES

CAMINHO VERDADE VIDA

O Discipulado
como uma Jornada
da Graça

David A. Busic



**NAZALIVROS
PUBLICAÇÕES**

Direitos Autorais © 2021
The Foundry Publishing
Kansas City, MO 64141

Publicado originalmente em inglês sob o título

Way Truth Life por David A. Busic

Publicado por The Foundry Publishing

Esta edição foi publicada
por NazLivros Publicações (Brasil)
e Global Nazarene Publications (Lenexa, KS USA)
pelo acordo com a The Foundry Publishing.

Todos os direitos reservados

ISBN 978-1-56344-937-6 rev2021-03-10

Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, armazenada num sistema de recuperação ou transmitida de qualquer forma ou por qualquer meio sem a permissão prévia por escrito do editor, por exemplo, digitalização, fotocópia e gravação. Exceptuam-se as breves citações em revisões impressas.

Design da Capa: Matt Johnson

Design do Interior: Sharon Page

Equipe editorial: Priscila Guevara, Paulo de Melo Duarte, Susana Reis Gomes, Joyce Temple, Paulo Neto

Todas as citações das Escrituras, excepto as indicadas, são extraídas da versão João Ferreira de Almeida Revista e Corrigida.

Os endereços da Internet neste livro eram precisos no momento da publicação do mesmo, mas podem não estar disponíveis em todos os idiomas. Esses links são fornecidos como um recurso. O editor não os confirma nem garante o seu conteúdo ou permanência.

Em memória de Robert E. Basic, um pai que me ensinou que o discipulado é uma jornada inundada de graça e que a semelhança com Cristo é o nosso destino.



*Ensina-me, Senhor, o teu caminho, e andarei na tua verdade;
une o meu coração ao temor do teu nome.*

- Salmo 86:11

ÍNDICE

| | |
|---|-----|
| Agradecimentos | 7 |
| Introdução..... | 9 |
| 1. A Graça Maravilhosa | 19 |
| O Caminho | |
| 2. A Graça que Busca | 33 |
| A Verdade | |
| 3. A Graça Salvadora | 51 |
| A Vida | |
| 4. A Graça Santificadora | 75 |
| 5. A Graça Sustentadora | 109 |
| 6. A Graça Suficiente | 145 |
| Posfácio: Jesus Cristo é o Senhor | 163 |

AGRADECIMENTOS

Os agradecimentos podem abranger desde o reconhecimento daqueles que tornaram algo possível até dívidas de gratidão que não podem ser pagas. Assim é aqui.

Quando eu fui eleito para servir como superintendente geral na Igreja do Nazareno, sabia que os meus colegas da Junta de Superintendentes Gerais iriam influenciar a minha vida, mas o grau desse impacto tem sido inestimável. Embora ocorram quase sempre diferenças de opinião nas nossas inúmeras conversas como liderança, o nosso compromisso para fazer, fielmente, e em oração, o que é melhor para a igreja — mesmo com um custo — e a minha confiança absoluta na força do caráter e na pureza dos seus corações são o que perdurarão. Obrigado Filimão Chambo, Gustavo Crocker, Eugénio Duarte, David Graves, Jerry Porter, Carla Sunberg e J.K. Warrick. A influência de vocês tem me inspirado a escrever este livro no serviço à igreja, para nos ajudar a cumprir a nossa missão de ‘fazer discípulos à semelhança de Cristo nas nações’.

Obrigado ao Scott Rainey, diretor global dos ministérios de discipulado da Igreja do Nazareno, pelo convite para escrever um livro simples que enfatiza o discipulado de santidade como uma jornada da graça. Obrigado a Bonnie Perry, diretora editorial da *The Foundry Publishing*, pela sua crença inabalável de que uma boa teologia escrita e transmitida às nossas crianças é uma tarefa importante o suficiente para investir o melhor de sua vida. Obrigado a Audra Spiven, por editar com um objetivo de clareza e de sempre trazer a pergunta, “E se

dissesse desta forma?” Finalmente, obrigado à congregação nazarena da minha juventude que, a despeito de não ser grande em assistência era extravagante em amor, me ensinou que a santidade não é somente o que Deus, em Cristo, tem feito por nós, mas também o que Deus, em Cristo, faz incansavelmente em nós e através de nós quando desistimos do direito a nós mesmos e deixamos Jesus ser Senhor.

Nota do Autor

Como tem sido o meu estilo em escritos anteriores, encorajo o leitor a consultar as notas dos capítulos para uma maior abrangência de compreensão quanto ao discipulado e a jornada da graça. As anotações abundantes refletem a minha dívida ao pensamento de outros e o meu desejo em oferecer um discernimento adicional que seria um fardo ao corpo principal do texto. Para melhor acessibilidade, as citações completas são oferecidas cada vez que um novo capítulo inicia, mesmo que esse autor ou fonte tenha sido reconhecido antes.

INTRODUÇÃO

Jesus nos convida a uma jornada. “Venha e siga-me.” É um simples convite para uma aventura com um amigo querido. A vida cristã é mais do que a crença correta. É mais do que um consentimento intelectual. É um convite para uma jornada com Jesus.

Outra palavra para a jornada com Jesus é discipulado. O discipulado é seguir o caminho de Jesus enquanto se viaja com Ele. O caminho tem muitas voltas, curvas e contracurvas inesperadas na estrada. Às vezes, o caminho parece fácil, outras vezes, parece uma difícil subida. No entanto, o objetivo final (em grego, *telos*) do discipulado é sempre o mesmo: ser como Cristo.

Se isso parece impossível, está realmente em um ponto muito bom para começar. De fato, seria impossível se não fosse por uma certeza muito importante: fazemos a jornada com Jesus. É por isso que é uma jornada da graça.

Quando Jesus disse: “Eu sou o caminho, a verdade e a vida” (João 14.6), Ele estava falando sobre mais do que uma equação intelectual sequencial ou um acordo transacional que fazemos com Deus. Ele estava descrevendo a maneira relacional em que o discipulado acontece. De fato, o Caminho, a Verdade e a Vida não são abstrações filosóficas ou princípios de vida. O Caminho, a Verdade e a Vida são uma Pessoa.

Jesus estava apontando para o *telos* (objetivo) apropriado da jornada: a verdadeira vida como Deus pretendia, e os meios pelos quais

alcançamos a meta são o caminho e a verdade, realizados dentro e através de si mesmo.¹ A jornada da graça é relacional na sua essência.

James K. A. Smith descreve o discipulado como “um tipo de imigração, do reino das trevas para o reino do Filho amado de Deus (Colossenses 1.13)”.² Esta é a linguagem de uma jornada — mudar de um país para outro.³ Trata-se de mudar a cidadania e as alianças, o que é totalmente impossível à parte da graça de Deus em Jesus Cristo, que é o Caminho. Smith continua: “Em Cristo, recebemos um passaporte celestial; no Seu corpo, aprendemos a viver como ‘cidadãos’ do Seu reino. Tal imigração para um novo reino não é apenas uma questão de se ser teletransportado para um reino diferente; precisamos nos acostumar a um novo modo de vida, aprender um novo idioma, adquirir novos hábitos — e desaprender os hábitos desse domínio rival.”⁴

Eu realmente acredito que quando Jesus disse: “Vou preparar um lugar para vocês” (João 14), essa promessa incluía a garantia de que Ele nos fez, pessoalmente, uma reserva para a viagem, incluindo acomodações quando chegarmos. Ele é o nosso passaporte celestial que nos permite tornarmos cidadãos de um novo país — do Seu reino. O melhor de tudo é que Ele promete nos acompanhar ao longo de todo o caminho para casa. Jesus será o nosso Caminho para o caminho. Esta é a esperança de uma jornada da graça.

Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida

Quando Jesus disse: “Eu sou o caminho, a verdade e a vida”, Ele não estava sugerindo um princípio de vida abstrato para pendurar

-
1. Richard John Neuhaus define telos como “o objetivo final que dá sentido ao aspecto em questão”. Neuhaus, *Death on a Friday Afternoon: Meditations on the Last Words of Jesus from the Cross* (New York: Basic Books, 2000), 127.
 2. James K. A. Smith, *You Are What You Love: The Spiritual Power of Habit* (Grand Rapids: Brazos Press, 2016), 66.
 3. *The Pilgrim's Progress* (1678), de John Bunyan, foi uma primeira versão fictícia desse mesmo conceito de jornada que se toma para mudar de país ou de reino.
 4. Smith, *You Are What You Love*, 66.

como uma placa na parede. Pelo contrário, foi uma resposta a uma pergunta levantada por discípulos assustados e incertos. Vem de uma seção do Evangelho de João que os estudiosos da Bíblia se referem como “o último discurso” (João, capítulos 14 a 17). Esses quatro capítulos de João, mais do que qualquer um dos outros três evangelhos do Novo Testamento, nos dão uma visão interna do que Jesus estava pensando e ensinando aos Seus discípulos durante as horas imediatamente anteriores à Sua Paixão e morte na cruz. Assim, eles poderiam muito bem ser descritos como a última vontade e testamento de Jesus Cristo.⁵

Lembre-se que os discípulos ouviram notícias incrivelmente más. Eles se reuniram em um espaço emprestado. Todos estavam condicionados a espaços apertados. Jesus lava os pés dos Seus doze discípulos, o que deixa todos desconfortáveis. Então lhes diz que muito em breve um deles O trairá (13.21). Para piorar a situação, depois de vários anos viajando por todos os lugares juntos, Jesus declara que está indo embora e que eles não poderão ir com Ele (13.33).

Tudo isto é muito perturbador! Jesus consegue sentir o peso de Suas palavras sobre eles. Não é de admirar que diga: “Não se perturbe o coração de vocês” (14.1). A palavra traduzida para “perturbe” é a mesma palavra usada para descrever as águas do mar da Galileia durante uma tempestade violenta. Quando o vento soprou, as águas ficaram turbulentas e agitadas. Os discípulos se sentiam assim. Os seus estômagos estão agitados. As suas cabeças estão às voltas. As suas emoções estão sobrecarregadas. Jesus tenta consolar os seus furiosos corações: “Não se perturbe o coração de vocês. (...) Vou preparar-lhes lugar. (...) voltarei e os levarei para mim, para que vocês estejam onde eu estiver. Vocês conhecem o caminho para onde vou” (João 14.1-4).

5. Frederick Dale Bruner refere-se a João 14-16 como sermões do discipulado de Jesus, com o capítulo 17 servindo como uma oração de encerramento e, no total, como “a teologia sistemática compacta de Jesus para Sua igreja missionária”. Bruner, *The Gospel of John: A Commentary* (Grand Rapids: Eerdmans, 2012), 78.

Então Tomé fala. A história nomeou-o “Tomé, o incrédulo”, mas fico feliz por ele ter estado lá (cuidado com os tempos verbais) uma vez que teve a coragem de fazer a pergunta que todos queriam fazer. Ele é como um aluno que pára o professor no meio da aula e diz: “Com licença. Esta pode ser uma pergunta obtusa, mas não fazemos ideia do que está falando.” De fato, não era uma pergunta obtusa. Perceba o fato de Tomé ter tido a presença de espírito para identificar o problema óbvio que todos tinham com as palavras de Jesus: “Senhor, não sabemos para onde vais; como então podemos saber o caminho?” (14.5).

A vida é assim, não é? Há momentos em que nos perguntamos para onde devemos ir. Às vezes, pensamos que sabemos para onde estamos indo — ou esperamos saber para onde estamos indo — mas temos que admitir que nos perdemos completamente no caminho. Parece haver tantas interseções e curvas, tantas opções e becos sem saída. O que desejamos mais do que qualquer outra coisa no quebra-cabeça da vida é um mapa. No entanto, muitas pessoas, que não encontram esse mapa, decidem que é melhor ir para um lugar qualquer do que ficar em lugar nenhum, e por isso, escolhem uma direção e partem para o que parece ser o caminho de menor resistência.

Felizmente, Jesus responde à pergunta de Tomé (e à nossa): “Eu sou o caminho, a verdade e a vida. Ninguém vem ao Pai senão por mim” (14.6). É interessante que a ênfase da afirmação de Jesus está claramente na palavra “caminho”. O caminho é sequencialmente primeiro. Isso não quer dizer que a verdade e a vida não sejam importantes. Significa simplesmente que a verdade e a vida explicam como e porque Jesus é o Caminho.⁶

6. Muitas pessoas consideram Raymond Brown como o estudioso joanino proeminente da sua geração. Ele acredita que “o caminho é o principal predicado [da declaração de Jesus], e a verdade e a vida são apenas explicações do caminho”. Brown, *The Gospel According to John XII-XXI, The Anchor Bible Commentary* (New York: Doubleday, 1970), 621. Se isso estiver correto, a verdade e a vida são explicações do caminho — ou, dito de outra forma, Jesus é o Caminho, porque Ele

Ele é o Caminho, porque é a Verdade — a revelação de Deus. Ele é o Caminho, porque a vida de Deus disponível para cada pessoa reside n’Ele e somente n’Ele. Ele é simultaneamente o acesso e a encarnação da vida com Deus. O cerne das boas novas do Evangelho de João é que em Jesus — a Palavra encarnada e único Filho de Deus — podemos ver e conhecer a Deus de uma maneira nunca antes possível. Ele é a auto revelação autorizada de Deus.⁷ Por outras palavras, Jesus não é apenas um caminho, mas O caminho — porque Ele é a manifestação excepcional e visível do Deus invisível, a quem conhecemos como Pai (1.14, 18; 6.46; 8.19; 12.45).⁸

“Ninguém vem ao Pai senão por mim” (14.6). Muitos de nós podem se identificar com a pergunta de Tomé: “Como podemos saber o caminho?” (14.5) porque cada pessoa, de forma articulada ou não, procura respostas para questões espirituais. A nossa sociedade de hoje é mais aberta espiritualmente do que antigamente. O problema é que as pessoas estão abertas a muitos caminhos diferentes de espiritualidade.

A visão moderna do mundo ocidental parte de uma mentalidade consumidora abrangente. Está ligada à preocupação política muito recente de adotar o pluralismo. Isso faz com que muitas pessoas vejam um caminho espiritual tão relevante e legítimo como qualquer outro, desde que as suas necessidades pessoais sejam atendidas e desde que sejam autenticamente fiéis a si mesmas. E assim é assumido — se alguém escolhe o budismo, o hinduísmo, o islamismo, a cientologia, o judaísmo, o cristianismo ou qualquer outra religião — que, desde que seja sincero e gratificado pela sua escolha, essa alternativa será tão

é a Verdade e a Vida. Jesus, pessoalmente, personifica os três.

7. Bruner, *The Gospel of John*, 811. Bruner nos lembra que “a revelação de Jesus sobre Deus, o Pai, nos dá uma grande esperança de que o Pai também [como Jesus] será — e, de fato, é e sempre foi — muito, muito bom”.
8. Inspiro-me nesta frase a partir de uma nota de rodapé poética na *The Wesley Study Bible: New Revised Standard Version*, Joel B. Green and William H. Willimon, eds. (Nashville: Abingdon Press, 2009).

boa quanto qualquer outra porque todos os caminhos levam (assim diz a cosmovisão) ao mesmo Deus.

Um dos muitos problemas com essa visão é que estas diferentes crenças geralmente se contradizem e fazem reivindicações mutuamente exclusivas. Quando o cristianismo é visto à luz de outros sistemas religiosos diversos, é a fé única que faz a afirmação definitiva de que Jesus é o caminho exclusivo para Deus. Não se pode acreditar na afirmação exclusiva de Jesus Cristo: “Ninguém pode vir ao Pai senão por mim” e ainda acreditar que existem outras maneiras de obter acesso ao Pai. Fazer isso negaria, efetivamente, o próprio Cristo que disse essas palavras. Jesus não disse: “Eu sou um dos muitos caminhos para o Pai”. Ele não disse: “Pode optar por me seguir, se quiser, mas há outras opções igualmente viáveis”. Jesus também não disse: “Qualquer que seja o caminho espiritual que percorrer, ficará bem comigo, desde que seja sincero”. Jesus nunca deu a entender isso. Ele declarou claramente que é o único caminho para o Pai.⁹

Pouco depois de nossa família se mudar para uma nova cidade, minha esposa e eu tivemos um compromisso na cidade. Nós dirigimos em veículos separados. Como seu senso de direção sempre foi melhor do que o meu, ela liderou o caminho. De repente, fomos pegos em um trânsito intenso e eu a perdi. Vi o que pensei ser o veículo dela e o segui. Quando percebi que estava seguindo o veículo errado — e agora por uma estrada completamente diferente — era tarde demais para chegar ao compromisso. Eu simplesmente virei o carro e fui para casa. A moral da história é simples: você pode até ser sincero no caminho que escolher e, ao mesmo tempo, estar sinceramente errado. O fato é que é preciso mais do que sinceridade para encontrar o caminho

9. Isto não limita a soberania de Deus para alcançar graciosamente seguidores de outras religiões e tradições de fé que podem morrer sem conhecer ou mesmo sem ouvir o nome de Jesus. Deus é sempre livre para fazer o que soberanamente escolhe fazer. Espero sinceramente ser surpreendido pela graça na reconciliação de todas as coisas.

certo.¹⁰ É preciso verdade! Uma pessoa pode estar percorrendo um caminho a uma boa velocidade, mas se estiver indo pelo caminho errado, não importa a rapidez com que chegue.

A afirmação de Jesus é radicalmente inclusiva, porque todos são convidados a seguir o caminho, mas é radicalmente exclusiva, pois cada caminho que uma pessoa seguir para encontrar a verdade acaba como em um beco sem saída, a menos que seja o único Caminho que os leve ao único Deus verdadeiro.

Cada pessoa — cada um de nós — é culpada de tomar a direção errada, espiritualmente falando. Como resultado, ficamos longe de Deus. O profeta Isaías escreveu enfaticamente: “Todos nós andávamos desgarrados como ovelhas; cada um se desviava pelo seu caminho” (53.6). O apóstolo Paulo reitera isso em Romanos: “Porque todos pecaram e estão destituídos da glória de Deus” (3.23). Porquê? Porque todos nós seguimos o caminho errado na vida. Todos escolhemos seguir o nosso próprio caminho, em vez de buscar a vontade e o caminho de Deus para as nossas vidas.

O Evangelho (boas novas) é que Jesus veio para pessoas como nós. Outro escritor do Evangelho, Lucas, nos diz que o objetivo declarado da missão de Jesus é “buscar e salvar os perdidos” (19.10). Em vez de nos deixar sem saber para onde ir em uma bifurcação na estrada, ou pior, seguir sem rumo o caminho errado, Jesus veio nos mostrar claramente o único caminho para Deus, para o novo país do reino e para a vida eterna.

Um comentarista parafraseia as palavras de Jesus da seguinte maneira: “Eu sou o Caminho para lá e eu sou a Verdade que te conduzirá no Caminho para lá, e eu sou a Vida que te dará o poder de seguir a

10. Ninguém é mais sincero sobre a sua verdade do que homens-bombas suicidas. No entanto, a sinceridade — não importa quão apaixonadamente comprometida a pessoa esteja com a sua verdade — não é suficiente se não estiver fundamentada na realidade final.

Verdade ao longo do caminho até lá.”¹¹ “Eu sou o Caminho”¹² não é um conjunto de direções, nem um mapa, nem um conjunto de pistas — Eu sou o Caminho. “Eu sou a Verdade” não é um conjunto de princípios organizadores da vida ou pressupostos filosóficos — Eu sou a Verdade.

“Eu sou a Vida” não é uma maneira alternativa de viver com um ponto de vista mais otimista — Eu sou a única vida real, a única forma de nos tornarmos verdadeiramente humanos.

A afirmação de Jesus Cristo de não ser apenas um caminho, uma verdade e uma vida, mas ser o verdadeiro e único Filho de Deus, é a base do cristianismo. Essa afirmação não foi feita para difamar outros sistemas de fé; mas sim para dizer que há apenas um caminho para o Pai, que é através de Jesus Cristo. Ele é o único meio pelo qual podemos ser salvos. Como Frederick Bruner apontou, “O Oriente ansiava permanentemente pelo ‘Caminho’ (o *Tao*), o Ocidente pela ‘Verdade’ (*Veritas*) e o mundo inteiro (oriente, ocidente, norte e sul) pela ‘Vida (*real*)’. Jesus é, em pessoa, os três”.¹³

Imagine que você está em uma cidade desconhecida e pede direções a alguém de como chegar a um lugar difícil de encontrar. A pessoa a quem pediu ajuda poderia dizer algo assim: “Você precisa virar à direita no próximo cruzamento. Depois, atravesse a praça, passe pela igreja e permaneça na via do meio, que o levará diretamente à terceira rua à direita, até chegar a uma rua de quatro vias”. Mesmo com orientações claras, quando o caminho é complicado, as chances de dar uma volta errada ou de se perder são altas.

11. Bruner, *The Gospel of John*, 823.

12. O pronome [ego, “eu”] é enfático, passando a ênfase de um método para uma Pessoa. Também é digno de nota, e foi destacado inúmeras vezes, que as palavras “Eu Sou” de Jesus em João são uma referência ao pronunciamento ardente de Deus a Moisés: “Eu Sou o Que Sou” (Êxodo 3.14). “Eu Sou” ficou conhecido nas Escrituras Hebraicas como *Jeová*.

13. Bruner, *The Gospel of John*, 812.

Suponha que, em vez disso, a pessoa a quem pergunta diz: “Sabe, não há uma maneira fácil de lá chegar. É complicado se você nunca esteve lá. Siga-me. Melhor ainda, venha comigo e eu o levarei até lá.” Essa pessoa se torna não apenas o seu guia, mas também essencialmente o caminho, e, desta forma, você não vai deixar de chegar onde precisa ir. É isso que Jesus faz por nós. Ele não apenas dá conselhos e orientações. Ele caminha conosco em uma jornada da graça. De fato, Ele não nos fala sobre o caminho — Ele se torna o Caminho!

Lesslie Newbigin, teólogo britânico e missiólogo reconhecido, articulou poderosamente essa perspectiva: “Não é que Ele [Jesus] ensine o caminho ou nos guie no caminho: se assim fosse, poderíamos agradecer-Lhe pelos Seus ensinamentos e depois seguir o caminho por nossa conta. Ele próprio é o caminho. (...) Seguir esse caminho é, de fato, o único caminho para o Pai”.¹⁴

Na história *Alice no País das Maravilhas*, de Lewis Carroll, Alice chega a uma encruzilhada e faz uma pergunta ao Gato Risonho: “Você poderia me dizer, por favor, que caminho devo seguir a partir daqui?”

“Isso depende muito de onde você quer ir”, responde o gato.

“Não me importo muito para onde vou”, responde Alice.

“Então não importa o caminho que você vai”, disse o Gato.

Talvez ninguém tenha resumido de forma mais eloquente a afirmação singular de Jesus do que Thomas à Kempis no seu clássico devocional, *A Imitação de Cristo*.

Siga-me. Eu Sou o Caminho, a Verdade e a Vida. Sem o Caminho, não há como “ir”. Sem a Verdade, não há conhecimento. Sem a Vida, não há como viver. Eu sou o Caminho que deve seguir, a Verdade em que deve acreditar, a Vida pela qual deve esperar. Eu sou o Caminho inviolável, a Verdade infalível e a Vida eterna. Eu sou o Caminho reto, a Verdade suprema, a

14. Lesslie Newbigin, *The Light Has Come: An Exposition of the Fourth Gospel* (Grand Rapids: Eerdmans, 1987), 181.

Vida verdadeira, a Vida abençoada, a Vida não criada. Se permanecer no meu Caminho, conhecerá a Verdade, a Verdade o libertará e alcançará a Vida eterna.¹⁵

Em Jesus, encontramos o Caminho para o Pai. Ele é o caminho para casa.

Em Jesus, encontramos a Verdade. Ele encarna a verdade imutável, segura e certa do caráter e da natureza do Pai.

Em Jesus, encontramos a Vida — vida abundante, tanto agora, como na nova criação que há de vir, como prometida por Deus.

Esta é a jornada da graça.

15. Thomas à Kempis, *Of the Imitation of Christ*, Book 3, chapter 56 (c. 1418–1427).

1

GRAÇA MARAVILHOSA

A graça está em toda parte.

— Georges Bernanos

Hoje, “Maravilhosa Graça” é um dos hinos mais famosos e amados do mundo. Embora tenha mais de dois séculos, esse hino continua a ser cantado em centenas de idiomas e dialetos.¹ Ele transcende raças e credos, fronteiras geográficas e geracionais. Você nem mesmo precisa ser cristão para saber as palavras e se comover com seu significado.

Foi um pastor inglês chamado John Newton que escreveu esse hino. Durante o início de sua vida adulta, ele era o capitão de um navio negreiro e foi pessoalmente responsável por trazer centenas de escravos da África Ocidental para a Grã-Bretanha. No entanto, após uma experiência de quase morte durante uma violenta tempestade no mar, ele teve uma experiência de conversão que o mudou radicalmente. Ele nunca mais foi o mesmo.

Ele não começou apenas uma jornada da graça com Deus, mas também se arrependeu profundamente do seu envolvimento pessoal

1. Enquanto escrevo isto, sentado numa sala do aeroporto de Joanesburgo, na África do Sul, consigo ouvir um dos trabalhadores cantarolando baixinho em “africâner”. O jornalista americano Bill Moyers assistia a uma apresentação no Lincoln Center, onde o público cantava “Graça Excelsa”. Ele ficou tão impressionado com o poder unificador da música entre cristãos e não cristãos, que se inspirou a produzir um documentário com o mesmo nome.

no tráfico de escravos. Ele renunciou o cargo de capitão, tornou-se um pastor anglicano e, mais tarde, tornou-se o mentor de William Wilberforce, que liderou a campanha para abolir a escravidão no Império Britânico. Aos oitenta e dois anos, quando estava prestes a morrer, Newton declarou: “A minha memória está quase desaparecendo. Mas lembro-me de duas coisas: que sou um grande pecador e que Cristo é um grande Salvador”. Não é de admirar que pudesse escrever de maneira tão poética — ele tinha recebido, experimentado e sido transformado por uma graça incrível.

Este é um livro sobre a graça. É sobre a jornada da graça pela qual somos feitos cada vez mais à imagem de Jesus Cristo, que é “o Caminho, a Verdade e a Vida”. A graça vem de muitas formas, tanto nas Escrituras como nas nossas vidas, mas a sua natureza permanece a mesma. Nós a recebemos pessoalmente como um presente de Deus e cooperamos com Deus em um relacionamento mútuo e transformador.

O que é graça?

O que é a Graça de Deus? Como é que ela entra nas nossas vidas, nos afeta, nos muda e nos capacita a viver vidas semelhantes a Cristo? Existem muitas definições de graça:

- O favor imerecido de Deus.
- O amor imerecido de Deus.
- O favor dado a alguém que merece o contrário.
- A expressão absolutamente livre do amor de Deus encontrando seu único motivo na generosidade e benevolência do Doador.²
- A bondade ilimitada de Deus.

Todas essas definições de graça tentam descrever aqueles aspectos indescritíveis e surpreendentes da resposta amorosa de Deus à imerecida

2. Esta é uma paráfrase livre da definição de graça atribuída ao falecido estudioso do Novo Testamento, linguista e líder de missões, Spiros Zodhiates.

humanidade. É por isso que usamos a palavra “maravilhosa”. Ela desafia as nossas categorias humanas de relacionamentos e transações.

Quem trabalha com finanças sabe o que é um “período de carência”. Os períodos de carência são pequenos períodos de tempo em que um pagamento é adiado sem que haja penalização. Quando alguém deve um pagamento de carro ou um empréstimo escolar, mas esse pagamento é adiado sem incorrer em multas por atraso, isso se trata de “um período de carência”. No entanto, um “período de carência” tem obrigações anexadas. Dura apenas por um curto período de tempo. Eventualmente terminará e, se alguém ainda não tiver pago o que deve, serão cobradas multas adicionais. É gratuito — mas não é incondicional.

A graça de Deus é diferente. A graça de Deus é gratuita (não deve ser confundida com algo que “não tem custo” — mais sobre essa ideia no fim do capítulo) e isso é algo bom porque, de outra forma, não a conseguiríamos pagar. Nunca poderíamos pagar ou retribuir o que devemos a Deus. É pela Sua graça que Deus faz por nós o que nunca poderíamos fazer por nós mesmos. É por isso que dizemos que a graça é imerecida. Deus nos trata melhor do que merecemos. É o favor que nos é dado quando merecemos o oposto e que nos leva a seguir Jesus em um discipulado completamente dedicado.

A definição mais simples de graça é “presente”. O apóstolo Paulo usou a palavra grega comum para “presente” ou “favor”, *charis*, e ajudou a reimaginá-la como uma maneira de descrever o vasto significado de tudo o que Deus fez por nós em Jesus Cristo (2 Coríntios 8.9; 9.15; Gálatas 2.21; Efésios 2.4-10).³ Também é importante notar que *charis* é derivado da raiz *char* — “aquilo que traz alegria”.⁴ Assim, a ação da graça dada e recebida evoca alegria e gratidão. Nesse sentido, é apropriado que os que recebem a graça ofereçam algo em troca:

3. A palavra grega *charis* é traduzida em latim para *gratia*, a partir da qual muitas línguas recebem a palavra “graça”.

4. Thomas A. Langford, *Reflections on Grace* (Eugene, OR: Cascade Books, 2007).

ação de graças e uma vida consagrada. Isto não quer dizer que a graça divina é uma transação relacional. O desejo (ou expectativa) de retribuir o favor nega o poder do presente.⁵ O pensamento transacional sempre enfraquece e desvaloriza as intenções de um presente.

Se eu der um presente a um amigo, posso dizer: “Quero dar este presente como um sinal do meu amor por você.”

A resposta normal seria meu amigo receber o presente e simplesmente dizer: “Obrigado”.

E se, em vez disso, meu amigo dissesse: “É muito gentil da sua parte. Quanto eu te devo?” Ele teria enquadrado a linguagem de um presente na linguagem de uma transação: Você está fazendo algo bom para mim. Fico te devendo uma.

Há outro problema em confundir o dom da graça com transações reembolsáveis. O significado fundamental da graça é que não há nada que possamos fazer para que Deus nos ame mais, e não há nada que possamos fazer para que nos ame menos do que já nos ama.⁶ Não há nada tão bom em nós que nos torne dignos ou capazes de conquistar o amor de Deus, e não há nada tão ruim em nós que possa nos separar do amor de Deus, que está em Jesus Cristo, nosso Senhor (Romanos 8.35–39). Deus não nos ama porque somos bons, e Deus não nos odeia porque somos maus. A natureza essencial de Deus é o amor santo, o que significa que a ação que mais plenamente caracteriza Deus é a graça abnegada e derramada divinamente.⁷

5. Em *Paul and the Gift* (Grand Rapids: Eerdmans, 2015), John M. G. Barkley defende que a ideia de “presente” como algo entregue “gratuitamente” é um conceito ocidental moderno. Durante toda a antiguidade, e ainda hoje em muitas partes do mundo, os presentes são dados com fortes expectativas de retorno — mesmo para obter algo que fortaleça a solidariedade social. O entendimento do Evangelho do Novo Testamento sobre o “presente” da salvação é que, embora não seja merecido e não possa ser conquistado, a graça gera justiça e a justiça gera obediência.

6. Philip Yancey, *What’s So Amazing about Grace?* (Grand Rapids: Zondervan, 1997), 70.

7. “A característica mais essencial de Deus é o amor. ‘Deus é amor’, diz João de

Philip Yancey reconhece isto quando escreve: “A graça significa que Deus já nos ama tanto quanto um Deus infinito pode amar”.⁸ Como Deus não nos amou inicialmente com base no nosso bom comportamento, como é que um comportamento melhor poderia fazer com que nos amasse mais? Da mesma forma, como é que um comportamento pior poderia fazer com que nos amasse menos? Não pode orar mais, dar mais, servir mais ou sacrificar mais e fazer com que Deus diga: “Ela está se saindo muito melhor. Ela finalmente está se tornando boa. Amo-a mais agora do que antes”. Não. Você é amada(0) tal como é. Quando se trata do amor de Deus, nada depende do que se faz ou de como se comporta — não porque o mereço, mas porque o amor é a primeira e a última inclinação do coração de Deus.

Uma boa e comum comparação entre justiça, misericórdia e graça: a justiça é você obter o que merece. A misericórdia é você não obter o que merece. A graça é você obter o que não merece.

Jesus contou muitas parábolas para nos ajudar a reimaginar a vida do ponto de vista do reino. As parábolas não eram apenas histórias morais contadas para nos mostrar uma melhor maneira de viver. Elas nos ajudam a entender melhor e a corrigir o nosso conceito da natureza e do coração de Deus. Pense nas parábolas da ovelha perdida, da moeda perdida e dos filhos perdidos (Lucas 15).⁹ Jesus descreve Deus como um pastor que fica muito feliz, não porque noventa e nove ovelhas seguiram as regras, mas porque uma das Suas, que estava perdida,

maneira simples e profunda. Podemos modificar o amor de Deus com a palavra ‘santo’. No entanto, isso pouco acrescenta à compreensão de Deus porque, por natureza, o amor de Deus é santo. O modificador ‘santo’ nos lembra, no entanto, que Deus está além de nós como sendo diferente de nós. Deus é santo, sempre diferente de nós em natureza”. Diane LeClerc, *Discovering Christian Holiness: The Heart of Wesleyan-Holiness Theology* (Kansas City, MO: Beacon Hill Press of Kansas City, 2010), 274.

8. Philip Yancey, *What’s So Amazing about Grace?*, 70.

9. O meu uso de “filhos” no plural é intencional. O ensino de Jesus nesta parábola parece deixar claro que os dois filhos estavam perdidos por diferentes razões — mas apenas um saiu de casa.

foi encontrada. Ele descreve Deus como uma mulher que vira a casa do avesso para procurar uma moeda preciosa. Quando a encontra, fica tão feliz que faz uma festa para comemorar com os seus amigos. E descreve Deus como um pai apaixonado que procura no horizonte por sinais de um filho rebelde. Quando vê o rapaz errante “ainda longe” (Lucas 15.20), fica cheio de compaixão e corre para o receber em casa. Todas essas são ideias sobre a natureza e o coração de Deus. “Ser encontrado” deleita o coração de Deus! A graça supera a perambulação, a perda e a infidelidade.

Jesus contou outra parábola sobre os trabalhadores de uma vinha cujo empregador paga a todos os trabalhadores o mesmo salário, embora alguns trabalhem muito menos horas que outros (Mateus 20.1-16). Esta história não faz sentido a nível econômico. Parece uma prática empresarial imprudente. Este tipo de comportamento imprudente de um empresário corre o risco de alienar os funcionários que mais trabalham e incentivar a preguiça dos menos motivados. No entanto, esta não é uma parábola sobre as melhores práticas de negócio; é uma parábola sobre a extravagante graça de Deus. A graça não é uma equação matemática que registra as horas dos funcionários, segue princípios contabilísticos ou recompensa os trabalhadores mais esforçados. A graça não é sobre quem merece ser pago; se trata de pessoas que não merecem receber presentes de forma nenhuma. Se isso é escandaloso para os seus ouvidos e ridículo para o seu senso comum, então, está começando a entender a questão da graça.

A graça é pessoal

Podemos falar da experiência da graça porque ela é profundamente pessoal e relacional. A graça é pessoal por dois motivos importantes. Primeiro, a graça não é uma coisa. Não é uma mercadoria. Não é uma substância sagrada derramada em nós como um “óleo de motor cristão” para ajudar o nosso “motor” de discipulado a funcionar com

mais eficiência. A graça é pessoal porque vem a nós na pessoa de Jesus Cristo, que disse: “Eu sou o caminho, a verdade e a vida”.¹⁰

Thomas Langford, um teólogo da tradição wesleyana, afirma que, ao longo da história da igreja tem havido uma luta entre dois entendimentos da graça:

Por um lado, a graça tem sido pensada como algo, algo que Deus possui e pode dar, e talvez algo que as pessoas possam aceitar e possuir; ou, em termos mais amplos, alguma atmosfera, energia ou poder que representa a ação de Deus e fornece um contexto circundante para a vida humana. Por outro lado, a graça foi identificada com “alguém”; a graça é uma pessoa, a graça é Deus — Deus presente aos seres humanos. Falar da graça é falar da presença de Deus e da interação afetuosa com a criação. Nesse entendimento, as considerações sobre a graça são baseadas em reflexões sobre a vida, a morte e a ressurreição de Jesus. Jesus Cristo é a graça; a graça é Jesus Cristo.¹¹

Fico impressionado com o poder da declaração de Diarmaid MacCulloch em sua história monumental do cristianismo: “Uma pessoa, não um sistema, capturou [Paulo] nos misteriosos eventos no caminho para Damasco”.¹² Saulo de Tarso — que passou a ser conhecido como o apóstolo Paulo — não estava preparado para essa revelação surpreendente. O seu compromisso tinha sido com uma religião, um sistema definido, uma tradição, uma lei. Ele a conhecia muito bem. Ele era seu defensor treinado e apaixonado — mas foi uma pessoa que o mudou. Essa pessoa foi Jesus de Nazaré, a quem Paulo mais tarde identificaria como Cristo e Senhor.

10. Quando o Evangelho de João fala do Espírito Santo como “outro” consolador, significa que o Espírito da Verdade continuará o ministério de Jesus, a Verdade (14.6, 16–17).

11. Langford, *Reflections on Grace*, 18.

12. Diarmaid MacCulloch, *Christianity: The First Three Thousand Years* (New York: Penguin Books, 2009), 9.

O sistema anterior de crenças de Paulo era a total adesão à lei. Após a experiência no caminho para Damasco (Atos 9.1–22), ele passou a ver as coisas de forma diferente. Ainda acreditava que a lei era boa — mas incompleta. Quando conheceu a pessoa, ele mudou o seu foco do que era bom (sua herança judaica) para alguém incomparavelmente melhor: Jesus Cristo. Através da experiência de um encontro íntimo com Cristo, ele descobriu uma justiça que não era sua.¹³

Paulo acreditava que o relacionamento do crente com Cristo (a pessoa) poderia se tornar tão íntimo que ele fala disso como “unidade em Cristo”, indicando uma união total. A unidade não era um conceito abstrato, greco-romano e platônico para Paulo. Jesus Cristo foi (é) um ser humano real no espaço e tempo histórico recente. Ele não é apenas como nós em Sua humanidade, mas é — como aquele que Paulo conheceu na estrada de Damasco — uma pessoa ressuscitada e transcendente cuja vida, morte, ressurreição e ascensão reverteram a catástrofe de nosso pecado e queda (1 Coríntios 15.22).

Em um sentido muito real, a mudança de nome de Saulo para Paulo foi mais do que uma conversão, foi um despertar: “algo como escamas caiu dos seus olhos e a sua visão foi restaurada” (Atos 9.18). Foi uma regeneração. Paulo recebeu um presente puro e inalterado que não podia ganhar nem merecer. Agora, ele podia ver para onde a lei tinha apontado o tempo todo — para uma pessoa. É por isso que escreveria mais tarde: “nós pregamos a Cristo crucificado, que é escândalo para os judeus e loucura para os gregos. Mas, para os que são chamados, tanto judeus como gregos, lhes pregamos a Cristo, poder de Deus e sabedoria de Deus” (1 Coríntios 1.23–24). Isto era escandaloso para quem estava vinculado à lei e tradição judaicas, e loucura para quem estava absorvido na cultura grega de elite e nas visões filosóficas ocidentais. Mas, para aqueles que acreditavam que Jesus era o

13. *Dikaioun*, “ser feito justo” (ou na frase que ficou famosa pela Reforma Protestante no século XVI, “ser justificado”), denota que há uma graça que vem de fora de nós mesmos.

Cristo de Deus (em grego, *christos* significa o “ungido”), pela graça de Deus, Ele se tornou a sua salvação.¹⁴

Os primeiros cristãos não pregaram um sistema nem uma religião. Eles proclamaram uma pessoa. Para o Islã, a Palavra tornou-se um livro (Alcorão); para o cristianismo, o Verbo se fez carne (João 1.14).¹⁵ Um ser humano, o eterno, único Deus, tornou-se uma pessoa — encarnação. Os primeiros cristãos não desistiram das suas vidas por uma teoria, princípio ou força vital. Foi para e por causa de uma pessoa — uma pessoa real que foi realmente crucificada e sepultada, que realmente ressuscitou dentre os mortos como os primeiros frutos da nova criação, que realmente subiu ao céu e que vai mesmo voltar.

Não conheço ninguém que descreva isto de maneira mais articulada do que Dietrich Bonhoeffer: “Com uma ideia abstrata, é possível entrar em uma relação de conhecimento formal, se entusiasmar com ela e talvez até colocá-la em prática; mas nunca pode ser seguida em obediência pessoal. O cristianismo sem o Cristo vivo é inevitavelmente um cristianismo sem discipulado e o cristianismo sem discipulado é sempre um cristianismo sem Cristo”.¹⁶

Portanto, a jornada da graça não é seguir um sistema, um livro, um *Manual*, uma denominação ou uma tradição. Seguimos, adoramos e servimos a Jesus Cristo. A graça é o resultado de todos os benefícios da vida, ministério, morte, ressurreição e ascensão do Jesus pessoal, que agora é Cristo e Senhor.

Um relato cristocêntrico (centrado em Jesus) da graça não deve negligenciar uma teologia trinitária mais robusta da graça (Deus como Criador e Pai; o poder do Espírito Santo na vida do crente). Entender a graça como pessoa é lembrar que tudo o que conhecemos

14. *Strong's Concordance of the New Testament* indica que *charis*, “graça”, aparece pelo menos oitenta e oito vezes nas cartas de Paulo às igrejas do primeiro século.

15. Agradeço a Daniel Gomis, diretor regional da Igreja do Nazareno na África, por esta importante distinção.

16. Dietrich Bonhoeffer, *The Cost of Discipleship* (New York: Macmillan Company, 1949), 63–64.

pessoalmente sobre Deus é revelado mais claramente na vida, ensino e experiência da pessoa que Deus escolheu para se tornar conhecida. O objetivo de todo discipulado cristão é moldar os que recebem a graça à imagem e semelhança de Jesus Cristo. A graça não é algo — a graça é uma pessoa.

Essa afirmação nos leva à segunda razão pela qual a graça é pessoal: a graça chega a cada pessoa de acordo com a sua necessidade ou capacidade específica de recebê-la. Cada pessoa recebe e se apropria da graça de forma única.

Tenho muitos amigos, mas me relaciono com eles de formas diferentes, porque cada um é único. Tenho três filhos e, embora ame todos da mesma forma, não posso tratá-los da mesma forma. Eles são todos diferentes, por isso, a minha abordagem parental deve se adaptar a cada um. Esta é a maneira amorosa de ser um amigo e ser um pai.

Da mesma forma, a graça é apropriada e recebida exclusivamente por cada pessoa, porque experimentamos a graça em um relacionamento pessoal com o Deus trino, que nos foi dado pelo Pai, estendido por Jesus Cristo e capacitado pelo Espírito Santo. A graça é pessoal porque chega até nós em uma pessoa, personalizada de acordo com as nossas necessidades. À medida que Deus Se entrega mais a nós, mais graça é dada.

A graça é dispendiosa

Dietrich Bonhoeffer nos lembra que, embora a graça seja livre, ela não vem sem um custo. Em um parágrafo penetrante do seu livro mais conhecido, *The Cost of Discipleship* [O Custo do Discipulado], Bonhoeffer destaca a diferença entre a graça barata e graça custosa como a falta de exigência por um discipulado real ou uma expectativa acerca dele: “A graça barata é uma graça sem discipulado, uma graça sem a cruz, uma graça sem Jesus Cristo, vivo e encarnado”.¹⁷ Além

17. Bonhoeffer, *The Cost of Discipleship*, 47-48.

disso, Bonhoeffer afirma sem rodeios que a graça barata é o “inimigo mortal da nossa igreja”, “o inimigo mais amargo do discipulado” e “tem sido a ruína de mais cristãos do que qualquer mandamento de obras”.¹⁸ Pode-se dizer que se é justificado apenas pela graça como um presente de Deus, mas o fruto de uma vida justificada é aquele que deixou tudo e seguiu a Cristo.¹⁹ E a razão, Bonhoeffer aponta corretamente, é que quando alguém ouve a chamada de Jesus para O seguir, a resposta dos discípulos é primeiramente um ato de obediência antes de ser uma confissão doutrinária de fé (Marcos 2.14).²⁰

Bonhoeffer continua a descrever como a graça é dispendiosa e porque é que um discipulado completo e totalmente rendido é a única resposta apropriada.

A graça é dispendiosa porque nos chama a seguir e é graça porque nos chama a seguir Jesus Cristo. É dispendiosa porque custa a vida e é graça porque dá ao homem a única vida verdadeira. É dispendiosa porque condena o pecado e é graça porque justifica o pecador. Acima de tudo, é dispendiosa porque custou a Deus a vida do Seu Filho: “Foste comprado por um preço” e o que custou muito a Deus não pode ser barato para nós. Acima de tudo, é graça, porque Deus não considerou o Seu Filho demasiado dispendioso para pagar pela nossa vida, mas entregou-O por nós. A graça dispendiosa é a Encarnação de Deus.²¹

A vida do discipulado é uma jornada da graça. Começa com a graça, é fortalecida pela graça e é infundida com graça do início ao fim. Não há verdadeiro discipulado a menos que sigamos e obedecemos ao caminho de Jesus. A graça de Deus pode ser recebida como um presente — de forma gratuita — mas não pode permanecer à parte das exigências do discipulado.

18. Bonhoeffer, *The Cost of Discipleship*, 45, 55, 59.

19. Bonhoeffer, *The Cost of Discipleship*, 55.

20. Bonhoeffer, *The Cost of Discipleship*, 61.

21. Bonhoeffer, *The Cost of Discipleship*, 47-48.

A graça é maravilhosa

Philip Yancey relata uma cena do filme *The Last Emperor* [O Último Imperador], do jovem ungido como o último imperador da China. Ele vive uma vida de luxo com muitos servos sob seu comando.

“O que acontece quando você erra?” — pergunta o irmão.

“Quando eu erro, alguém é punido” — responde o imperador. Para demonstrar, o menino imperador quebra um precioso artefato e um dos servos é espancado pela transgressão.²²

Esse era o costume antigo dos reis e imperadores. Não era justo nem misericordioso. Então, chegou alguém de outro mundo. Ele era um Rei que trouxe um novo significado ao conceito de autoridade. Ele reverteu a antiga ordem e inaugurou um novo reino. Quando os seus servos caem no pecado, este Rei recebe o que lhes é devido. Yancey reflete: “A graça é gratuita apenas porque o próprio doador arcou com o custo”.²³

Isso não é justiça ou misericórdia — é graça. Graça dispendiosa. Talvez seja por isso que ainda gostamos de cantar o hino de Newton. A graça é maravilhosa.

Então, como é que a graça extravagante de Deus se manifesta nas nossas vidas diárias? Uma coisa é saber o que ela significa. É ótimo saber que Deus nos ama desta forma, mas que diferença é que isso faz na minha vida? Qual é a aparência da graça quando olho para ela? O que é que a graça faz quando a experimento? Que diferença a graça faz na minha vida cotidiana?

A graça é experimentada de maneiras multifacetadas, diferenciadas e diversas. O restante deste livro explorará as múltiplas expressões da jornada da graça.

22. Yancey, *What's So Amazing About Grace?*, 67.

23. Yancey, *What's So Amazing About Grace?*, 67.



O CAMINHO

Através da graça que busca (também chamada de graça preveniente), Deus vai adiante de nós para abrir um caminho e nos atrair para um relacionamento com Ele.



2

A GRAÇA QUE BUSCA¹

Pois o Filho do homem veio buscar e salvar o perdido.

— Lucas 19.10

O discipulado é semelhante a uma longa obediência na mesma direção — com Jesus como nosso guia e companheiro.² Chamamos a isso de jornada da graça. A jornada da graça é sempre dinâmica porque é relacional na sua essência. Andar pela fé é mais aventura do que trabalho enfadonho, mais prazer do que dever, com cada passo da jornada de discipulado imerso na graça de Deus. Experimentamos a graça de Deus de maneiras diferentes em várias épocas de nossas vidas. Embora essas facetas da graça nem sempre sejam sequenciais

-
1. Partes deste capítulo são incluídas e adaptadas do capítulo do autor, intitulado “The Grace That Goes Before: Prevenient Grace in the Wesleyan Spirit” [“A Graça Que Vem Antes: Graça Preveniente no Espírito Wesleyano”], de David A. Busic, em *Wesleyan Foundations for Evangelism* [Fundamentos Wesleyanos para Evangelismo], ed. por Al Truesdale (Kansas City, MO: The Foundry Publishing, 2020). Foram usadas com permissão.
 2. A frase “uma longa obediência na mesma direção” é emprestada de um livro sobre discipulado de autoria do pastor-teólogo Eugene Peterson, *A Long Obedience in the Same Direction: Discipleship in an Instant Society* (Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 1980).
- * Partes deste capítulo são incluídas e adaptadas do capítulo do autor, intitulado “The Grace That Goes Before: Prevenient Grace in the Wesleyan Spirit”, de David A. Busic, em *Wesleyan Foundations for Evangelism*, ed. por Al Truesdale (Kansas City, MO: The Foundry Publishing, 2020). Foram usadas com permissão.

(seguindo uma ordem específica), elas são diferenciadas de acordo com os diversos propósitos que cumprem em nossas jornadas de discipulado.³

Existem pelo menos cinco motivos bíblicos que retratam como experimentamos a graça de Deus. Isso não quer dizer que existam diferentes classificações da graça, como se a graça pudesse ser dissecada em diferentes medidas ou tipos categóricos.⁴ Como Jack Jackson aponta, “a graça de Deus é singular”⁵ ou, tal como John Wesley afirma, a graça de Deus é simplesmente “o amor de Deus”.⁶ Para evitar essa tendência de classificar vários tipos de graça, Wesley escolheu se concentrar na natureza experimental da graça: “Dependendo do estágio de discipulado, as pessoas experimentam a graça de Deus de maneira diferente. As pessoas que se encontram no estado de natureza (pré-cristão) experimentam a graça de forma preveniente; uma vez despertados, experimentam a graça de maneira convincente e justificativa; e então, finalmente, uma vez justificados, experimentam

-
3. Embora a graça possa não ser experimentada sequencialmente, os teólogos referem-se a uma ordem de salvação (*ordo salutis*). No entanto, Diane LeClerc destaca um ponto importante: “Como é frequentemente considerada uma série de etapas na vida cristã, alguns estudiosos preferem a via salutis, ou meio de salvação, para enfatizar a fluidez de um estágio para outro”. Em *Discovering Christian Holiness: The Heart of Wesleyan-Holiness Theology* (Kansas City, MO: Beacon Hill Press of Kansas City, 2010), 315.
 4. Esta foi uma questão importante no último capítulo. A graça não é uma coisa — a graça é uma pessoa e é pessoal. Tom Noble sugere que a tendência de tratar a graça como uma força ou uma substância objetiva veio do agostinismo medieval. Surgiram diferentes tipos de graça que poderiam ser infundidos nos cristãos. A tendência se expandiu no escolasticismo protestante do século XVII. “Esse modelo escolar de graça traz os seus próprios problemas, particularmente uma tendência de despersonalizar a ação de Deus, substituindo a ação pessoal do Espírito por essa substância impessoal chamada ‘graça’”. T. A. Noble, *Holy Trinity: Holy People: The Theology of Christian Perfecting* (Eugene, OR: Cascade Books, 2013), 100.
 5. Jack Jackson, *Offering Christ: John Wesley’s Evangelistic Vision* (Nashville: Kingswood Books, 2017), 53.
 6. John Wesley, Sermon 110, “Free Grace,” Sermons III: 71–114, vol. 3 in *The Bicentennial Edition of the Works of John Wesley* (Nashville: Abingdon Press, 1986), 3.544, par. 1.

a graça trabalhando para santificar as suas mentes e corações.”⁷ A descrição de Jackson da teologia de Wesley aqui é lindamente escrita, lógica e ainda assim flexível, distinguindo entre a graça como uma coisa e como uma jornada relacional que inclui circunstâncias e experiências da vida, compromissos divinos e tempo providencial. A graça é uma pessoa e é estendida de formas pessoais.

Com isso em mente, oferecemos os seguintes motivos para nos ajudar a entender melhor como muitas vezes experimentamos o amor de Deus na jornada da graça, reconhecendo que não são tipos diferentes de graça, mas maneiras diferentes pelas quais podemos experimentar Deus como graça personificada ao longo das nossas vidas.⁸

- A Graça Que Nos Busca
- A Graça Salvadora
- A Graça Santificadora
- A Graça Sustentadora
- A Graça Suficiente

Nos capítulos seguintes, examinaremos cada um destes motivos em detalhe, bíblica, teológica e experimentalmente. Começemos pela graça que busca.

A graça que vai adiante de nós

A graça de Deus não começa no momento da nossa salvação. Ela precede até a consciência da nossa necessidade de Deus. Nós não buscamos Deus naturalmente; pelo contrário, Deus nos busca. O termo

7. Jackson, *Offering Christ*, 53.

8. Seguindo o entendimento de William Greathouse e H. Ray Dunning sobre a “salvação” como um termo teológico com amplas conotações: “[Salvação] abrange toda a obra de Deus direcionada para restaurar o homem ao seu estado perdido. Começando com a salvação inicial, inclui todos os aspectos dessa restauração, incluindo a salvação final ou a ‘glorificação’”. William M. Greathouse and H. Ray Dunning, *An Introduction to Wesleyan Theology* (Kansas City, MO: Beacon Hill Press of Kansas City, 1982), 75. Além disso, Greathouse e Dunning explicam que a salvação não se localiza num evento ou numa experiência singular: “O Novo Testamento fala da salvação em três tempos: passado (foi), presente (está a ser) e futuro (será)”.

teológico para esta ação, através da qual Deus procura se aproximar, é graça preveniente. A graça preveniente significa simplesmente que Deus vem até nós antes de chegarmos a Ele. A graça de Deus nos busca e chega onde estamos.

Às vezes, os cristãos começam o testemunho da sua experiência de conversão com uma declaração sobre como “chegaram a Cristo”, em um certo lugar ou com certa idade. Estas são tentativas genuínas de recontar um tempo e um local específico quando tiveram um encontro com Deus e experimentaram um novo nascimento em Cristo. No entanto, a expressão “encontrar a Cristo” não é exatamente precisa, porque ninguém nunca encontra a Jesus Cristo. Jesus Cristo vem até nós. Em uma carta muito importante escrita aos primeiros cristãos gentios, o apóstolo Paulo diz: “E vos vivificou, estando vós mortos em ofensas e pecados, em que noutro tempo andastes segundo o curso deste mundo, mas Deus, que é riquíssimo em misericórdia, pelo seu muito amor com que nos amou estando nós ainda mortos em nossas ofensas, nos vivificou juntamente com Cristo (pela graça sois salvos)” (Efésios 2.1-2, 4-5). Preste especial atenção a uma palavra que Paulo repete para dar uma ênfase especial: mortos. Paulo leva isso muito a sério! Ele não diz que estávamos “doentes” nos nossos pecados ou “presos” neles. Não. Nós estávamos mortos nos nossos pecados.

Segundo a Bíblia, existem três tipos de morte: física, espiritual e eterna. Paulo está descrevendo a morte espiritual. Estávamos vivendo, respirando e passando pelos momentos da vida, mas estávamos espiritualmente mortos por causa do pecado. Uma pessoa pode estar fisicamente viva e passear, mas por dentro ela não consegue responder às coisas espirituais porque não tem sensibilidade espiritual. É por isso que alguém que está espiritualmente morto não se conecta à verdade espiritual. Não é mais real, para eles, do que um olfato para uma pessoa morta. As pessoas mortas não respondem, se desconectam dos outros e desconhecem o que as rodeia.

Paulo diz que estávamos todos nesta condição de mortos-vivos. Da mesma forma como os mortos não podem responder a estímulos externos, nenhuma pessoa espiritualmente morta pode “chegar a Cristo” pela sua própria força. A ajuda deve vir de fora. Portanto, de acordo com Paulo e outras passagens bíblicas, Deus intervém na nossa situação desesperadora e faz algo por nós que não podemos fazer por nós mesmos: Deus chega onde estamos. Pelo poder do Espírito Santo, Deus se move na nossa direção e desperta as nossas sensibilidades espirituais. Esta realidade leva a um pensamento profundo: até a nossa capacidade de dizer não aos sussurros de Deus só é possível porque a graça preveniente de Deus já nos encontrou. Apenas somos livres para responder a Deus porque Deus libertou a nossa consciência espiritual para o fazer. Um movimento da graça sobre nós precede qualquer resposta a Deus.

A “Bela Adormecida” é um conto de fadas famoso sobre uma princesa que foi enfeitiçada por uma rainha má. A princesa permanece em um perpétuo estado de sono e a única maneira de ser despertada é se o príncipe vier e beijá-la. Esse beijo a desperta do seu estado de coma e a resgata da sua condição sem esperança. Embora seja apenas um conto de fadas, é simbólico de como a graça preveniente funciona. A Bíblia diz que cada alma humana está em um tipo de sono de morte espiritual e que somos incapazes de nos trazer à consciência espiritual. Então, o Príncipe chega e nos beija, o feitiço é quebrado e somos despertados para novas realidades desconhecidas. Assim, como o pai apaixonado de Lucas 15 corre para o filho desgraçado no fim do caminho, este beijo representa a graça preveniente. Leia novamente estas palavras da parábola através das lentes da graça preveniente: “A seguir, levantou-se e foi para seu pai. Estando ainda longe, seu pai o viu e, cheio de compaixão, correu para seu filho, e o abraçou e beijou. (...) ‘Pois este meu filho estava morto e voltou à vida; estava perdido e foi achado’. E começaram a festejar o seu regresso.” (Lucas 15.20, 24).

John Wesley e a graça preveniente

O nosso progenitor teológico John Wesley tinha muito a dizer sobre a graça preveniente. Embora ele não acreditasse que o discipulado real começasse até depois da conversão, ele sustentava que a graça de Deus trabalha antecipadamente, despertando nas pessoas o desejo de começar a buscar a Deus, cujo desejo marca o início do despertar.⁹ Buscamos a Deus apenas porque Deus nos busca primeiro.

John Wesley não foi o primeiro a abraçar a ideia do poder da graça preveniente estendido a todas as pessoas, mas certamente acrescentou a sua própria distinção na ordem da salvação.¹⁰ Às vezes, referindo-se a ela como “graça preveniente”, Wesley acreditava que, desde o nascimento, a graça de Deus está ativa em todas as pessoas, buscando atraí-las para a vida eterna em Jesus Cristo. Isso é verdade mesmo que nunca tenham ouvido o Evangelho sendo proclamado. A presença e a ação prévia de Deus através do Espírito Santo é a graça que “antecede” o ouvir as boas novas, o despertar espiritual e a conversão.

Nenhuma pessoa é estranha à graça de Deus, e todos são objetos do cortejo do Espírito de Jesus. Como seres humanos caídos, “mortos nas nossas transgressões e pecados” (Efésios 2.1), somos incapazes de chegar a Deus pelas nossas próprias forças. Portanto, Deus é sempre o primeiro na cena do despertar, conversão e transformação de vida. Chamamos a atividade inicial do Espírito Santo de “preveniente” porque precede sempre a nossa resposta. Pode-se chegar à fé em Jesus Cristo, mas nunca ninguém “chega a Cristo” a menos que Deus primeiro os atraia e os capacite. Jesus disse aos seus discípulos que seria a obra do Espírito Santo (João 16.5-15; ver também João 6.44).

Como Lovett Weems coloca, “Deus nos procura antes mesmo de O buscarmos. A iniciativa da salvação está com Deus desde o começo.

9. Jackson, *Offering Christ*, 43–44. Ver também Randy Maddox, *Responsible Grace: John Wesley's Practical Theology*, (Nashville: Kingswood, 1994), p. 8.

10. Na tradição católica, a “graça atual” é dividida em duas partes: “graça preveniente operacional” e “graça cooperante subsequente”.

Antes de darmos um passo, Deus já está lá”.¹¹ A graça não é irresistível, mas ninguém fica sem o convite de um relacionamento pessoal com Deus. O que isto significa para quem segue a tradição wesleyana de santidade? Isto significa que, ao partilharmos o Evangelho, nunca encontramos um contexto moralmente neutro. Não há pessoas que encontremos que não tenham sido afetadas pela graça preveniente. Certamente, alguns serão mais resistentes ou receptivos do que outros, mas podemos ter a certeza de que Deus tem estado fielmente ativo nas suas vidas muito antes de chegarmos em cena. O príncipe precedeu a nossa entrada na vida dessas pessoas.

A oferta da salvação de Deus não é coerciva. Pela sua natureza, o amor recíproco (a base do verdadeiro relacionamento) exige a liberdade de aceitar ou rejeitar o amor oferecido. No entanto, a graça preveniente precede a nossa resposta e possibilita-a. Essa é a ordem da redenção e o começo do discipulado. Deus inicia; nós respondemos. A graça acontece sempre primeiro.

Desenvolvendo o que Deus está operando em nós

Todo o Novo Testamento presta testemunho e os escritos do apóstolo Paulo enfatizam especialmente que “quando uma pessoa crê em Jesus como Senhor ressuscitado, esse evento é em si um sinal que o Espírito está trabalhando através do Evangelho, e que, se O Espírito iniciou aquela ‘boa obra’ da qual essa fé é o primeiro fruto, pode-se confiar que terminará essa obra”.¹² No entanto, essa garantia não nega a importância da participação humana. O relacionamento implica cooperação.

Paulo enfatiza quem começa e termina a jornada da graça: “Tendo por certo isto mesmo, que Aquele que em vós começou a boa obra a

11. Lovett H. Weems, Jr., *John Wesley's Message Today* (Nashville: Abingdon Press, 1991), 23.

12. N. T. Wright, *Paul: A Biography* (San Francisco: HarperOne, 2018), 96.

aperfeiçoará até ao dia de Jesus Cristo” (Filipenses 1.6).¹³ Além disso, o discípulo (e igreja) de Jesus deve operar a sua salvação “com temor e tremor; porque Deus é o que opera em vós tanto o querer como o efetuar, segundo a sua boa vontade” (2.12-13).¹⁴ Devemos, pela graça, desenvolver no mundo o que Deus está operando em nós. Os exemplos bíblicos úteis são abundantes.

Deus veio a Abraão em um lugar chamado Ur dos Caldeus (agora chamado de Irã). Deus iniciou o chamado dizendo: “Farei de você um grande povo, e o abençoarei.

Tornarei famoso o seu nome, e você será uma bênção.” (Gênesis 12.2). Quem chegou primeiro? Deus. Quem começou a boa obra em Abraão? Deus. Contudo, Abraão teve que responder em obediência para desenvolver, no mundo, o que Deus estava trabalhando nele. Deus veio a Jacó em um sonho revelando uma escada para o céu (Gênesis 28.10-22) e depois lutou com Jacó no rio Jaboque (32.22-32). Quem chegou primeiro? Deus. Quem começou a boa obra em Jacó? Deus. No entanto, Jacó teve que desenvolver o que Deus estava operando nele.

Moisés estava a cem milhas do nada. Deus veio até ele por meio de uma sarça ardente e o chamou para resgatar o Seu povo da escravidão no Egito (Êxodo 3.1–4.17). Quem chegou primeiro? Deus. Quem começou a boa obra em Moisés? Deus. No entanto, Moisés teve que desenvolver o que Deus estava operando nele.

O Cristo vivo apareceu a Saulo (ou cercou-o) no caminho para Damasco (Atos 9.1-19). Saulo não estava à procura de Deus. Ele estava em uma missão para perseguir os cristãos. Quem chegou primeiro? Deus. Quem iniciou a boa obra em Saulo (que rapidamente se tornou Paulo, missionário aos gentios)? Deus. No entanto, como Paulo diria

13. Observe que Deus é tanto o iniciador como o facilitador da jornada da graça.

14. Adiciono aqui “a igreja” porque a palavra “vocês” está no plural.

mais tarde na sua carta à igreja filipense, ele teve que desenvolver o que Deus estava operando nele.

O eunuco da África em uma estrada deserta na Judeia (Atos 8), Cornélio em uma visão às três horas da tarde (Atos 10), Lídia à beira do rio (Atos 16): o que têm todos eles em comum? Estas e muitas outras histórias semelhantes mostram pessoas respondendo com fé ao Deus que primeiro veio a elas. Todos estavam desenvolvendo o que Deus estava operando neles.

Existe um padrão consistente de Deus em agir com Sua graça preveniente e pessoas que respondem em fé. O missiólogo britânico Leslie Newbiggin disse: “Fé é a mão que agarra a obra consumada de Cristo e a torna minha”. Não elimina a necessidade de resposta, mas a graça preveniente vem sempre em primeiro lugar. Mesmo Agostinho, que era um firme defensor da predestinação, afirmou: “Aquele que nos fez sem nós mesmos, não nos salvará sem nós mesmos”.¹⁵

Providência e preveniência

Há uma diferença entre graça providencial e graça preveniente. Providência é como Deus provê o sustento e a provisão de Sua criação, incluindo os seres humanos.¹⁶ Deus “provê” ou “assiste” (Gênesis 22.8, 14) o que é necessário para sustentar o mundo e prover às pessoas individualmente.

Como a providência de Deus cruza a vida de cada pessoa é profundamente misterioso. Quando, onde e em que família uma pessoa nasce é uma questão de providência. Por que uma pessoa nasce em uma família hindu na Índia em 1765, enquanto outra pessoa nasce

15. Citado em John Wesley, *The Works of the Rev. John Wesley* (Kansas City, MO: Nazarene Publishing House, n.d.; and Grand Rapids: Zondervan Publishing House, 1958, concurrent editions), VI, 513.

16. A palavra “providência” vem de duas palavras latinas: pro, que significa “encaminhar” ou “em nome de”; e videre, que significa “ver”. A providência às vezes é distinguida em duas categorias: “providência geral”, o cuidado de Deus pelo universo; e “providência especial”, a intervenção de Deus na vida das pessoas.

em uma família cristã em Moçambique em 2020, são questões de providência. A providência de Deus carrega vários graus de responsabilidade espiritual. Aquele a quem é dada a oportunidade de ouvir o Evangelho ao longo de sua vida será julgado de maneira diferente do que o que nunca ouviu acerca do nome de Jesus. A parábola de Jesus do servo fiel e sábio é sobre mais do que posses materiais — envolve a mordomia da graça de Deus. “A quem muito foi dado, muito será exigido; e a quem muito foi confiado, muito mais será pedido.” (Lucas 12.48). Nem todos têm a mesma oportunidade e o mesmo terreno em que se apoiar. Alguns recebem mais e outros recebem menos. Com o presente de “mais”, surge uma maior exigência por uma resposta. Essas são questões acerca da providência divina.

Se a providência é o lugar onde Deus nos coloca, a prevenção descreve as formas multifacetadas pelas quais Deus nos encontra. Todos recebem a mesma graça que antecede a salvação. No entanto, as oportunidades de resposta diferem. Deus se estende a todos persistente e pacientemente. Esta crença distingue o cristianismo de outras religiões do mundo que ensinam que Deus responderá se primeiro os humanos moverem-se em direção a Deus. O cristianismo inverte a ordem: Deus age sempre primeiro, permitindo assim uma resposta.

Deus inicia a boa obra da graça e paz. A redenção e a nova criação começam sempre com a iniciativa de Deus. Nada revela isso mais do que a convicção de que o Pai enviou Jesus Cristo ao mundo. Deus age sempre primeiro. O Espírito Santo de Deus desperta as pessoas para a necessidade de salvação, convence-as do pecado e aplica a expiação de Cristo quando elas respondem com fé.

Para John Wesley, o despertar espiritual é mais do que mera consciência: “Não há homem, a menos que extinga o Espírito, que seja totalmente desprovido da graça de Deus. Nenhum homem que vive é inteiramente destituído do que é vulgarmente chamado de consciência natural. Cada homem tem alguma medida dessa luz (...) que

ilumina cada homem que vem ao mundo. E cada pessoa (...) se sente mais ou menos desconfortável quando age de maneira contrária à luz da sua própria consciência. Então, ninguém peca porque não tem graça, mas porque não usa a graça que tem”.¹⁷ Uma consciência inquieta, o aumentar da consciência acerca do certo e do errado e o despertar da consciência espiritual, são presentes gratiosos de Deus para todos. Essa confiança tem implicações importantes para o evangelismo no espírito wesleyano.

A graça preveniente e o evangelismo

Uma vez conheci um grupo de pastores cristãos que vive em um lugar onde é difícil ser seguidor de Cristo. É legal ser cristão, mas existem leis nacionais restritas contra o proselitismo de uma fé para outra. O evangelismo cristão aberto é severamente punido com prisão e até morte. Perguntei aos pastores como é que o evangelismo acontecia em um ambiente tão hostil e perigoso. Após alguns momentos de silêncio, um pastor respondeu: “Sonhos”. Não entendi, e por isso pedi que me explicasse. “Centenas de vizinhos têm tido sonhos durante a noite. O Cristo ressuscitado aparece-lhes em toda a Sua beleza e majestade. Quando acordam, eles vêm nos fazer perguntas. ‘Conte-nos sobre esse homem que chega até nós durante a noite.’ Quando eles perguntam, é nossa obrigação responder. Não estamos evangelizando. Estamos apenas fornecendo evidências da nossa experiência para explicar as experiências deles. Muitos deles estão entregando as suas vidas a Cristo dessa forma.”

Em lugares onde a igreja encontra portas fechadas, o Espírito de Deus está à nossa frente. A graça preveniente de Deus não conhece fronteiras ou barreiras. O amor de Deus alcança incansavelmente até as pessoas mais difíceis, resistentes e hostis. Elas podem nunca

17. Wesley, *Works*, VI, 512.

responder com a fé obediente, mas não podem escapar da presença penetrante de Deus que não deixa de as amar e atrair.

Essa tem sido a repetida história do Filme *JESUS*. Este filme narra dramaticamente a vida de Cristo. Ele tem sido um instrumento eficaz da graça na vida de milhares em todo o mundo. Já foi apresentado a pessoas em áreas remotas onde o nome de Jesus nunca foi falado. Conta-se uma história sobre o chefe de uma tribo que se levantou durante uma apresentação e disse: “Pare! Conhecemos este homem! Ele apareceu aos nossos antepassados há muitos anos e revelou esta história de salvação. Ele disse que um dia alguém viria nos dizer o Seu nome. E agora sabemos que o nome dele é Jesus”. Embora este seja apenas um exemplo de várias histórias semelhantes, ele mostra que o Espírito de Deus está muito à frente da igreja, como é sempre o caso. O Espírito Santo já estava cultivando o solo do coração das pessoas para receberem o Evangelho. A graça preveniente cruzou com o desígnio providencial de Deus muito antes da igreja chegar para proclamar as boas novas. Como resultado, muitas vezes uma tribo inteira deposita a sua fé em Cristo.

O evangelismo cristão não é um ato solo nem um momento solitário. Isso acontece nas interações relacionais estimuladas pelo Espírito Santo, que surge antes, sempre graciosamente. Nenhum cristão pode olhar para o “espelho retrovisor da vida” e deixar de ver as maravilhosas maneiras pelas quais Deus agiu para o seu despertar e levá-lo ao arrependimento e fé em Cristo Jesus.

O meu pai se tornou cristão quando era jovem através de pais adotivos nazarenos. Eu me tornei cristão através do exemplo de pais cristãos e de um grupo de homens que se encontravam fielmente todas as manhãs de quarta-feira para orar especificamente pela minha salvação. A sua jornada de graça é única para si. O que é igual para todos é que Deus nos precede sempre.

O meu amigo Stephane era um ateu que frequentava uma universidade na Alemanha, onde estudava ciência robótica. O tio ateu dele falou-lhe sobre um filme chamado *The Mission*. O tio encorajou-o a ver o filme por causa da “atuação impecável e belas paisagens”. O filme passa no século XVIII, nas selvas do nordeste da Argentina. Ali foi estabelecida uma missão jesuíta espanhola para alcançar as tribos indígenas guaranis para Cristo.

Stephane alugou o filme. Ele ficou especialmente comovido com uma cena em que um comerciante de escravos e mercenário chamado Rodrigo Mendoza escala uma íngreme cascata na montanha. As ferramentas do seu ofício — a sua armadura e espadas — estavam amarradas às costas. Ele estava se penitenciando pelos seus muitos pecados. Quando chega ao topo do precipício, um guerreiro da tribo que Mendoza tinha raptado e vendido como escravo, salta na sua direção com uma faca na mão, como se fosse cortar a sua garganta. Depois de hesitar um momento, o membro da tribo corta a corda dos ombros de Mendoza e atira a mochila pesada para o fundo da cascata. Mendoza está subitamente consciente de que algo mudou esse jovem guerreiro, de uma sede de vingança para uma vontade de mostrar misericórdia.

Exausto e coberto de lama, Mendoza cai no chão. Ele começa a chorar incontrolavelmente, não com lágrimas de remorso, mas com lágrimas de alegria nascidas de uma paz interior. Ele recebe refúgio na aldeia e é bem recebido na comunidade. Eventualmente, Mendoza faz os votos para ser um padre jesuíta.

Mais tarde, Mendoza recebe um livro onde acaba lendo uma passagem sobre o significado do amor. Stephane não sabia a fonte das palavras, mas disse que eram as palavras mais poéticas e bonitas que já tinha ouvido. Elas capturaram-no tanto que viu a cena repetida e meticulosamente. Ele escreveu as palavras para não se esquecer delas. Depois, foi a uma biblioteca para pesquisar a fonte do poema.

Para sua surpresa, as palavras eram da Bíblia. Ele leu repetidamente 1 Coríntios 13 — “o capítulo do amor”.

Pouco tempo depois, Stephane se interessou romanticamente por uma colega da faculdade. Uma noite, ela convidou-o para o que chamou de “clube”. O que acabou por ser um estudo bíblico. Stephane aprendeu a Oração do Pai Nosso. Como cientista, ele acreditava na experimentação para determinar resultados lógicos. Stephane descobriu que, sempre que orava o Pai Nosso antes de ir dormir, descansava em paz. Rapidamente começou a orar antes de dormir todas as noites. Ele estava sendo despertado por um amor que busca e uma graça que chega antes.

O Deus missionário começou a responder às orações de um jovem ateu. Ele descobriu o esplendor do amor de Deus através de um filme que tinha uma “actuação impecável e belas paisagens”. Stephane respondeu à graça que vem antes. Ele confessou a sua fé em Cristo e começou a desenvolver, no mundo, o que Deus estava fazendo nele. Stephane é agora um missionário na Igreja do Nazareno. Tal é a graça proveniente de Deus que leva ao arrependimento e à transformação.

Crer no poder da graça proveniente faz com que seja impossível não se ficar desesperado por alguém que ainda não se tornou cristão. Nunca devemos deixar de lado a esperança acerca de alguém, porque Deus também não o faz. A confiança dos evangelistas não repousa nem neles mesmos, nem na capacidade daqueles que ouvem o Evangelho. Em vez disso, a nossa confiança absoluta é que o amor de Deus é para todos. É extravagante (Efésios 1.7), implacável e imutável. É suficiente para completar o que Deus começa. Aguarde encontros divinos!

Até onde Deus irá para alcançar uma pessoa? Apreciei a letra da música de 2017 de Cory Asbury, “*Reckless Love*” [Ousado Amor], sobre a graça de Deus que busca. A música fala sobre a graça de Deus na vida do cantor “antes de falar” e “antes de respirar”. Ele

descreve o “impressionante, infinito e ousado amor de Deus”, que “...deixa as noventa e nove só pra me encontrar.” A ponte da música é assim:

Traz luz para as sombras

Escala montanhas

Pra me encontrar

Derruba muralhas

Destrói as mentiras

*Pra me encontrar*¹⁸

Esmagador. Interminável. É até este ponto que Deus irá para alcançar uma pessoa.

18. Algumas pessoas expressaram preocupação com o uso da palavra “ousado” nesta música. Se significa descuidado, é problemático. Se significa surpreendente e extravagante, aproxima-se da descrição do amor de Deus.



A VERDADE

Jesus nos resgata do pecado e nos guia para a verdade que nos liberta através da graça salvadora.



3

A GRAÇA SALVADORA

Porque o salário do pecado é a morte, mas o dom gratuito de Deus é a vida eterna em Cristo Jesus, nosso Senhor.

— Romanos 6.23

Certa vez, um repórter desportivo pediu ao renomado jogador de golfe Jack Nicklaus para identificar o problema mais comum para jogadores amadores. Esperando que ele dissesse alguma coisa sobre a falta de prática ou sobre a incapacidade de dar boas tacadas de forma consistente, fiquei surpreso quando Nicklaus respondeu: “Excesso de confiança”. Pensar que são melhores do que realmente são ou podem fazer mais do que realmente podem. Pensar que conseguem acertar entre duas árvores. Que provavelmente conseguem lançar a bola sobre as águas. Isto é excesso de confiança.

As pessoas fazem isso o tempo todo. Elas superestimam suas habilidades e subestimam suas limitações. No entanto, em nenhum lugar o problema de superestimação acontece com mais frequência do que no reino espiritual. Superestimamos nossa força espiritual e subestimamos nossa fraqueza espiritual.

Moralismo

Essa tendência de se superestimar espiritualmente é chamada de moralismo. O moralismo é a crença de que tudo está bem

espiritualmente porque a pessoa leva uma vida moral decente e tem melhorado o seu comportamento. Dito de outra maneira, um moralista é alguém que acredita que é salvo pelo bem que faz e pelo mal que evita.

Todos os moralistas dizem coisas semelhantes: “Eu não sou Madre Teresa, mas também não sou tão mau assim. Tenho uma vida honesta. Pago as minhas dívidas. Não traio a minha esposa. Voto com responsabilidade. Dou dinheiro para caridade. Não sou um fanático espiritual, mas também não sou tão mau assim”. Em outras palavras, os moralistas seguem a linha de pensamento que lhes diz que Deus levará em conta no Dia do Julgamento o fato de que eles fazem mais bem do que mal, especialmente em comparação com outras pessoas (assassinos em série, estupradores, traficantes de drogas, etc.) que são muito piores. O moralismo é galopante em nosso mundo hoje.

Em 2004, a organização *Gallup* realizou uma pesquisa para descobrir o que os americanos acreditam sobre o paraíso. O que realmente chamou a minha atenção foi o número de pessoas que acreditam que estão indo para o paraíso: 77% dos que disseram acreditar no céu classificaram as suas chances de lá chegar como “boas” ou “excelentes”. No entanto, de acordo com os que responderam ao questionário, apenas seis em cada dez de seus amigos irão para o paraíso. O que mais me chamou a atenção, especialmente no que diz respeito a um ponto de vista moralista, é que muitas pessoas na pesquisa afirmaram que “existe um paraíso onde as pessoas que tiveram vidas boas são eternamente recompensadas”.¹ Ênfase “ter vidas boas” para referir que a maioria acredita que vai para o paraíso quando morrer por causa das suas “vidas boas” e pelo seu “comportamento moral”.

Diana, a princesa de Gales, morreu em 1997. Foi uma perda trágica para muitos à volta do mundo. A atenção da mídia e o luto público

1. Albert L. Winseman, “Eternal Destinations: Americans Believe in Heaven, Hell,” May 25, 2004, <https://news.gallup.com/poll/11770/eternal-destinations-americans-believe-heaven-hell.aspx>.

foram extensos devido à sua popularidade internacional. Lembro-me de ouvir as pessoas falando sobre como era reconfortante saber que Diana estava agora no paraíso, que ela era um anjo cuidando delas, e que o paraíso era um lugar melhor para ela do que este mundo. Não estou sugerindo que Diana não esteja no paraíso, mas me pergunto sobre o raciocínio que estava por detrás de tantas pessoas dizendo que ela estaria lá. Pelo que pude observar, ela era uma pessoa gentil e compassiva que usava a sua considerável influência para o bem. Ela trabalhou com os pobres, era defensora dos pacientes com AIDS e o seu ativismo ajudou a aumentar a consciência sobre problemas de crianças e jovens. Ser conhecido por estas coisas maravilhosas é bom, mas são elas que nos salvam? Será que ser bom ou fazer o bem leva à salvação, ao paraíso e à recompensa eterna?

Vivemos em uma era de opiniões diversas em relação a estas perguntas. Muitas pessoas sustentam que Deus classifica de forma favorável e que um pouco de bondade ajuda muito. Se pudermos acrescentar mais coisas à coluna das coisas “boas” do que à coluna das más, a balança irá, de alguma forma, pender a nosso favor, e as nossas vidas muito boas e esforços honestos compensarão a diferença. Isso é moralismo.

A Palavra de Deus é clara neste ponto, no entanto: não somos salvos pelos nossos esforços; não somos salvos pela nossa bondade; não somos salvos pelas nossas intenções. Somos salvos pela graça e a graça vem de fora de nós mesmos. A graça salvadora vem de Deus na pessoa de Jesus Cristo.

A Expição

A cruz é talvez o símbolo mais conhecido e reconhecido no mundo de hoje. Quando vemos a cruz, somos lembrados da vida e da morte de Jesus na crucificação. A crucificação foi a forma de execução mais horrenda e torturante inventada pela humanidade. Por essa razão, uma pessoa no primeiro século acharia estranho ver pessoas

modernas usando uma cruz em uma corrente em volta do pescoço. Se hoje víssemos uma pessoa usando uma figura de uma cadeira elétrica em um colar, acharíamos estranho porque representa um meio de punição criminal e morte. Isso é o que a cruz significava para as pessoas no primeiro século. Era vergonhosa e desagradável. Foi o destino de criminosos cruéis e rebeldes. A crucificação foi tão terrível que uma palavra foi criada para explicá-la. A nossa palavra em português “excruiciante” significa literalmente “da cruz”.

A morte por crucificação era uma maneira lenta, agonizante e pública de morrer. Não havia obscuridade. Aqueles que estavam sendo crucificados eram frequentemente zombados e ridicularizados. A multidão que assistia atirava pedras e ria enquanto os que estavam pendurados na cruz progrediam lentamente para um estado de respiração profunda, difícil e ofegante. Por fim, eles morriam por asfixia porque, ao ficarem suspensos, seus pulmões tinham dificuldade em continuar funcionando. Às vezes, podia levar vários dias para que alguém finalmente morresse, e então aqueles que tinham sido crucificados não recebiam um enterro digno. Em vez disso, muitas vezes eram ali deixados para que os pássaros comessem a sua carne. Depois de ter passado tempo suficiente para que os mortos servissem de exemplo para quem desafiasse o Império Romano, o que restava do cadáver era retirado e jogado no depósito de lixo da cidade.

Não esqueçamos que Jesus foi crucificado na cruz de um criminoso, o que me leva a dizer o que até agora parece altamente peculiar: os cristãos declaram isto como boas novas. De fato, dizemos que são as melhores notícias que já ouvimos. A palavra que a Bíblia escolhe para expressar essas boas novas é “Evangelho”. A cruz é o nosso Evangelho — são as nossas boas novas.

No resumo mais curto do evangelho no Novo Testamento, o apóstolo Paulo declarou: “Antes de tudo, entreguei a vocês o que também recebi: que Cristo morreu...” (1 Coríntios 15.3a). Por si só, isso não é

uma boa notícia, mas então, Paulo dá um significado teológico à morte de Cristo através de uma preposição profundamente importante, a palavra “pelos” nos move de um fato trágico da história para sua notável relevância para nossa jornada de graça: “que Cristo morreu pelos nossos pecados, segundo as Escrituras”. Quando o “pelos” é adicionado se torna boas novas — as melhores boas notícias já ouvimos.

Teologicamente, as Escrituras chamam o “morrer pelos nossos pecados” de expiação. A expiação foi feita através da cruz de Jesus Cristo. A doutrina da expiação começa no Antigo Testamento. O Dia da Expição, também chamado *Yom Kippur*,² foi o dia mais sagrado do judaísmo antigo. Foi designado como um dia de arrependimento e perdão.

Imagine-o na sua mente. Imagine milhares de adoradores se unindo para começar o ano com os seus pecados sendo expiados e sendo lembrados da misericórdia de Deus. Naquele dia, o sumo sacerdote, representando todo o povo, trazia dois bodes. Um bode era abatido — sacrificado como oferta pelo pecado para fazer expiação. O sangue era derramado e o animal morria. Romanos 6.23 diz que “o salário do pecado é a morte” e Hebreus 9.22 nos lembra que “sem derramamento de sangue não há perdão dos pecados.”

O primeiro bode morria de acordo com a lei. No entanto, o segundo era mantido vivo e chamado de bode expiatório. O sumo sacerdote punha as mãos na cabeça do bode expiatório e confessava sobre ele todas as maldades e pecados dos israelitas. Simbolicamente, esses pecados eram transferidos e colocados na cabeça do bode. Então, o bode era levado para o deserto para um lugar solitário onde os pecados do povo poderiam ser levados para longe e fora de vista.³

Esse ritual continuava ano após ano, década após década (ver Hebreus 10.3-4). O sangue escorria. Milhares de animais eram

2. Yom = “dia”; Kipur = “para expiar; limpar”.

3. A tradição nos diz que a pessoa designada para a tarefa de libertar o bode expiatório era um gentio que não tinha ligação com o povo de Israel.

sacrificados em um ciclo interminável de expiação para lidar com os pecados do povo. Esse é o contexto em que Jesus viveu e ministrou. Antes de considerarmos que a morte de Jesus na cruz fez expiação por todo o pecado, tornando possível a graça salvadora, vamos considerar duas questões fundamentais: O que é pecado? Porque é que precisamos da expiação pelo pecado?

O que é o pecado?

Primeiro, pecado é rebelião. Talvez a definição mais reconhecível de pecado venha de John Wesley: “uma transgressão voluntária de uma lei conhecida de Deus”.⁴ O pecado é algo que é conhecido e voluntário — algo que sabemos estar errado, mas fazemos de qualquer forma porque podemos. É desobediência voluntária.

Quando 1 João 3.4 nos diz que “Todo aquele que pratica o pecado transgredir a Lei; de fato, o pecado é a transgressão da Lei” não se refere apenas ao sentido legalista, como em “violação da lei”. Tem a ver com a atitude por trás da violação da lei. Uma analogia pode nos ajudar a entender. Uma coisa é ultrapassar o limite de velocidade porque você não sabia qual era o limite. Tecnicamente, você pode estar infringindo a lei, mas não está agindo sem lei. Isso é muito diferente de uma pessoa que diz: “Esqueça esses regulamentos estúpidos de limite de velocidade. Eles estão aí apenas para tentarem me controlar. Vou fazer o que quero, porque estou no comando da minha vida.” A ilegalidade é a atitude de rebelião por trás da violação da lei — um espírito rebelde.

Quando minha filha mais nova era pequena, ela não gostava de ter que responder aos seus irmãos mais velhos quando mamãe e papai não estavam por perto. Quando minha esposa e eu os deixávamos sozinhos, nossa mais nova desafiadoramente erguia sua vozinha estridente e dizia aos irmãos: “Vocês não mandam em mim!” Embora

4. Wesley, *The Works of John Wesley*, vol. 12 (Kansas City, MO: Beacon Hill Press of Kansas City, 1978), 394. Ver também Tiago 4.17.

dito com a inocência de uma criança pequena, é a atitude do coração pecaminoso: a auto soberania. O pecado como rebelião sacode os nossos punhos minúsculos diante do Deus todo-poderoso e grita: “Você não manda em mim. Vou fazer o que quero, porque eu posso! Ninguém, além de mim, nem mesmo Deus, manda em mim.”

É a recusa em aceitar o nosso papel de criaturas diante do nosso Criador. É uma declaração de independência para sermos o nosso próprio deus. Essa atitude de auto soberania não surpreende os escritores das Escrituras. “Todos nós andávamos desgarrados como ovelhas; cada um se desviava pelo seu caminho; mas o Senhor fez cair sobre ele a iniquidade de todos nós” (Isaías 53.6). Pecado é rebelião.

Em segundo lugar, o pecado também é escravidão. É mais do que auto soberania e optar por fazer as nossas próprias coisas e seguir o nosso próprio caminho. *Hamartia* é uma palavra grega traduzida como pecado, que deriva do verbo *hamartano*, que significa “errar o alvo” ou “atirar no alvo e não acertá-lo”.⁵ Embora tenha sido usada pela primeira vez por Aristóteles, se referindo particularmente à falha trágica de uma personagem principal do antigo mundo grego do teatro (como mau julgamento, ignorância, falta de consciência, etc.), e também conhecido como tragédia, os escritores e pensadores da igreja primitiva utilizaram a palavra para descrever este aspecto do pecado. Portanto, biblicamente, *hamartia* pode significar um ato de comissão: “Eu sabia o que não deveria fazer, mas o fiz” (ver Romanos 6.1-2); ou pode significar um ato de omissão: “Eu sabia o que deveria fazer, mas não o fiz” (Romanos 7.19; Tiago 4.17). Ambos os pecados de comissão e omissão erram o alvo.

Aqui está como isso pode acontecer no mundo dos negócios. Por um lado, quero que Deus abençoe os meus negócios, mas também

5. William Barclay, *The Gospel of Matthew*, vol. 1 (Louisville, KY: Westminster John Knox Press, 1956), 253. Ver também H. G. Liddell, *A Lexicon: Abridged from Liddell and Scott's Greek-English Lexicon* (Oak Harbor, WA: Logos Research Systems, Inc., 1996), 4.

quero garantir que eles sejam bem-sucedidos. Portanto, começo a fazer algumas coisas secretamente para tentar seguir em frente, mesmo sabendo que essas coisas não são éticas ou legais. As minhas esperanças entram em conflito com as minhas ações e são incompatíveis com elas. Não posso pedir a Deus que abençoe o meu trabalho sabendo que estou fora de Sua vontade moral. Isso é um pecado de comissão. Isso pode me levar adiante por um tempo, mas não terá o favor de Deus. O lado oposto da mesma moeda é que eu quero que Deus faça o meu trabalho prosperar, mas eu decido reter as vantagens e benefícios justos de meus funcionários para aumentar meus lucros. Isso é um pecado de omissão. No entanto, se o pecado é saber o que não devo fazer e fazê-lo de qualquer maneira, ou saber o que devo fazer e não fazer, ambos são iguais aos olhos de Deus.

Hamartia também pode significar algo muito mais profundo. Mais do que uma ação que tomamos, o pecado é a nossa natureza — uma condição na qual nos encontramos.⁶ Estamos enredados no pecado. Não apenas somos rebeldes por natureza, mas também não somos livres para fazer o contrário. Não apenas erramos o alvo, mas também não conseguiríamos acertar nele se tentássemos. Como pessoas caídas, não somos livres para fazer o que queremos. Estamos cativos pelo pecado.

Muitas vezes pensamos que a nossa rebelião significa que ninguém além de nós será responsável pelas nossas vidas, mas o que não percebemos é que não podemos fazer essa escolha. Serviremos alguém ou algo. Ou servimos a Deus de todo o coração, ou seremos escravizados

6. O povo wesleyano de santidade entende que o pecado envolve mais do que uma ação tomada. Susanna Wesley é conhecida pela sua declaração escrita numa carta ao seu filho João em 8 de junho de 1725: “Use esta regra: o que enfraquece a sua razão, prejudica a ternura de sua consciência, obscurece seu senso de Deus ou tira seu prazer de coisas espirituais; em resumo, o que quer que aumente a força e a autoridade de seu corpo sobre a sua mente, isso é pecado, por mais inocente que seja em si mesmo.”

pelas nossas paixões e comportamentos pecaminosos. Um ou outro será nosso mestre.

Sejamos honestos: o pecado pode ser divertido. Se não fosse divertido, não seria tentador. Se não fosse agradável, não seria atrativo. Talvez devêssemos parar de dizer às pessoas o quanto elas vão odiar o pecado e como ele é realmente chato. Não é um argumento convincente. O pecado pode ser divertido — durante um tempo. No entanto, o caminho para onde o pecado sempre leva é, eventualmente, destrutivo. As consequências (salário) do pecado são o que machuca. O pecado é um ciclo vicioso.

Festejar pode ser divertido. Onde as festas podem levar é que não é divertido. A embriaguez não é divertida. As ressacas não são divertidas. O alcoolismo não é divertido. Os vícios não são divertidos. Os centros de desintoxicação não são divertidos. Os acidentes de trânsito não são divertidos. O abuso conjugal não é divertido. As famílias disfuncionais não são divertidas. O pecado é um ciclo vicioso que leva à destruição dolorosa.

Ter relações extraconjugais com alguém pode ser divertido. Onde elas podem levar é que não é divertido. Uma consciência culpada não é divertida. As doenças sexualmente transmissíveis não são divertidas. O divórcio não é divertido. Partir o coração de alguém não é divertido. Olhar nos olhos de seus filhos e dizer-lhes por que razão está deixando a mãe ou o pai deles não é divertido. O pecado é um ciclo vicioso que leva à destruição dolorosa.

A notável história que Jesus contou sobre o filho pródigo é um excelente exemplo do ciclo do pecado (ver Lucas 15.11-24). Um filho rebelde decide que quer estar no comando de sua própria vida. Ele diz ao pai que quer a sua herança antecipadamente (no primeiro século é o equivalente a dizer que gostaria que seu pai estivesse morto), pega todo o dinheiro e gasta tudo em uma vida extravagante e dissoluta. Ele adora esse estilo de vida — por um tempo. Então, o dinheiro

desaparece e seus amigos também. O filho se encontra de uma forma que nunca imaginou estar: falido, humilhado e morando em um chiqueiro. O pecado é um ciclo vicioso que leva à destruição dolorosa.

Talvez seja isso que Jesus quis dizer quando afirmou: “Entrem pela porta estreita! Porque larga é a porta e espaçoso é o caminho que conduz para a perdição, e são muitos os que entram por ela” (Mateus 7.13).

Aqui está a grande luta de nossa natureza pecaminosa: até que ela mude, amaremos o pecado mais do que amamos a Deus porque somos escravos do pecado — escravizados por seu poder.⁷ Nenhuma quantidade de boas intenções ou trabalho árduo, nenhum moralismo humanista vai nos libertar completamente. O pecado é escravidão.

Finalmente, o pecado é alienação. “Alienação” não é uma palavra que usamos com frequência, mas, quando o fazemos, usamos para indicar que algo deu errado em um relacionamento. Pecado não é apenas quebrar uma regra ou violar uma lei; também é prejudicar um relacionamento. O pecado separa as pessoas de Deus e umas das outras. No primeiro ato de pecado registrado, nossos ancestrais espirituais, Adão e Eva, desobedeceram a Deus. Quando o fizeram, eles imediatamente souberam que havia uma violação em seu relacionamento com Deus e entre eles próprios. Os olhos deles se abriram e eles perceberam que estavam nus. Isso significa mais do que reconhecer que não tinham roupas. Eles se sentiram envergonhados e vulneráveis; se sentiram fracos e alienados; se sentiram expostos. Até àquele momento, eles apenas conheciam a comunhão amorosa de Deus, mas no momento de seu pecado sentiram a separação de Deus. Sentiram a alienação. A comunhão deles foi destruída e isso abalou suas almas. Eles sentiram a culpa do peso de seus pecados. Em legítima defesa, eles fizeram algo

7. Geoffrey Bromiley ressalta o interessante fato de que a Bíblia frequentemente “personifica” o pecado para destacar o poder e o controle que ele pode ter sobre as nossas vidas. Bromiley, *Theological Dictionary of the New Testament: Abridged in One Volume* (Grand Rapids: Eerdmans, 1985), 4.

muito revelador: tentaram cobrir a nudez e se esconderem de Deus. Já tentou encobrir sua culpa ou esconder seu pecado de Deus?

Deus sabia que a comunhão tinha sido quebrada e, em um dos relatos mais ternos das Escrituras, Deus os chamou: “Onde estão?” (Gênesis 3.9). Agora, será que Deus realmente não sabia onde eles estavam? Estavam eles se escondendo tão bem atrás das árvores que Deus não conseguiu encontrá-los? Já brincou de esconde-esconde com uma criança de três anos? Claro que Deus sabia onde eles estavam! No entanto, queria que soubessem que Ele também sentia a separação.

O homem respondeu: “Ouvi a tua voz no jardim, e, porque estava nu, tive medo, e me escondi” (3.10). Esta é a primeira vez que o medo é mencionado na Bíblia. Vê o que o pecado faz? O pecado traz medo, culpa e vergonha. O pecado traz alienação, condenação e separação. O pecado torna os amigos em inimigos. O pecado transforma intimidade em hostilidade. O pecado quebra a comunhão.

Esta é a nossa situação. O pecado é rebelião. O pecado é escravidão. O pecado é alienação. Como é que vamos fazer tudo ficar bem novamente? O que devemos fazer com todo esse pecado?

Permita-me lembrá-lo novamente da maior notícia que poderemos ouvir: “Antes de tudo, entreguei a vocês o que também recebi: que Cristo morreu pelos nossos pecados, segundo as Escrituras, e que foi sepultado e ressuscitou ao terceiro dia, segundo as Escrituras” (1 Coríntios 15.3-4). Isto é amor supremo e generoso. “Mas Deus prova o seu próprio amor para conosco pelo fato de Cristo ter morrido por nós quando ainda éramos pecadores” (Romanos 5.8). Enquanto ainda estávamos pecando, Cristo morreu. “Aquele que não conheceu pecado, Deus o fez pecado por nós, para que, nele, fôssemos feitos justiça de Deus” (2 Coríntios 5.21). Isto é graça salvadora.

O reformador protestante Martinho Lutero é reconhecido por chamá-la de “a grande troca”. Nossa morte por Sua vida; nosso pecado

por Sua justiça; nossa condenação por Sua salvação; nossos fracassos por Seu sucesso; nossa derrota por Sua vitória. A expiação é o ato do Deus Trinitário que derruba todas as barreiras que nossa rebelião e pecado ergueram entre nós. “Nisto consiste o amor: não em que nós tenhamos amado a Deus, mas em que ele nos amou e enviou o seu Filho como propiciação pelos nossos pecados” (1 João 4.10).

O que isto significa? A expiação esteve sempre no coração de Deus. Todos os cordeiros, todos os sacerdotes e todos os sacrifícios no templo estavam apontando, estavam nos levando a Jesus, que Se tornou nosso grande Sumo Sacerdote e que derramou Seu próprio sangue pelo perdão de nossos pecados.

N. T. Wright o expressa bem: “Ao longo de todo o Novo Testamento, esta morte é vista como um ato de amor, tanto o amor do próprio Jesus (Gálatas 2.20) quanto o amor de Deus que O enviou e cuja auto expressão corporal era Ele (João 3.16; 13.1, Romanos 5.6-11; 8.31-39; 1 João 4.9-10).”⁸ Deus Pai, enviou Cristo, o Filho, pelo poder do Espírito Santo, para fazer por nós o que nunca poderíamos fazer por nós mesmos.

Jesus tira os nossos pecados — passado, presente e futuro. Deus já não Se lembra deles. “Quanto o Oriente está longe do Ocidente, assim ele afasta de nós as nossas transgressões” (Salmos 103.12). A morte de Jesus na cruz quebrou o poder do pecado em nossas vidas. Estávamos escravizados em nossos pecados, em servidão e seguindo “o príncipe da potestade do ar” (Efésios 2.2) e ao “deus deste mundo” (2 Coríntios 4.4). Através de Sua morte na cruz, Jesus entrou em combate mortal com as forças demoníacas e as venceu de uma vez por todas.⁹ Ele quebrou o poder da morte, do inferno e da sepultura.

8. N. T. Wright, *Evil and the Justice of God* (Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 2006), 9.

9. A crença de que na cruz Jesus conquistou a vitória sobre os poderes do mal é chamada de teoria da expiação de *Christus victor*. N. T. Wright comenta: “Estou inclinado a ver o tema de *Christus victor*, a vitória de Jesus Cristo sobre todos os poderes do mal e das trevas, como tema central da teologia da expiação,

Com a vitória de Cristo na cruz, já não estamos nas garras do pecado; estamos nas garras da graça e potencialmente libertos (ver mais sobre isso no capítulo 4, sobre a graça santificadora).

Por causa da expiação de Jesus, fomos reconciliados com Deus. A nossa alienação foi retirada. A distância que havia entre nós deixou de existir. O abismo foi ultrapassado. Jesus é a nossa paz que derrubou todos os muros (Efésios 2.14). O véu do templo foi dividido em dois (Mateus 27.51). A nossa culpa, vergonha e medo da punição foram removidos. A nossa amizade com Deus foi restaurada. “Mas agora, em Cristo Jesus, vocês, que antes estavam longe, foram aproximados mediante o sangue de Cristo” (Efésios 2.13). Isto é graça salvadora.

Você tem ideia do quanto Deus o(a) ama? O Pai levou nosso pecado e culpa para Seu próprio coração através do Filho. Embora nossos pecados sejam muitos e sejam graves, entre os quais está a idolatria dos nossos corações em buscar outros deuses, nosso Deus trinitário nos redime, nos torna nova criação e nos adota em Sua família. É por isso que o perdão não é uma questão irrelevante! Qualquer pessoa que diga: “É claro que Deus vai me perdoar — esse é o trabalho de Deus” nunca entendeu a profunda dor associada a carregar o pecado de outra pessoa que apunhalou seu coração. Uma cruz está no coração de Deus desde a eternidade. Deus Pai, em Seu único Filho, Jesus Cristo, pelo Espírito, providenciou um meio de salvação. Jesus entrou totalmente no propósito do Pai. Ele voluntariamente deu Sua vida por nós. Aquele sem pecado pelos pecadores. O Inocente pelos

em torno do qual todos os outros significados variados da cruz encontram o seu nicho particular”. Wright, *Evil and the Justice of God*, 114. Por outro lado, Fleming Rutledge argumenta com firmeza que todos os temas bíblicos da expiação trabalham juntos para formar um lindo conjunto para entender a profundidade e o mistério da cruz. “A maneira mais verdadeira de receber o Evangelho do Cristo crucificado é cultivar uma profunda apreciação da maneira como os motivos bíblicos interagem entre si e se ampliam. Nenhuma imagem pode fazer justiça ao todo; todos fazem parte do grande drama da salvação”. Rutledge, *The Crucifixion: Understanding the Death of Jesus Christ* (Grand Rapids: Eerdmans, 2015), 6-7.

culpados. O Cordeiro imaculado de Deus veio viver a vida que deveríamos ter vivido e morrer a morte que merecíamos morrer.

A vida, morte e ressurreição de Jesus renovam todas as coisas. Não há nada mais importante do que esta verdade. É o cerne da história humana e o fundamento da nossa fé. Sem Jesus, não há perdão de pecados, nem vida eterna, nem relacionamento com um Deus bom, santo e amoroso. Você pode se punir para sempre em arrependimento pelos seus pecados. Você pode quebrar seu espírito ao tentar fazer as pazes com Deus, mas a única maneira de experimentar a redenção total e a paz permanente é quando perceber que sua única esperança é Jesus.

Recebemos o dom da graça salvadora crendo em Deus. Nos entregamos à misericórdia de Deus e depositamos nossa fé em Cristo. Confiamos em Sua vitória conquistada na cruz; confiamos que a culpa de nosso pecado é cancelada; confiamos que o domínio da morte do pecado está quebrado; nossa consciência é purificada; encontramos a expiação em Deus.

Existem duas maneiras de ver a expiação. Poderíamos dizer: “Se Deus é amor, porque precisamos da expiação?” Por outro lado, poderíamos dizer: “Deus expiou os nossos pecados — que amor!”

Como a graça salvadora funciona

Paulo diz que um cristão é alguém que passou por uma mudança cataclísmica. Efésios 2.1-10 descreve a dramática transformação — da escravidão do pecado à liberdade em Cristo — que acontece quando alguém crê em Cristo e, portanto, é salvo. É alguém que passou da morte para a vida, da escravidão para a liberdade, da condenação à aceitação, da alienação à adoção. Agora, nos versículos 8 a 10, Paulo diz como chegamos daquele ponto até aqui — como realmente nos tornamos cristãos. É um processo orgânico com três partes: somos salvos pela graça, que leva à fé, que produz boas obras. Essa é a equação e a ordem é crítica. Se errarmos a ordem, entendemos tudo mal.

Somos salvos pela graça. Examinamos extensivamente o significado da graça no capítulo 1. É bom lembrar que a graça é sempre o começo. A graça é sempre a primeira coisa. A graça nos desperta, nos muda e nos coloca em um relacionamento correto com Deus e uns com os outros. Muitas pessoas pensam que são cristãos por causa do que fizeram; supõem que tudo o que precisam fazer é serem boas pessoas e seguirem os ensinamentos da Bíblia e Deus as abençoará. Isso não é graça — é moralismo. Não há evangelho em colocar a nossa esperança no que podemos fazer. Nossa salvação não tem nada a ver com o que fazemos. Tem tudo a ver com o que Deus faz. Nosso despertar, nossa vitalidade, é tudo obra de Deus. Não somos salvos pelo que fazemos por Deus; somos salvos pelo que Deus faz por nós. É totalmente um presente.

Ouvi uma história sobre uma aluna do seminário que estava se preparando para fazer sua prova final. Quando ela chegou à sala de aula, todos estavam usando seus últimos minutos para estudar. O professor entrou na sala de aula e anunciou que haveria uma breve revisão antes do teste. Grande parte da revisão veio diretamente do guia de estudo, mas havia muito material adicional para o qual ninguém tinha se preparado. Foi uma surpresa desagradável para a turma. Quando alguém perguntou ao professor sobre o material extra, ele explicou que tudo estava contido na sua leitura e que eles seriam responsabilizados por tudo. Foi difícil argumentar com essa lógica.

Finalmente, chegou a hora de fazer o teste. O professor disse: “Deixem a prova voltada para baixo em suas mesas até que todos tenham recebido a sua. Vou avisar quando devem começar.” Quando os alunos viraram o teste, para seu grande espanto, todas as respostas da prova já estavam preenchidas. Até seus nomes já estavam escritos com caneta vermelha na parte superior. No final da última página estava escrito: “Este é o final da prova. Todas as respostas do teste estão corretas. Você vai receber um A. O motivo pelo qual você passou no

teste é porque o criador do teste já o fez por você. Todo o trabalho que você fez na preparação não te ajudou a obter o A. Você acabou de experimentar a graça.”

Tim Keller conta a história de uma conversa com uma mulher mais velha que frequentava ocasionalmente sua igreja. Ela era educada e recatada — alguns até diriam que era decente e moral. Ela torcia o nariz ao mínimo de impropriedade ou indiscrição, mas não estava convencida de que alguém precisava ser salvo de qualquer coisa se fosse boa pessoa. No decurso da conversa, ela disse com incredulidade: “Deixe-me ver se entendi. Você está dizendo que se eu tiver uma vida realmente boa e decente e até frequentar a igreja, mas nunca receber Cristo como meu Salvador, não estarei melhor do que alguém que cometeu um homicídio? É isso que você está me dizendo?”

Keller respondeu: “Basicamente, sim.”

Ela respondeu: “Esta é a religião mais estúpida que eu já ouvi falar!”

Ao que Keller respondeu: “Bem, talvez você ache que é a religião mais estúpida que já ouviu falar, mas para aquele assassino que se arrepende, é a melhor coisa que ele já ouviu. Aquele ex-assassino não consegue acreditar que existe uma religião que oferece esperança para alguém como ele.”

Embora essa história seja um pouco extrema, levanta uma questão importante. Aquela mulher recatada e moral, que tem absoluta certeza de que é melhor do que a maioria das pessoas e que acha que a essência do Evangelho é insultuosa, se não estúpida, está, ela mesma, nas garras da “carne”.¹⁰ Ela está tentando ser decente e reta, mas está tentando fazê-lo independentemente de confiar em Cristo para a sua salvação. Essa é a armadilha iminente da justiça própria. Reconhecendo esse grande perigo, Dietrich Bonhoeffer descreve com

10. Para obter uma explicação detalhada do significado da “carne”, consulte o capítulo 4, “Graça Santificadora”.

maestria a atitude de um cristão abraçado pela graça: “Os cristãos são pessoas que não buscam mais a salvação, a libertação, a justificação em si mesmos, mas apenas em Jesus Cristo. Eles sabem que a Palavra de Deus em Jesus Cristo os declara culpados, mesmo quando não sentem sua própria culpa, e que a Palavra de Deus em Jesus Cristo os declara livres e justos, mesmo quando não sentem nada de sua própria justiça”.¹¹

Não entendemos o Evangelho até entendermos que o fato de Deus nos aceitar não se baseia no que fizemos ou iremos fazer. Está estritamente baseada na natureza e no caráter de Deus enviando Jesus ao mundo para morrer pelos pecados do mundo e ressuscitar para nossa salvação.

Somos salvos pela graça. Então, diz Paulo, a graça leva à fé. O que é a fé? A fé é essencialmente uma consciência e uma resposta para quem nos despertou.¹² Aqui está o que é essencial entender: a fé que nos salva é a fé em Cristo. A fé cristã não é a fé geral em alguns princípios. É fé que realmente houve um bebê nascido no planeta Terra que era Deus em carne, que realmente morreu na cruz e que realmente foi ressuscitado dentre os mortos. Paulo foi inflexível neste ponto: “E, se Cristo não ressuscitou, é vã a nossa pregação, e é vã a fé que vocês têm... E, se Cristo não ressuscitou, é vã a fé que vocês têm, e vocês ainda permanecem nos seus pecados” (1 Coríntios 15.14, 17). Se Jesus realmente não morreu pelos nossos pecados e realmente não ressuscitou dentre os mortos, a nossa fé nada mais é do que uma ilusão ou um deísmo terapêutico moralista.¹³ Fé em generalidades não tem sentido.

11. Dietrich Bonhoeffer, *Life Together* (New York: HarperCollins Publishers, 1954), 21–22.

12. Sou grato por esta definição num sermão pregado por Tim Keller, mas não consigo me lembrar que sermão foi.

13. “Deísmo terapêutico moralista” é um termo introduzido por Christian Smith e Melinda Lundquist Denton para descrever os adolescentes americanos na mudança do século XXI e a estrutura cultural resultante de como as pessoas pós-

Se Paulo estivesse vivo hoje, diria assim: Se Jesus não é quem disse que é, se não é o Filho de Deus que Se tornou humano, se realmente não morreu na cruz pela nossa salvação, se não ressuscitou fisicamente dos mortos, se realmente não subiu ao céu e Se sentou à direita de Deus Pai, então, deixemos de brincar de ir à igreja. Nenhum dos princípios faz sentido por si só. Fé na fé? Fé nas generalidades? Não. Porque a fé na verdade, fé no amor e fé na justiça não nos mudarão nem nos darão nova vida. É a fé em Jesus. Não somos salvos pelas nossas obras, pela nossa bondade ou pelos nossos princípios. Somos salvos por causa de Cristo e somente Cristo. A fé n'Ele é o que importa, porque Ele é a nossa única esperança.

Então, a fé produz boas obras. As boas obras não nos salvam — nem nada que se pareça. No entanto, as boas obras fluem da nossa fé. É impossível dizer que recebemos a graça de Deus e que temos verdadeira fé bíblica se não há nada de diferente nas nossas vidas. A Bíblia é prática neste ponto. Somos salvos pela graça, mas se não há algo realmente acontecendo algo de concreto no nosso caráter e comportamento existente, então, não é fé verdadeira. Porque, enquanto a graça leva à fé, a fé leva às boas obras. “Pois somos feitura dele, criados em Cristo Jesus para boas obras, as quais Deus de antemão preparou para que andássemos nelas” (Efésios 2.10).

Os cristãos são obra de Deus. *Poiema* é a palavra grega para “o que Ele fez em nós”, ou “obra manual”. Esta palavra é raiz da palavra em inglês “poem”. Os cristãos são exclusivamente “peoms” de Deus — obras de arte de Deus. A arte é bela, a arte é valiosa e a arte é uma expressão do ser interior do artista. O que significa Paulo dizer que os cristãos são obras de Deus? Em Cristo, somos vistos como belos, valiosos e criados para ser uma expressão de nosso Criador, o Artista Divino.

modernas pensam sobre Deus. Smith and Denton, *Soul Searching: The Religious and Spiritual Lives of American Teenagers* (New York: Oxford University Press, 2005).

No entanto, somos uma obra de arte que foi danificada e desfigurada pelo pecado. Você já viu uma obra-prima estragada — a *magnum opus* de um mestre da arte desfigurada? De certa forma, a beleza original da obra-prima torna uma tragédia muito maior vê-la arruinada. Se uma criança pega um giz de cera e desenha nos armários da cozinha, fica ruim. No entanto, é muito pior se um vândalo pintar sobre a Mona Lisa de Leonardo da Vinci. A grandeza e a raridade daquilo que foi desfigurado determinam o nível de tragédia e o nível de horror em nossa resposta.

Há vários anos, tive a oportunidade de visitar Roma. Estava ansioso para ver a *Pietà* na Basílica de São Pedro. Consciente de ter sido esculpida por Michelangelo a partir de um único bloco de mármore (a única peça que foi assinada pessoalmente por ele), queria estudá-la em primeira mão. Fiquei desapontado ao descobrir que a obra estava a uma boa distância do público, atrás de cordas e protegida por um painel à prova de balas. Porquê essas precauções? Porque em 1972, no domingo de Pentecostes, um geólogo mentalmente perturbado que afirmava ser Jesus atacou a escultura com um martelo. Os espectadores conseguiram pegar muitas das peças de mármore que estavam voando. Algumas foram devolvidas, mas outras não, incluindo o nariz da Maria, que mais tarde foi reconstruído a partir de uma parte de mármore cortada nas costas. Os italianos, juntamente com o resto do mundo da arte, ficaram arrasados. Como poderia essa obra ser restaurada à sua beleza original? Procuraram no mundo por artesãos especializados em restauração. Depois de muito tempo, habilidade, conhecimento, trabalho e intensidade, o projeto de restauração foi concluído.¹⁴ Poucos foram os que conseguiram reconhecer que ela já tinha sido danificada.

14. Um artigo do *New York Times* detalha um grupo de jornalistas que tiveram permissão para subir andaimes e inspecionar de perto a escultura restaurada antes do público. “A reconstrução do véu danificado, da área dos olhos, do nariz, do braço e da mão parecia impecável, exceto em pequenas linhas que eram visíveis

É isso que Deus faz por todos que Ele salva pela graça. Somos Sua obra-prima, Sua amada *magnum opus*, e Ele não permitirá que o dano do pecado tenha a última palavra. Para provar o nosso valor, Deus não apenas nos refaz à imagem de Jesus Cristo, mas também nos dá um trabalho a fazer em Seu mundo. Fazemos esse trabalho porque Deus nos reformulou. Quando sabemos disso profundamente, quando realmente o compreendemos, nunca mais podemos dizer que são as nossas boas obras que nos salvam. O moralismo nunca mais poderá ser a nossa melhor resposta. Nossas boas obras são o subproduto do que Deus fez em nós. Elas refletem a glória de Deus, não a nossa.

Aprecio as ideias que Eugene Peterson oferece na sua paráfrase da equação de Paulo sobre a graça:

Agora Deus nos tem onde sempre quis. Tanto neste mundo como no próximo, Ele quis derramar sobre nós graça e bondade, em Cristo Jesus. A salvação foi ideia e obra d'Ele. Tudo o que fazemos é confiar n'Ele o suficiente para permitir que Ele aja na nossa vida. É um presente de Deus do início ao fim. Não somos protagonistas nessa história. Se fosse o caso, andávamos nos gabando de termos feito tudo! Não! Nada fizemos, nem nos salvamos. Deus faz tudo e nos salva, Ele criou cada um de nós por meio de Cristo Jesus, para nos juntarmos à obra que Ele faz, a boa obra que Ele deseja que executemos e que faremos bem em realizar.¹⁵

Deus, em Cristo, nos salva da condenação, julgamento e inferno.

Deus, em Cristo, nos redime e somos totalmente reconciliados.

Deus, em Cristo, nos justifica, corrigindo o que estava errado.

Deus, em Cristo, nos refaz e nascemos de novo.

apenas por uma inspeção minuciosa. Não houve diferença perceptível na cor das peças restauradas e na superfície de mármore circundante da escultura. 'Trabalhamos como dentistas', disse Deoclecio Redig de Campos". Paul Hoffman, "Restored Pieta Show; Condition Near Perfect" New York Times, January 5, 1973, <https://www.nytimes.com/1973/01/05/archives/restored-pieta-shown-condition-near-perfect-marks-on-marys-cheek.htm>

15. Peterson, Eugene. *A Mensagem*, Efésios 2.7-10.

Deus, em Cristo, nos adota em Sua família.

Não somos salvos porque colocamos a nossa fé em uma doutrina. Não somos salvos pelas nossas crenças corretas. Somos salvos porque algo de fora — ou, melhor, alguém — chegou a nós. Estamos tão totalmente refeitos, que a melhor maneira que os escritores dos evangelhos poderiam pensar em descrever é comparando a um novo nascimento. Os escritores hebreus descreveram como que uma experiência de ser arrebatado de uma cova. Estávamos em escravidão e agora somos livres. Já não somos escravos do medo. Tornamo-nos filhos de Deus. Antes estávamos fora da família de Deus e agora somos membros de sangue puro da família de Deus. Somos justificados diante do Pai, o que significa que as coisas estão corretas.

Nunca devemos esquecer que a salvação vem de fora, não de nós mesmos. Não somos salvos porque somos bons; somos salvos porque Deus é bom. Isso é salvação. Deus faz algo por nós que não poderíamos fazer por nós mesmos. É a graça salvadora.

Agora nos voltamos para o que a obra-prima de uma vida renovada em Cristo pode se tornar plenamente pelo dom da graça santificadora.



A VIDA

Através da **graça santificadora**, o Espírito Santo nos capacita a viver uma vida totalmente consagrada a Deus. Através da **graça sustentadora**, o Espírito Santo coopera conosco para permitir uma vida fiel e disciplinada no serviço a Deus. Através da **graça suficiente**, o poder de Deus é aperfeiçoado em nossa fraqueza.



4

A GRAÇA SANTIFICADORA

O mesmo Deus da paz os santifique em tudo. E que o espírito, a alma e o corpo de vocês sejam conservados íntegros e irrepreensíveis na vinda de nosso Senhor Jesus Cristo. Fiel é aquele que os chama, o qual também o fará.

— 1 Tessalonicenses 5.23–24

Segundo John Wesley, as quatro doutrinas mais importantes encontradas nas Escrituras são o pecado original, justificação pela fé, novo nascimento e santidade interior e exterior.

A justificação foi um tema importante da Reforma Protestante, que precedeu Wesley durante quase duzentos anos. Os reformadores, incluindo Martinho Lutero, proclamaram que somos justificados com Deus somente pela fé.¹ Wesley enfatizou a necessidade da justificação, mas ao adicionar o novo nascimento à sua lista das doutrinas bíblicas mais importantes, ele estava transmitindo a ideia essencial de que a cruz e a ressurreição lidam decisivamente com a culpa de nossos pecados e com o problema central que nos leva ao pecado. Assim, para

1. A justificação é ficar bem com Deus, pela Sua graça, pela qual os nossos pecados são perdoados e a nossa culpa é removida pelo sacrifício expiatório da morte de Jesus na cruz. Ver o capítulo 3, “Graça Salvadora”.

Wesley, o novo nascimento é o começo da vida santa — ou o que chamamos de “santificação”.

No capítulo anterior, discutimos a natureza do pecado e os efeitos prejudiciais que o pecado tem em nosso mundo e em nossas vidas, mas qual é a origem do pecado? Qual é a fonte do pecado em nossos corações?

A Bíblia diz que o pecado origina de nossa natureza inata. “Entre eles também nós todos andamos no passado, segundo as inclinações *da nossa carne*, fazendo a vontade da carne e dos pensamentos; e éramos *por natureza* filhos da ira, como também os demais” (Efésios 2.3, ênfases acrescentadas). Este versículo chama a atenção para duas frases-chave que são amplamente mal compreendidas e precisam ser expostas para uma maior compreensão.

Por natureza

Ao longo de suas cartas no Novo Testamento, Paulo ensina explicitamente que os seres humanos nascem com uma natureza desobediente e pecaminosa (Romanos 7.18, 35; Efésios 2.1-3; Colossenses 3.5). Não aprendemos a pecar. Ninguém precisa nos ensinar a pecar. Não há nenhuma aula na escola chamada “Introdução ao Pecado”. Ele vem naturalmente, e somos bons nisso. Esta não é uma visão popular recente, nem nunca foi.

Nascido no século IV, Pelágio foi um monge irlandês que mais tarde se tornou cidadão romano. Ele ensinou que as pessoas não tinham uma natureza pecaminosa, mas que as crianças aprendem a ser pecaminosas pelos maus exemplos que lhes são dados quando são jovens. Pelágio argumentou que nascemos com uma natureza neutra e que as crianças se tornam boas ou más devido, em grande parte, aos seus modelos. Portanto, de acordo com Pelágio, os pecados são ações deliberadas da vontade e, se aplicarmos nossos melhores esforços, podemos viver uma vida muito boa, longe do pecado.

Pelágio viveu na época de outro teólogo proeminente, Agostinho de Hipona, considerado um dos pensadores cristãos mais influentes da história da igreja ocidental. O bispo do norte da África escreveu extensivamente sobre a existência do pecado original herdado de nossos primeiros pais espirituais e seus efeitos debilitantes.

Agostinho argumentou fortemente contra a visão de Pelágio, dizendo que ela era contrária às Escrituras e ao senso comum e isso foi crucial para expulsar Pelágio da igreja sob a acusação de heresia. Embora marcado pela igreja como um ensino herege desde o século IV, o pelagianismo é bem vivo na igreja hoje.

Em uma viagem à Nova Iorque, eu e minha esposa assistimos ao espetáculo da Broadway *Wicked*, que conta a história de Elphaba, a Bruxa Má do Oeste (do famoso *O Mágico de Oz*) e de sua amizade com Glinda, a Bruxa Boa do Norte. A história narra como cada mulher luta para encontrar sua identidade, mas eventualmente Elphaba escolhe ser má e Glinda escolhe ser boa — tudo por causa das circunstâncias de suas vidas. Porque acontecerem coisas más a Elphaba, ela se torna má; as coisas vão bem para Glinda e, por isso, ela se torna boa. É apenas um musical fictício, mas inúmeras pessoas modernas tendem a pensar desta maneira acerca do pecado.

Jesus, no entanto, não concorda: “Mas o que sai da boca vem do coração, e é isso que contamina a pessoa. Porque do coração procedem maus pensamentos, homicídios, adultérios, imoralidade sexual, furtos, falsos testemunhos, blasfêmias” (Mateus 15.18-19). O coração é a fonte que contamina; o pecado vem do coração.

Veja crianças pequenas que mal têm idade para andar. Porque elas agem da forma como agem? Porque são egoístas? Porque fazem birras quando não conseguem o que querem? Uma criança não é pecadora por causa de sua educação. Elas não viveram o suficiente para que seus exemplos as afetassem a esse nível. Uma criança é pecadora porque o pecado vem do coração — é inato. Elas não precisam ser ensinadas

a serem egoístas — o fazem naturalmente. O pecado apresentado é uma expressão do que já está dentro da pessoa. Davi confessou: “Eu nasci na iniquidade, e em pecado me concebeu a minha mãe” (Salmo 51.5). É o fato empírico do pecado original.

Como é que isso se explica teologicamente? Cada pessoa é criada à imagem de Deus e Ele é santo e bom. Como criada originalmente, a humanidade refletia a natureza divina, mas a fonte de santidade e bondade não era nossa — era o Deus eterno e trino. Conforme explicado por William Greathouse e Ray Dunning, “somente Deus é essencialmente santo. Somos santos apenas porque nos relacionamos corretamente com Deus e somos cheios do Seu Espírito santificador”. Assim, desde a introdução do pecado a partir da queda e suas consequências subsequentes, nossa natureza essencial à imagem de Deus permanece intacta enquanto a imagem moral de Deus é destruída.² Greathouse e Dunning continuam: “Essencialmente o homem é bom, é uma pessoa feita para Deus. Existencialmente, o homem é pecador, um rebelde alienado da vida de Deus e, portanto, corrompido”.³ Essencialmente bom, existencialmente rebelde. Isto é o pecado original.

2. *Imago Dei* é a tradução latina de “imagem de Deus”. Apesar da imagem moral de Deus na humanidade estar estragada como consequência da queda, a natureza essencial de Deus mantém o valor de cada pessoa feita à Sua imagem. Diane LeClerc observa que a teóloga nazarena Mildred Bangs Wynkoop, fiel aos ensinamentos de John Wesley, “define a imagem de Deus na humanidade como a capacidade de amar, no contexto de um relacionamento com Deus, com os outros, consigo mesmo e com a terra”. LeClerc, *Discovering Christian Holiness: The Heart of Wesleyan-Holiness Theology* (Kansas City: MO: Beacon Hill Press of Kansas City, 2010), 312. Além disso, consulte a seção final deste capítulo, “Inteira Santificação Definida”.

3. Greathouse and Dunning, *An Introduction to Wesleyan Theology* (Kansas City, MO: Beacon Hill Press of Kansas City, 1982), 52. Eles detalham o significado *histórico* do pecado original (Romanos 5.12–21) e o seu significado *existencial* (Romanos 7.14–25), 53–54. A perspectiva wesleyana do pecado original é diferente da doutrina calvinista da depravação total.

Temos uma natureza com a qual nascemos. Não é “algo” que precise ser retirado, como uma vesícula doente. É nossa disposição para o orgulho e para o egocentrismo. É nossa tendência inata para a violência, ego, autossuficiência e autopreservação. É o narcisismo da mais alta ordem e em sua forma mais óbvia — o que significa que o pecado em nossos corações é mais do que algumas indiscrições que cometemos nos piores momentos; é sim desconsiderar o primeiro mandamento (Êxodo 20.2) e um fracasso em adorar somente a Deus. N. T. Wright nos lembra o quão imersos realmente estamos:

O diagnóstico da situação humana não é que os seres humanos simplesmente violaram a lei moral de Deus, ofendendo e insultando o Criador, cuja imagem carregam — embora isso também seja verdade. Esse rompimento da lei é um sintoma de uma doença muito mais grave. A moralidade é importante, mas não é tudo. Chamados à responsabilidade e autoridade em meio e sobre a criação, os humanos viraram sua vocação de cabeça para baixo, dando adoração e fidelidade às forças e poderes dentro da própria criação. O nome para isso é idolatria. O resultado é a escravidão e finalmente a morte.⁴

Temos mais do que um histórico ruim. Temos uma natureza decaída. A graça de Deus é necessária para fornecer libertação e cura da condição do pecado e dos atos de pecado — originais e atuais. Para isto, precisamos de justificação e santificação. Precisamos ser reformados e receber uma renovação radical de nossos corações. É por isso que Wesley enfatizou a santidade interna e externa. Devemos ser perdoados de nossos pecados, vivificados em Cristo e ter nossos corações purificados pela fé. O resultado é uma recuperação da imagem completa de Deus que foi perdida.

4. N. T. Wright, *The Day the Revolution Began: Reconsidering the Meaning of Jesus's Crucifixion* (New York: HarperCollins Publishers, 2016), 76–77.

As obras da carne

Como observado anteriormente, os escritos do Novo Testamento — particularmente os atribuídos ao apóstolo Paulo — costumam se referir a um aspecto da queda catastrófica do pecado original como “obras da carne.” A palavra “carne” deriva de uma única palavra grega, *sarx*.⁵ Para não ser confundida com o corpo, a carne é usada no sentido espiritual para se referir à inclinação egocêntrica que procura ser gratificada, ao amor desordenado do ‘eu’ que vive por si mesmo, em vez de se render totalmente à vontade e propósitos de Deus.⁶ Martinho Lutero — e, antes dele, Agostinho — descreveu isto graficamente como o estado de “estar voltado para si mesmo” (*incurvatus in se*). Pense profundamente no quadro mental que Lutero pinta ao voltar-se para si mesmo: “Nossa natureza, pela corrupção do primeiro pecado, [está] tão profundamente voltada para si mesma que não apenas dobra os melhores dons de Deus para si mesma, como os desfruta (como é evidente nas boas obras e hipócritas), ou melhor, até usa o próprio Deus para obter estes dons, mas também falha em perceber que busca de maneira tão perversa, distorcida e perniciosas todas as coisas, até Deus, a seu próprio favor”.⁷

Quando Paulo diz: “(...) quero fazer o que é certo, mas não consigo” (Romanos 7.18, NVT), está se referindo à impotência em sua

5. Uma teoria das duas naturezas da vida cristã foi introduzida através de um ponto de vista dispensacional amplamente popular do final do século XIX e início do século XX, que teve uma influência de longo alcance entre muitos evangélicos, incluindo vários notáveis pregadores e professores evangélicos. Essa influência levou o comitê da mais antiga tradução (1973) da Nova Versão Internacional a traduzir “carne” (*sarx*) como “natureza pecaminosa”. Dunning ressalta que, subsequentemente, Greathouse sugeriu que era “virtualmente impossível usar [essa versão da tradução] como base para uma interpretação fiel do grego original”. A comissão de tradução de 2011 da NVI reviu a sua tradução para “carne”. Dunning, *Pursuing the Divine Image: An Exegetically Based Theology of Holiness* (Marrickville, New South Wales: Southwood Press, 2016), Kindle Location 786.
6. Greathouse e Dunning definem carne como “‘eu’ vivendo para mim mesmo”. Greathouse e Dunning, *An Introduction to Wesleyan Theology*, 53.
7. Martin Luther, *Lectures on Romans*, WA 56.304.

carne para amar e obedecer a Deus de todo o coração. Ele está e nós estamos escravizados ao “eu” que quer o que queremos. Paulo aprofunda o tema em sua carta, afirmando que a carne luta contra o Espírito: “Porque a carne luta contra o Espírito, e o Espírito luta contra a carne, porque são opostos entre si, para que vocês não façam o que querem” (Gálatas 5.17). Ele continua ilustrando exemplos vívidos das obras da carne e das ações e atitudes que seguem a carne, em contraste com o fruto do Espírito (vv. 19-23). Então, para terminar, Paulo argumenta: “Pois a inclinação da carne é morte, mas a do Espírito é vida e paz” (Romanos 8.6). A minha paráfrase é: ou matamos os delitos da carne ou eles vão nos matar. Esta é a força gravitacional não censurada da carne.

A ideia bíblica da carne tem sido geralmente mal compreendida ao longo dos anos. Lamentavelmente, alguns pensam que a carne e o Espírito correspondem ao corpo e à alma e que a “carne” se refere à pele dos nossos corpos.⁸ Como resultado, alguns foram levados a supor que, se a carne é a fonte do mal e do pecado, então, o nosso corpo físico deve ser intrinsecamente mau. Portanto, conforme segue o pensamento, devemos subestimar os aspectos físicos das nossas vidas, submeter os nossos corpos à submissão e não permitir nenhum prazer ou satisfação física.⁹ Embora isto possa parecer extremo, ocorre até certo ponto sempre que é criada uma hierarquia do pecado, como pecados do corpo e pecados do espírito e quando defendemos a ideia de que um é certamente pior do que o outro (por exemplo, a imoralidade

8. A “carne” e o “corpo” são duas palavras separadas no Novo Testamento: *sarx* e *soma*.

9. Grande parte da heresia do gnosticismo é baseada numa concepção errada da carne como se correspondesse ao corpo. A ideia platônica de uma alma suprema abstrata faz com que alguns até hoje olhem para o corpo com desprezo e enfatizem a mortalidade de uma alma eterna sem corpo. No entanto, este erro está em conflito com a doutrina bíblica da ressurreição corporal. Para combater este predominante mal-entendido, os primeiros credos cristãos enfatizaram a importância da ressurreição corporal (por exemplo: “Cremos na ressurreição do corpo e na vida eterna”, Credo dos Apóstolos).

sexual é pior do que a fofoca ou amargura; a embriaguez é pior do que o orgulho ou racismo). Conseqüentemente, se alguém comete um pecado do corpo — também considerado um pecado “mortal” — é quase imperdoável, mas os pecados do espírito são descartados com a justificação de que “ninguém é perfeito.” Separar e classificar o pecado dessa maneira é um claro mal-entendido da santidade das Escrituras, sem mencionar o fato de que Paulo classifica todos os pecados juntos em uma categoria (por exemplo, ver Gálatas 5.16-21: idolatria e dissensões são identificadas como “obras da carne”).

O corpo humano claramente não é uma coisa má. Afinal, Deus criou o corpo humano e depois assumiu um corpo humano em Jesus. Quando Paulo quer se referir ao corpo físico, geralmente escolhe a palavra grega *soma*, não *sarx*. Apenas em Romanos, ele o faz treze vezes. A palavra *soma* pode significar tanto o corpo físico humano como a totalidade de uma pessoa, como em Romanos 12.1: “apresenteis o vosso corpo em sacrifício vivo, santo e agradável a Deus”, que é um claro apelo à santificação de toda a pessoa, incluindo nossos corpos físicos.

Então, o que é a carne e porque a graça santificadora é necessária? A carne é a nossa inclinação (corpo, mente e espírito) para sermos nosso próprio deus, em vez de ficarmos sob o senhorio de Jesus. É o aspecto pecaminoso de nós mesmos que deseja viver nossas vidas independentemente de Deus — ser o nosso próprio rei e salvador, em vez de dependermos de Jesus. Antes da graça salvadora, somos completamente controlados pela carne e não pelo Espírito. Temos uma natureza pecaminosa, uma disposição do coração que acredita que podemos salvar a nós mesmos e que é totalmente consumida e dominada pela mente da carne. No entanto, no momento de nossa justificação (perdão do pecado) e regeneração (novo nascimento), recebemos o dom do Espírito Santo.¹⁰ O povo wesleyano de santidade

10. Embora a “regeneração” não seja uma palavra bíblica em si, os teólogos criaram-na para descrever a nova vida que é dada pela graça a uma pessoa como resultado do seu novo nascimento em Cristo. Num sentido muito real, alguém é elevado a

também se refere a isso como “santificação inicial”, porque não podemos receber o que é santo — o Espírito de Jesus — sem começarmos a jornada da vida santa.¹¹

É aqui que começa a guerra pela soberania. Quem será o rei da minha vida? Antes de sermos cristãos, não havia guerras, nem mesmo uma discussão ocasional. A carne que estava comprometida com a nossa auto soberania e desejos egoístas nos dominava. Quando o Espírito entra na nossa vida, recebemos novos desejos, motivações e a mente de Cristo (Romanos 12.2; 1 Coríntios 2.16; Filipenses 2.5). Essas duas forças, a carne e o Espírito, estão em oposição e lutam agora pela supremacia. A santidade é iniciada, mas agora deve aumentar e amadurecer.

Paulo escreveu o seguinte à igreja em Corinto: “não não lhes pude falar como a espirituais, mas como a carnis” (1 Coríntios 3.1). Isto significa que não eram cristãos? Não, eles eram cristãos nascidos de novo. De fato, ele começa a carta chamando-os de “santificados em Cristo Jesus,” e “chamados santos” (1.2). A regeneração, justificação e redenção tinham acontecido. A jornada da graça deles tinha começado. O problema deles era que a batalha pela carne estava acontecendo. A inveja, rivalidade, orgulho e divisão ainda estavam presentes. Eles eram cristãos, mas ainda “pessoas da carne” (3.1) — ao que Paulo igualou a fé imatura. Eles eram cristãos, mas eram ainda “meninos em Cristo” (3.1). Precisavam crescer. Esta é outra maneira de dizer que ainda havia um nível de resistência neles que ainda não lhes permitia entregarem totalmente as suas vontades e mentes a Deus.¹²

uma nova vida, ocorre uma ressurreição espiritual e acontecem mudanças reais de maneiras tangíveis e intangíveis.

11. “Wesley nunca usou este termo [santificação inicial], mas simboliza a sua crença de que o momento da salvação começa o processo de ser justificado.” LeClerc, *Discovering Christian Holiness*, 318.
12. “O termo grego traduzido para ‘mente’ é um dos mais significativos termos antropológicos usados por Paulo. Refere-se ao aspecto de raciocínio de uma pessoa quando os poderes do julgamento estão a ser exercidos.” Dunning, *Pursuing the Divine Image*, Kindle Location 814. A capacidade, dada por Deus, de cada pessoa

Novamente, John Wesley oferece um discernimento perspicaz no contexto das declarações de Paulo. Perguntando se os coríntios tinham perdido a fé, Wesley insistiu: “não, ele [Paulo] declara manifestamente que eles não tinham perdido a fé; pois caso assim fosse, não seriam ‘meninos em Cristo’. E ele fala de serem ‘carnais’ e de serem ‘meninos em Cristo’ como sendo a mesma coisa; mostrando claramente que cada crente é (em certo grau) ‘carnal’, enquanto é apenas um ‘menino em Cristo’”.¹³ Carnal, para Wesley, é o equivalente do estar “na carne”, e representa a fé imatura que precisa crescer à semelhança de Cristo e no dar de si mesmo da cruz.¹⁴ Isto é verdade para cada crente. A questão não é a salvação, é o senhorio. O santificado deve crescer cada vez mais à semelhança de Jesus. Não é que algo deva morrer neles — eles devem morrer, em algum sentido real, mas figurativo, para aquilo que antes governava as suas vidas.¹⁵ As credenciais religiosas não serão suficientes; os padrões morais não serão suficientes. É preciso deixar de confiar na carne.

Durante um momento vulnerável de franqueza, Paulo confessou: “Se alguém pensa que pode confiar na carne, eu ainda mais: fui circuncidado no oitavo dia, sou da linhagem de Israel, da tribo de Benjamim, hebreu de hebreus; quanto à lei, eu era fariseu; quanto ao

para pensar e usar o intelecto para entender é um dos aspectos do chamado Quadrilátero Wesleyano, conhecido como “razão”.

13. Wesley, Sermon 13: “On Sin in Believers,” in *The Complete Works of John Wesley: Vol. 1, Sermons 1–53* (Fort Collins, CO: Delmarva Publications, 2014), 3.2.
14. Dunning defende que a “carnalidade é uma palavra enganosa, sendo usada como substantivo, enquanto as Escrituras sempre usam a palavra carnal como um adjetivo”. Dunning, *Pursuing the Divine Image*, Kindle Location 2076. Isto também rejeita a ideia de que “a carne” é um tipo de coisa alienígena, como um “tumor cancerígeno que vive metaforicamente dentro de nós” e que deve ser removido cirurgicamente. *Ibid.*, Kindle Location 801. Os defensores do conceito de algo que precisa de ser removido, incluindo alguns pregadores de santidade do século XIX, chamam-no de erradicação.
15. William H. Greathouse with George Lyons, *New Beacon Bible Commentary, Romans 1–8: A Commentary in the Wesleyan Tradition* (Kansas City, MO: Beacon Hill Press of Kansas City, 2008), 182.

zelo, perseguidor da igreja; quanto à justiça que há na lei, irrepreensível” (Filipenses 3.4b-6). Ele possuía todas as credenciais religiosas para ser considerado justo, mas sua confiança estaria na carne. Paulo continua: “Mas o que para mim era lucro, isto considere perda por causa de Cristo” (v. 7). Ele estava cumprindo as regras e obedecendo à lei, mas estava vivendo de acordo com a carne, ao acreditar e depender de sua própria justiça para salvá-lo ou santificá-lo. Eram coisas boas que tinham sido elevadas a um lugar central na sua vida, por isso, ele teve que morrer para elas para conhecer a Cristo. Além disso, ao conhecer a Cristo de maneira cada vez mais completa, Paulo trocou os seus suados esforços morais pela justiça salvadora e santificadora de Cristo: “...para ganhar a Cristo e ser achado nele, não tendo justiça própria, que procede de lei, mas aquela que é mediante a fé em Cristo, a justiça que procede de Deus, baseada na fé” (vv. 8b-9).

Muitas pessoas são morais, até religiosas, mas a condescendência, rigidez, preconceito, aspereza e frieza de espírito são sinais reveladores de que a carne adotou a religião e a usou como estratégia para não depender de Jesus Cristo para a sua santidade. Como um empresário ganancioso, cuja exploração dos que estão presos na pobreza, a fim de obter lucro, está sob a escravidão da carne, assim é o fariseu. Aos olhos de Deus, eles são iguais. Ambos são pessoas que adotaram estratégias para criarem seu próprio caminho na vida, separados de Deus.

Aqui está a difícil verdade: até os cristãos podem continuar a viver de acordo com a carne. Antes da graça salvadora, a carne não guerreia com o Espírito, porque estamos mortos em nossos pecados. No entanto, mesmo quando o Espírito de Deus ganha vida em nós, podemos viver de maneira carnal. Ainda podemos pegar em coisas boas e torná-las um fim em si mesmas. Ainda podemos viver em nossa própria força e poder, em vez de depender de Deus. É por isso que precisamos da graça santificadora. Precisamos da graça de Deus para crucificar a carne que deseja depender de nós mesmos — para matar a

nossa parte carnal que deseja administrar nossas próprias vidas, para que o Espírito de Jesus possa assumir o controle completo.¹⁶

O aclamado professor escocês e escritor devocional Oswald Chambers chega à essência de morrer para si mesmo, para que Cristo seja conhecido cada vez mais:

Devo aceitar as minhas opiniões emocionais e crenças intelectuais e estar disposto a transformá-las em um veredito moral contra a natureza do pecado; isto é, contra qualquer reivindicação que tenho do meu direito a mim mesmo. (...) Quando eu chego a essa decisão moral e ajo de acordo com ela, tudo o que Cristo realizou por mim na cruz é feito em mim. Meu compromisso irrestrito de mim mesmo com Deus dá ao Espírito Santo a oportunidade de me conceder a santidade de Jesus Cristo. (...) Minha individualidade permanece, mas minha principal motivação para viver e a natureza que me governa mudam radicalmente.¹⁷

A carne não precisa governar nossas vidas. A liberdade é oferecida para uma vida santa. A graça santificadora é o meio e o remédio. Então, como é que a graça santificadora realmente funciona na jornada da graça? Para esse fim, temos o restante do capítulo.

Tornando-se como Jesus

Quero contar uma história sobre alguém que chamarei de George, que não é o nome verdadeiro dele. George era membro da minha igreja e uma pessoa muito infeliz. Ele estava sempre chateado com alguma coisa. Não gostava da música ou da minha pregação. Dizia que eu não pregava sobre santidade da maneira como ele a tinha ouvido quando era criança. Além disso, não gostava particularmente das

16. Oswald Chambers se refere à noção de morrer para si mesmo como identificação com a morte de Jesus e uma “co-crucificação” voluntária. Da mesma maneira, o cristão pode unir-se a Jesus na Sua ressurreição e partilhar uma “co-ressurreição” para uma nova vida. A vida de ressurreição de Jesus é agora experimentada na vida de santidade. Chambers, *My Utmost for His Highest* (Uhrichville, OH: Barbour and Company, 1935), 73.

17. Chambers, *My Utmost for His Highest*, 58.

peessoas, especialmente pessoas novas. Ele me escreveu cartas de sete páginas com alguns dos comentários mais feios que possa imaginar, não apenas atacando todos os movimentos de meu pastorado, como também presumindo conhecer meus motivos.

Durante algum tempo, ele se queixava de que a igreja estava focada em si mesma e não estava alcançando os de fora. Então, quando novas pessoas começaram a chegar na igreja, ele também não gostou, porque agora, disse ele, já não nos importávamos com as pessoas que estavam lá há anos e que pagavam o preço para que a igreja se tornasse estável. Ele disse que só estávamos crescendo porque roubávamos ovelhas de outras igrejas (o que não era verdade). A questão principal era que George não queria que as coisas mudassem.

Ele consumiu grande parte da minha energia emocional como pastor. Ameaçou repetidamente deixar a igreja. No fundo, eu acho que ele sabia o que todos sabiam — nenhuma outra igreja o toleraria. Um dia liguei para ele e disse: “George, você sabe que eu o amo, mas chega de cartas ou e-mails. Eu não consigo ouvir seu coração através de um e-mail e você não consegue ouvir o meu. A partir de agora, se tiver uma preocupação ou reclamação, terá de fazê-la pessoalmente.”

Parecia que as coisas tinham melhorado, pelo menos durante algum tempo. Ele nunca mais me enviou outra carta, mas continuou a espalhar negatividade na igreja. Chegou ao ponto dele ser mais parecido com um mosquito do que com um cão de ataque — mais irritante do que perigoso.

A parte mais triste para mim foi que ele não estava se transformando. Ele era uma pessoa irritadiça e o tinha sido desde sempre. Não apenas na igreja. Ele não era um bom marido para a sua esposa; os seus filhos não queriam estar com ele; e não tinha alegria na vida. O mais surpreendente é que ele frequentou a igreja durante mais de sessenta anos. Talvez o pior de tudo é que ninguém estava surpreendido por ele não estar mudando e ninguém estava particularmente

incomodado com isso. Eles aceitaram esse fato. “Oh, George é assim mesmo”, diziam. Ninguém esperava que ele se tornasse mais parecido com Jesus.

Ao pensar nele, passei a acreditar que a pergunta errada a ser feita sobre a saúde de uma igreja é: “quantas pessoas estão frequentando?”. A melhor pergunta, ou pelo menos aquela que se move na direção certa é: “como são essas pessoas?”¹⁸. Quando alguém se torna cristão, o objetivo não é apenas aprender a seguir a Cristo, mas também viver, de fato, uma vida cristã. Este é o objetivo do discipulado na jornada da graça.

O objetivo do discipulado

Quando Paulo expôs os dons de ministério, disse que haveria apóstolos, profetas, evangelistas, pastores e mestres, mas que seu propósito unificado seria “com vistas ao aperfeiçoamento dos santos para o desempenho do seu serviço, para a edificação do corpo de Cristo” (Efésios 4.12). Há muito a dizer sobre essas palavras em relação ao discipulado, mas vamos começar com o conceito de “corpo”.

O corpo é uma analogia intrigante, porque sempre que o crescimento espiritual é mencionado, supõe-se que algo esteja vivo. Todas as coisas vivas crescem. Coisas mortas permanecem estáticas ou deterioradas. Apenas coisas vivas crescem. Coisas inanimadas não crescem. Uma peça de mobília não cresce. Uma rocha não cresce. Apenas organismos crescem.

Um organismo pode ser: (1) uma coisa viva, como uma planta, animal ou pessoa; ou (2) um sistema funcional de partes interdependentes que compreendem uma criatura ou coisa viva. As plantas são organismos. As plantas não podem crescer sem luz solar, água e nutrientes. Elas precisam de um ecossistema para sustentar seu crescimento ou morrem. Nossos corpos humanos também são organismos.

18. Bill Hull, *The Disciple-Making Pastor* (Old Tappan, NJ: Revell, 1988), 13.

A anatomia humana é um sistema de funcionamento de partes interdependentes — um sistema operacional projetado para trabalhar em conjunto: “o corpo é uma unidade, embora tenha muitos membros” (1 Coríntios 12.12). Quando um dos nossos membros não está funcionando corretamente, independentemente do quão insignificante possa parecer, pode desequilibrar todo o sistema e causar danos à nossa saúde.

Quando Paulo diz que somos o corpo de Cristo, ele está afirmando que a igreja também é um organismo, composto por pessoas dinâmicas e vivas, que são partes interdependentes que trabalham juntas e dependem umas das outras para a vitalidade e saúde pelo poder do Espírito Santo: “Porque também o corpo não é um só membro, mas muitos” (1 Coríntios 12.14). Quando as partes não estão trabalhando em conjunto de maneira holística, ficam doentes e fracas. Por outro lado, quando as partes estão conectadas e crescem em conjunto de maneira nutritiva, resultam em vitalidade e saúde, uma estrutura começa a se formar e é alcançado um objetivo final (*telos*). Construimos o corpo, “até que todos cheguemos à unidade da fé e do pleno conhecimento do Filho de Deus, ao estado de pessoa *madura*, à medida da estatura da *plenitude de Cristo* (Efésios 4.13, ênfase adicionada). O objetivo da maturidade cristã é a plena estatura de Cristo, a semelhança a Cristo. Não existe outro objetivo. Por isso, o objetivo é para a igreja. Quando os nossos membros individuais se reúnem, é para se parecerem ao corpo de Cristo. Além disso, no caso de não termos lido na primeira vez, Paulo reitera que “cresçamos em tudo naquele que é a cabeça, Cristo” (v. 15) do qual todo o corpo cresce para o que foi criado para ser.

O objetivo de todo o crescimento espiritual, individual e comunitário, pessoal e corporativo, é tornar-se cada vez mais semelhante a Jesus. O ato ou processo de se tornar semelhante a Jesus é a santificação e é possível pela graça santificadora.

A santidade não é opcional

Na língua grega, a santificação está relacionada com a palavra “santo” (*hagios*). A teologia wesleyana da santidade sustenta que as boas novas do Evangelho não são apenas que um dia estaremos com Deus quando morreremos, mas também que a oferta de vida abundante no reino de Deus é para agora, exatamente onde estamos. O plano de Deus é que Sua imagem em nós, marcada pela queda, seja restaurada a toda a sua beleza e glória, para que nos tornemos Sua obra-prima, refletindo a semelhança de Cristo no que pensamos, dizemos e fazemos. Isto se chama santificação e é isso que estamos nos tornando. Não é opcional para um cristão em crescimento.

Quando alguém compra um veículo novo, o vendedor nos informa que existe um equipamento padrão e acessórios opcionais. Cada veículo virá com um volante, cintos de segurança, espelhos retrovisores, motor, e assim por diante. Esses são equipamentos padrão — todo veículo os possui. Porém, se queremos vidros automáticos, rodas especiais e teto solar, precisamos perguntar sobre o preço desses acessórios opcionais, o que significa que nem todos os carros os têm. A santificação não é um acessório opcional para um discípulo de Jesus. É um equipamento padrão para todos os modelos. Tornar-se como Jesus é esperado porque o crescimento não é uma opção. Estamos sempre crescendo em direção a algo — sempre em processo de formação espiritual.

Mais uma vez, Paulo afirma essa formação em Romanos 12 quando diz: “E não vivam conforme os padrões deste mundo, mas deixem que Deus os transforme pela renovação da mente, para que possam experimentar qual é a boa, agradável e perfeita vontade de Deus” (v. 2). Conformado ou transformado — essas são nossas únicas duas alternativas. Se não estamos sendo transformados (transformados de dentro para fora) pelo poder renovador de Deus, então, estamos sendo conformados (formados e moldados) por forças opostas a Deus que

estão à solta no mundo. A questão não é se você será formado espiritualmente; a questão é o que irá formar você? Se Deus não está nos formando, há um inimigo espiritual — um adversário, o maligno — que fica perfeitamente feliz em configurar nossas vidas.

Simplificando, o mundo separado de Deus deforma e malforma as pessoas. Deus reforma e transforma. É por isso que a santificação — tornar-se como Jesus — é tão importante. Poucas palavras resumem melhor a vontade de Deus para a vida humana do que estas das Escrituras: “Pois a vontade de Deus é a santificação de vocês” (1 Tessalonicenses 4.3); e “Procurem viver em paz com todos e busquem a santificação, sem a qual ninguém verá o Senhor” (Hebreus 12.14). A ordem de buscar a paz e a santidade implica ação em vez de passividade. O crescimento espiritual de uma pessoa é chamado de santificação ou santidade. A santificação inicial e a inteira santificação não são a mesma coisa, mas o objetivo de toda a santificação é tornar-se como Jesus. Esta é a vontade de Deus para a vida de cada cristão, porque, se não crescermos “em tudo naquele que é a cabeça, Cristo”, estaremos sendo formados por algo que não é o amor santo (Efésios 4.15).

Uma equação para o crescimento espiritual

O discipulado não é uma opção. A maioria dos cristãos não argumentaria sobre esse ponto. A verdadeira questão é: como esse crescimento acontece? Em seu livro *Rethinking the Church* [Repensando a Igreja], James Emery White explica o que muitas pessoas acreditam sobre o processo de discipulado. A fórmula que ele oferece é dada na forma de uma equação matemática:

$$\text{Salvação} + \text{Tempo} + \text{Aplicação Individual} = \text{Mudança de Vida}$$

A fórmula se desenvolve com base em quatro suposições: (1) a mudança de vida acontece na salvação; (2) continua a ocorrer naturalmente ao longo do tempo; (3) é alcançada em grande parte por um

ato da vontade; e (4) é melhor alcançada sozinho.¹⁹ Vamos examinar atentamente a hipótese proposta.

Primeiro, “salvação”. A salvação é uma transformação tão radical de nosso ser (“nascer de novo”) que há uma mudança imediata do coração que resulta em uma conversão milagrosa dos desejos, hábitos, atitudes e caráter. Os cristãos nascem, não são feitos. Como a salvação muda o estado de nosso relacionamento com Deus, altera o nosso destino eterno e introduz o poder e a obra do Espírito Santo em nossas vidas, é esperado um crescimento imediato e substancial. Essa é a suposição da salvação.

Segundo, “tempo”. Embora o processo de transformação ocorra na conversão, é óbvio que uma pessoa não cresce totalmente ao tornar-se cristã. Ainda existem questões de resistência e egoísmo que precisam de ser tratadas, diz White, mas são coisas que levam tempo.²⁰ Portanto, a fórmula diz que um cristão de cinco anos terá cinco anos de maturidade espiritual e um cristão de dez anos terá dez anos de maturidade, e assim por diante. A fé não deixa de crescer com o tempo; portanto, tudo o que precisamos fazer é ler a Bíblia, frequentar a igreja o máximo possível, e o fruto do Espírito vai se multiplicar e nos tornaremos mais parecidos com Jesus. Essa é a suposição sobre o tempo.

Terceiro, “aplicação individual”. Isso tem a ver com a força de vontade da pessoa. A ideia é que o que não acontecer naturalmente ao longo do tempo, será complementado pela determinação e pelo esforço humano. Tudo que uma pessoa deve fazer é decidir viver e agir de uma certa maneira (e ter um pouco de perseverança) — porque a vida cristã é sustentada por atos da vontade. Um tempo suficiente mais a nossa força de vontade produzirá o fruto do Espírito. Essa é a suposição da aplicação individual.

19. James Emery White, *Rethinking the Church: A Challenge to Creative Redesign in an Age of Transition* (Grand Rapids: Baker Books, 1997), 55.

20. White, *Rethinking the Church*, 56.

Finalmente, “melhor alcançada sozinho”. A suposição final da equação do discipulado é a independência, ou que um relacionamento pessoal com Jesus Cristo é equivalente a um relacionamento privado.²¹

A equação continua, mas raramente nos preocupamos em perguntar se essas suposições são válidas. É assim que o discipulado acontece? Começamos automaticamente a crescer em nossa vida espiritual após a salvação? Quando alguém se torna cristão, há uma mudança imediata e profunda de hábitos, atitudes e transformação de caráter? Os cristãos crescem ao longo do tempo e apenas pela força de vontade? Como nosso relacionamento com Deus é pessoal, é melhor que os discípulos de Jesus trabalhem sozinhos? Se essas suposições estiverem corretas, deve haver uma grande evidência disso na igreja. Se são verdadeiras, observa White, então, simplesmente trabalhar a equação deve oferecer consistentemente os mesmos resultados: cristãos individuais e o corpo de Cristo se tornam cada vez mais parecidos com Jesus em sua forma de pensar, falar e agir.²² No entanto, existem razões importantes pelas quais a fórmula não está completa.

Para começar, os discípulos de Jesus tanto nascem como são criados. A graça salvadora muda nosso estado relacional com Deus, nosso destino eterno e introduz o poder e a obra do Espírito Santo em nossas vidas. No entanto, como vemos nos ensinamentos do Novo Testamento, os novos cristãos ainda não têm um caráter maduro. Ser cristão não se traduz automaticamente em tornar-se como Cristo. É necessário desenvolvimento. A virtude cresce ao longo do tempo através de práticas específicas.²³ À luz dessas realidades, consideremos uma estru-

21. A ideia de um relacionamento pessoal com Cristo ser um sinônimo de um relacionamento privado com Jesus é muito mais prevalente na sociedade ocidental do que noutras partes do mundo. O individualismo é considerado uma virtude cultural nos EUA.

22. White, *Rethinking the Church*, 57.

23. N. T. Wright define o conceito cristão de virtude como a transformação do carácter. Wright, *After You Believe: Why Christian Character Matters* (New

tura mais bíblica de como o crescimento espiritual ocorre através da graça santificadora.

1. O crescimento espiritual pode começar na salvação, mas continuamos a crescer na graça ao longo de toda a vida. Existe diferença entre santificação e inteira santificação. O debate parece sempre ser se a santificação é instantânea ou gradual. Existe um momento crítico ou é um processo? A resposta é ambos.²⁴ A graça santificadora começa no momento que experimentamos a graça salvadora. Os teólogos referem-se a ela como “santificação inicial”, que é seguida pelo crescimento espiritual na graça, até que, em um momento de total consagração e completa rendição de nossa parte, Deus purifica e limpa o coração. Esta é uma experiência referida como inteira santificação, ou “perfeição cristã”.²⁵ Contudo, mesmo após esse momento de

York: HarperCollins Publishers, 2010). Será dedicado muito mais tempo ao entendimento da virtude no capítulo 5, “Graça Sustentadora”.

24. O assunto da crise ou processo, instantâneo ou progressivo, na experiência da inteira santificação, tem sido, historicamente, um tópico de grande debate nos círculos wesleyanos de santidade. O próprio John Wesley enfatizou consistentemente a necessidade de ambos, e os primeiros líderes nazarenos eram geralmente cuidadosos em sugerir um equilíbrio. O superintendente geral R. T. Williams declarou o seguinte à Assembleia Geral da Igreja do Nazareno de 1928: “A igreja deve enfatizar tanto a crise como o processo na religião. Durante muitos anos, o povo de santidade sentiu que o trabalho para o qual foi chamado terminava no altar, quando as multidões que se apresentavam recebiam as bênçãos da regeneração e da santificação, mas ficou evidente que o nosso trabalho apenas começava aí. A Igreja do Nazareno combina esses dois grandes princípios, a saber, a crise e o processo. Liderar [o povo] a Deus e a edificação do corpo de Cristo na salvação inicial e no desenvolvimento do caráter cristão”. *General Assembly Journal*, 1928, referenced in Dunning, *Pursuing the Divine Image*, Kindle Location 2176, footnote 26.
25. A perfeição cristã é uma frase bíblica e é frequentemente usada ao longo da história cristã. Os pais e mães da igreja primitiva equiparavam a perfeição à ideia de theosis, ou deificação: participação na natureza divina. No entanto, o conceito moderno de perfeição é entendido de maneira diferente. Nunca foi ensinada com precisão como uma “perfeição sem pecado”, ou, como Thomas Noble escreve, “a ideia de que, nesta vida, os cristãos poderiam alcançar esse estado final absoluto de perfeição, onde eram sem pecado e perfeitamente santos”. T. A. Noble, *Holy Trinity, Holy People: The Historic Doctrine of Christian Perfecting* (Eugene, OR: Cascade Books, 2013), 22. Para evitar a confusão da interpretação moderna e

plena consagração a Deus, continuamos crescendo na graça e nunca paramos de crescer enquanto vivermos.

Os Artigos de Fé da Igreja do Nazareno declaram: “Cremos que há uma distinção bem definida entre um coração puro e um caráter maduro. O primeiro é obtido instantaneamente, como resultado da inteira santificação; o último resulta do crescimento na graça.” Quando respondemos com fé à graça preveniente, recebemos a graça salvadora. Há uma reorientação radical de nossas prioridades, uma reconstituição de nossos desejos e o poder e a obra do Espírito Santo são liberados em nossas vidas. Em vez da libertação instantânea de todos os hábitos prejudiciais, falhas de caráter ou más disposições que já possuímos, Deus continua trabalhando em nós para nos moldar para aquilo que Ele deseja que sejamos. O objetivo do discipulado cristão é tornar-se cada vez mais parecido com Jesus. É por isso que Paulo pensa que, assim como não esperamos que os bebês permaneçam bebês, assim como queremos que eles cresçam e se tornem adultos plenamente funcionais, também devemos esperar que os cristãos também não permaneçam bebês espirituais. O crescimento espiritual começa na salvação, mas continuamos a crescer na graça durante toda a vida. Daqui a um ano, devemos parecer, agir e pensar mais como Cristo do que no dia de hoje, ao progredirmos pela graça santificadora.

2. O crescimento espiritual envolve mais do que apenas tempo.

A maioria de meus amigos não sabe, ou se esqueceram, que eu sei tocar piano. Toco piano há mais de quarenta anos. Quando tinha dez anos, praticava quase todos os dias (com muita supervisão da minha mãe, que priorizava a prática de piano em vez do futebol). Agora toco com muito menos frequência, cerca de uma vez por ano. Se alguém me perguntasse há quanto tempo toco piano, estaria sendo sincero

destacar os aspectos dinâmicos do crescimento na graça, Noble argumenta: “Dado esse conceito dinâmico de perfeição de movimento, em vez da chegada final, pode ser preferível expressar este significado da palavra grega, não usando a palavra ‘perfeição’, mas traduzindo-a para ‘aperfeiçoamento!’” Ibid., 24.

se dissesse há quatro décadas, mas na verdade, não passei essas quatro décadas praticando intencionalmente. Na igreja, há crianças que tocam piano há alguns anos e tocam melhor do que eu, mesmo que, tecnicamente, eu toque há mais tempo.

Com nossas vidas espirituais não é diferente. O simples fato de ser exposto à informações não significa que as pessoas as absorvam, entendam, aceitem e vivam. Embora seja verdade que o crescimento espiritual leva tempo, não é verdade que a graça santificadora seja, inerentemente, um produto do tempo, ou até um subproduto da exposição à cultura cristã.²⁶ As igrejas estão cheias de pessoas que passaram anos sendo cristãs, mas suas vidas refletem muito pouco do Espírito de Jesus. São críticas, irritadiças, cínicas, negativas e egoístas. Muitas delas são como o George de uma de minhas antigas congregações: elas não estão se tornando cada vez mais parecidas com Jesus todos os anos. A razão é muito simples.

3. O crescimento espiritual não é tanto uma questão de tempo, mas é uma cooperação com Deus e um treinamento intencional. O escritor de Hebreus diz: “A esta altura, já deveriam ensinar outras pessoas, e no entanto precisam que alguém lhes ensine novamente os conceitos mais básicos da palavra de Deus. Ainda precisam de leite, e não podem ingerir alimento sólido. Quem se alimenta de leite ainda é criança e não sabe o que é justo. O alimento sólido é para os adultos que, pela prática constante, são capazes de distinguir entre certo e errado. Portanto, deixemos de lado os ensinamentos básicos a respeito de Cristo e sigamos em frente, alcançando a maturidade” (Hebreus 5.12–6.1, NVT, ênfase adicionada).²⁷ Com base na expres-

26. White, *Rethinking the Church*, 59.

27. Wesley gostava de descrever a santificação como perfeição cristã, até mesmo intitulado o seu mais famoso catecismo doutrinário, *A Plain Account of Christian Perfection*. Ao argumentar que a experiência do amor perfeito, ou “Deus aperfeiçoando em amor”, pode ser realizada nesta vida, ele aponta: “(1) existe algo como perfeição; pois ela é repetidamente mencionada nas Escrituras. (2) Não acontece tão cedo quanto a justificação; pois as pessoas justificadas devem

são “a esta altura”, podemos presumir que essa parte das Escrituras foi escrita para crentes que já eram cristãos há algum tempo. Em vez de se tornarem professores da jornada da graça através de suas palavras e exemplo, eles ainda estavam comendo comida de bebê. O caminho para seguirem uma dieta adulta e tornarem-se cristãos maduros é através do treinamento em retidão — treinamento que os ajude a reconhecer a diferença entre o certo e o errado e a distinguir entre o bom e o melhor. Isso é estar caminhando em direção à perfeição cristã, ou uma maturidade em Cristo que permite que os crentes arrependidos se desviem dos aspectos da carne que ainda permanecem no coração.²⁸

A frase “pela prática constante, são capazes” nas Escrituras de Hebreus é intrigante. Implica esforço intencional e implica que os cristãos participem do próprio crescimento espiritual em Cristo. Outros exemplos são abundantes: “Equipe-se! Edifique a sua fé! Corra! Guarde o seu coração!” Todos estes exemplos são mandamentos bíblicos para desenvolver, no mundo, o que Deus está fazendo em nós. Este treinamento é realizado por práticas específicas — ou meios da graça — que John Wesley chamou de obras de piedade e obras

‘prosseguir até à perfeição’. (Hebreus 6.1). (3) Não acontece tão tarde como a morte; pois Paulo fala de homens vivos que eram perfeitos (Filipenses 3.15)”.

Wesley, *A Plain Account of Christian Perfection, Annotated*, eds. Randy L. Maddox and Paul W. Chilcote (Kansas City, MO: Beacon Hill Press of Kansas City, 2015).

28. John Wesley, num sermão intitulado “The Repentance of Believers” [O Arrependimento dos Crentes], enfatizou a contínua necessidade de arrependimento para os cristãos que buscam a vida santa. Num artigo apresentado em uma conferência de santidade, um dos meus professores de teologia do seminário, Rob L. Staples, disse: “A inteira santificação pode ser entendida como um compromisso total do nosso destino da theosis [renovação à imagem de Deus] com um contínuo arrependimento por, e resultante limpeza de qualquer coisa que impeça ou dilua esse compromisso, ou o que Wesley chamou de ‘arrependimento dos crentes’ que disse ser ‘necessário em todas as etapas subsequentes do nosso percurso cristão’”. Staples, “Things Shakable and Things Unshakable in Holiness Theology,” Revisioning Holiness Conference, Northwest Nazarene University, February 9, 2007.

de misericórdia.²⁹ As obras de piedade incluem os meios instituídos da graça, como oração, ler a Bíblia, jejuar, participar da Santa Ceia, batismo e passar tempo com outros cristãos. As obras de misericórdia também são um meio da graça enquanto se presta serviço a outras pessoas, como por exemplo “alimentar os famintos, vestir os nus, abrigar o estrangeiro, visitar os que estão na prisão ou doentes e instruir os desinformados”.³⁰ Praticamos os meios da graça, assim como os recebemos como presentes; a nossa participação é necessária.³¹

No entanto, devemos ter cuidado para não confundir participação com controle. Não controlamos o nosso crescimento espiritual, nem o causamos. Há algumas coisas que estão sob nosso controle. Podemos fazer um telefonema, dirigir um carro ou fazer uma tarefa. Há também coisas sobre as quais não podemos fazer nada. Não podemos mudar as condições climáticas. Não podemos mudar nossa genética. Existem coisas que podemos controlar e outras que não podemos — ambas existem.

No entanto, há também uma terceira categoria: as que não controlamos, mas com as quais podemos cooperar. Pense em dormir. Se você tem filhos, pode estar familiarizado com a necessidade de ter que dizer a eles para irem dormir. Às vezes, eles respondem: “Não consigo!” Eles estão parcialmente certos. Não conseguem ir dormir da mesma maneira como se faz um telefonema. Como pais, asseguramos aos nossos filhos que eles podem fazer algumas coisas para ser

29. “Por ‘meios da graça’ entendo sinais externos, palavras ou ações, ordenadas por Deus e designadas para esse fim, como os meios comuns pelos quais Ele pode transmitir aos homens a graça preveniente, justificadora ou santificadora.” Wesley, “Sermon 16: The Means of Grace,” II.1, <http://wesley.nnu.edu/john-wesley/the-sermons-of-john-wesley-1872-edition/sermon-16-the-means-of-grace/>. Os meios de graça são também às vezes chamados de disciplinas espirituais.

30. Joel B. Green and William H. Willimon, eds., *Wesley Study Bible New Revised Standard Version* (Nashville: Abingdon Press, 2009), 1488, footnote “Going on to Perfection”.

31. Para obter mais informações sobre os meios da graça, consulte o capítulo 5, “Graça Sustentadora”.

mais fácil dormir. Eles podem se preparar para tal. Podem deitar na cama, apagar as luzes, fechar os olhos, ouvir música suave e o sono acabará chegando! Eles não podem controlar o sono, mas não ficam desamparados. Eles podem estar disponíveis para dormir e deixar que o sono os invada. O mesmo se aplica ao crescimento espiritual. Não podemos nos santificar ou nos tornar como Jesus. O Santo é que nos torna santos. Deus é o nosso santificador. No entanto, tal como em nossa salvação, é necessário haver cooperação. Nós não nos salvamos, mas devemos dizer sim à graça salvadora.

O eminente professor de discipulado Dallas Willard disse: “A graça não se opõe ao esforço; é contrária a ganhar”.³² Graça é mais do que regeneração, justificação e perdão. A graça é necessária para toda a jornada do discipulado. Mesmo assim, talvez o grande perigo de nosso tempo não seja pensar que estamos fazendo muito em nossa jornada de discipulado, mas supor que não devemos fazer nada. A passividade pode ser tão perigosa quanto o legalismo. Quando Paulo diz para tirar o velho eu e vestir o novo, certamente quer dizer que devemos fazê-lo com a ajuda de Deus. Paulo é enfático em relação a isso: “Exercite-se, pessoalmente, na piedade” (1 Timóteo 4.7) e novamente: “Vocês não sabem que os que correm no estádio, todos, na verdade, correm, mas um só leva o prêmio? Corram de tal maneira que ganhem o prêmio” (1 Coríntios 9.24).

Graça significa que Deus fez tudo o que não poderíamos fazer por nós mesmos, mas isso não significa que agora nos tornamos consumidores que nada contribuem para o relacionamento. Esta ideia equivocada explica a abordagem do discipulado sem ações de muitos cristãos e, como resultado, a falta de crescimento e maturidade espiritual. Assim, Dallas Willard também disse, “sabemos, como Jesus diz: ‘porque sem mim vocês não podem fazer nada’ (João 15.5) (...) mas é

32. Dallas Willard, *The Great Omission: Reclaiming Jesus's Essential Teachings on Discipleship* (New York: HarperCollins, 2006), 61.

melhor acreditarmos que o contrário deste versículo diz: ‘Se não fizerem nada, será sem mim’. E esta é a parte que temos mais dificuldade em ouvir”.³³ Cooperamos com a graça ativa de Deus reordenando as nossas vidas em torno das atividades, disciplinas e práticas que foram modeladas por Jesus Cristo. Além disso, participamos delas não para ganhar nossa santificação, mas para alcançar, por meio do treinamento o que não podemos fazer meramente “tentando com mais afincó”.

4. O crescimento espiritual é um esforço comunitário. Os leitores ocidentais tendem a se surpreender com a ênfase comunitária da descrição de Paulo da jornada da graça, embora muitas culturas não ocidentais já saibam que não podemos fazer a jornada sozinhos. Lendo novamente a partir de seu principal tratado teológico em relação à igreja: “Ele faz que todo o corpo se encaixe perfeitamente. E cada parte, ao cumprir sua função específica, ajuda as demais a crescer, para que todo o corpo se desenvolva e seja saudável em amor”(Efésios 4.16, NVT, ênfase adicionada). Por mais inesperados que estes versículos possam ser para as culturas acostumadas a curvar-se no altar do individualismo, incluindo a espiritualidade individualista, Paulo não pede desculpas pelo fato de que o nosso discipulado nunca teve a intenção de ser um ato solo. Cada “parte” (individual) do corpo é importante e tem um trabalho único a ser feito, mas todo o trabalho individual tem um propósito combinado: ajudar as outras partes a crescerem.

É sinergia sagrada. “Sinergia” vem da palavra grega *synergos*, que significa “trabalhar juntos”. Já foi dito que o trabalho de um todo é maior do que a soma individual de suas partes ou que a combinação das partes individuais produz um impacto maior do que se poderia fazer sozinho. A sinergia é encontrada na natureza, nos negócios, nos

33. Willard, “Spiritual Formation: What It Is, and How It Is Done,” n.d., <http://www.dwillard.org/articles/individual/spiritual-formation-what-it-is-and-how-it-is-done>.

esportes e nos relacionamentos familiares. É o poder da interdependência, reciprocidade e mutualidade.³⁴

Um exemplo popular da mutualidade é a relação entre as zebras e os pássaros muito pequenos chamados de pica-boi. Os pica-bois comem os carrapatos nas costas das zebras, agindo como uma espécie de controle de pragas; eles também emitem um som sibilante quando estão assustados, servindo como um sistema de alarme para as zebras quando os predadores estão por perto. As zebras fornecem bastante comida para os pássaros; e eles fornecem às zebras uma boa higiene e cuidados de saúde. Estes dois animais são completamente diferentes em muitos aspectos, mas cada um precisa do outro para prosperar.

A sinergia também é a medida de um corpo saudável que está crescendo e está cheio do amor perfeito (o que o grego chama de ágape). A prestação de contas, encorajamento, admoestação, oração intercessória e apoio são impossíveis longe de outras pessoas. Nós nos tornamos um povo santo ao estarmos juntos. Ouvimos mais claramente a voz de Deus em comunidade. O amor é superficial até que seja vivido no contexto de relacionamentos reais. A jornada da graça é um evento de equipe!³⁵

Então, aqui estão elas, lado a lado. Duas equações distintas para o crescimento no discipulado.

A equação popular:

$$\text{Salvação} + \text{Tempo} + \text{Força de Vontade Individual} = \\ \text{Crescimento Espiritual}$$

34. Para obter mais informações sobre o entendimento bíblico da interdependência, ver o ensino de Paulo no Novo Testamento sobre o corpo humano como uma metáfora para a igreja (1 Coríntios 12, Efésios 4). Para obter mais informações sobre a mutualidade, ver os seus ensinamentos sobre o casamento cristão (Efésios 5).

35. White, *Rethinking the Church*, 61. Ver também o capítulo 5 e a ênfase na responsabilidade cristã e na graça sustentadora.

A equação da santidade:

Graça + Cooperação com Deus + Comunidade cristã =
Semelhança a Cristo

Os cristãos são chamados a crescer na graça, que é outra maneira de dizer que devemos crescer à semelhança de Jesus. Recebemos a nova vida de Cristo para que possamos crescer n'Ele. Deus refaz e remodela. Isto é graça santificadora. Não conheço ninguém que o diga de forma mais caprichosa do que C. S. Lewis:

Imagine que você é uma casa viva. Deus entra para reconstruir essa casa. No início, talvez você consiga perceber o que Ele está fazendo. Ele está melhorando o escoamento de águas e resolvendo as infiltrações no telhado e assim por diante; você já sabia que essas coisas precisavam ser feitas e por isso não fica surpreso. Mas agora Ele começa a quebrar paredes de uma maneira que dói terrivelmente e não parece fazer nenhum sentido. O que Ele está fazendo? A explicação é que Ele está construindo uma casa muito diferente daquela que você imaginou — Ele está colocando uma nova ala aqui, um andar extra ali, erguendo pilares e construindo pátios. Você pensou que estava sendo transformado em um pequeno chalé, mas Ele está construindo um palácio. Ele pretende morar nele.³⁶

Deus não apenas nos salva, mas também nos transforma. Ele nos aceita onde estamos, mas nos ama o suficiente para não nos deixar lá. Ele reimagina, refaz e remodela. Quando nos oferecemos em completa consagração e total rendição a Deus Pai, o Deus Espírito Santo limpa e purifica nossos corações, nos refazendo à imagem do Deus Filho. Tornamo-nos semelhantes a Cristo em nossos pensamentos, palavras e ações. A nossa casa está sob uma nova administração.

36. C. S. Lewis, *Mere Christianity* (New York: Touchstone, 1996), 175-76.

“Santidade significa que não há uma área de sua vida que esteja fora do controle de Jesus Cristo”.³⁷ Tiramos as mãos do volante e deixamos Jesus assumir o comando e dar as ordens. Dizemos: “Tu és o meu Salvador (salvação); agora dobro os meus joelhos e faço de Ti o meu Senhor (santificação)”. Somos separados para um propósito santo, e o perfeito amor de Deus começa a fluir através de nós. Começamos a amar a Deus verdadeiramente com todo nosso coração, mente e força, e nosso próximo como a nós mesmos.

Inteira santificação definida

Algumas últimas palavras sobre o que se entende por inteira santificação. “Inteiro” não se refere a uma obra completa de Deus em nós, mas em um sentido muito real, é ser completo. Deus trabalha continuamente dentro de nós e sobre nós; portanto, nesse sentido, a obra-prima da nossa vida continua até à ressurreição final de todas as coisas, incluindo a nossa glorificação.³⁸ Somos inteiros e “integralmente completos” pela graça santificadora, como podemos estar nesse momento. Nossas vidas são marcadas pelo requintado esplendor do *shalom*. *Shalom* é o que Deus está concebendo na criação e moldando nas nossas vidas. *Shalom* certamente significa paz, mas também significa totalidade, integridade, unidade e todas as partes trabalhando em harmonia com o objetivo (*telos*) para o qual fomos criados.

37. A primeira vez que ouvi Dennis Kinlaw usando essa expressão foi num sermão da capela do seminário de 1991. Foi também a primeira vez que me lembro de entender que o controle de Deus sobre a minha vida não era um desejo de manipulação da Sua parte, mas um desejo de intimidade. Na minha opinião, Kinlaw foi um dos melhores pregadores de santidade do final do século XX e início do século XXI, até à sua morte em 2017.

38. A “glorificação” refere-se ao estado de um crente após a morte e a ressurreição final de todas as coisas. “Pela graça de Deus, seremos finalmente glorificados — ressuscitados com Cristo quando Ele voltar e transformados à Sua completa semelhança, para desfrutar da Sua glória para sempre”. Greathouse and Dunning, *An Introduction to Wesleyan Theology*, 54. Além disso, Diane LeClerc refere-se à glorificação como a santificação final em “que uma pessoa é removida da própria presença do pecado”. LeClerc, *Discovering Christian Holiness*, 318.

A inteira santificação, como já discutimos, é uma vida de persistente renúncia à existência egocêntrica (carne) e a submissão contínua de obediência não resistente aos caminhos e à vontade de Deus. Como Jesus disse com grande precisão: “Se alguém quer vir após mim [discípulos], negue a si mesmo [carne], dia a dia tome a sua cruz e siga-me” (Lucas 9.23).³⁹ O resultado de tal vida centralizada é a semelhança a Cristo que se manifesta no perfeito amor a Deus e ao próximo.

O décimo Artigo de Fé da Igreja do Nazareno articula a santificação assim:

Creemos que a santificação é a obra de Deus, que transforma os crentes, tornando-os semelhantes a Cristo. Ela é efetuada pela graça de Deus, através do Espírito Santo na santificação inicial, ou regeneração (simultânea com a justificação), na inteira santificação, na obra contínua de aperfeiçoamento feita pelo Espírito Santo e culminando na glorificação. Na glorificação somos plenamente conformados à imagem do Filho.

Creemos que a inteira santificação é o ato de Deus, subsequente à regeneração, pelo qual os crentes são libertados do pecado original, ou depravação, e levados a um estado de inteira devoção a Deus e à santa obediência do amor tornado perfeito. É operada pelo batismo com, ou enchimento do Espírito Santo e envolve, numa só experiência, a purificação do coração do pecado e a presença íntima e permanente do Espírito Santo, capacitando o(a) crente para a vida e o serviço.

39. Em referência à ideia de que a inteira santificação implica toda uma vida de negar a si mesmo (carne) e levar a cruz, “J. O. McClurkan, líder de um dos ramos do sul do início do Movimento de Santidade, referia-se a este último aspecto da vida santificada como ‘uma morte mais profunda do eu’, que na realidade deveria acontecer durante toda a vida cristã. Por experiência, ele reconheceu que nem toda a vida podia ser comprimida num momento de experiência”. Dunning, *Pursuing the Divine Image*, Kindle Location 853. Para obter uma discussão mais aprofundada sobre isto, consulte William J. Strickland and H. Ray Dunning, *J. O. McClurkan: His Life, His Theology, and Selections from His Writings* (Nashville: Trevecca Press, 1998).

A inteira santificação é provida pelo sangue de Jesus, realizada instantaneamente pela graça mediante a fé, precedida pela inteira consagração; e desta obra e estado de graça o Espírito Santo testifica.

Esta experiência é também conhecida por vários termos que representam diferentes aspectos dela, tais como: “perfeição cristã,” “perfeito amor,” “pureza de coração,” “batismo com, ou enchimento do Espírito Santo,” “plenitude da bênção,” e “santidade cristã.” 10.1. Cremos que há uma distinção bem definida entre um coração puro e um caráter maduro. O primeiro é obtido instantaneamente, como resultado da inteira santificação; o último resulta do crescimento na graça.

Cremos que a graça da inteira santificação inclui o impulso divino para crescer na graça como um discípulo semelhantes de Cristo. Contudo, este impulso deve ser conscientemente cultivado; e deve ser dada cuidadosa atenção aos requisitos e processos de desenvolvimento espiritual e avanço no caráter e personalidade semelhantes a Cristo. Sem tal esforço intencional, o testemunho do(a) crente pode ser enfraquecido e a própria graça comprometida e mesmo perdida.

Pela participação nos meios da graça, nomeadamente a comunhão, as disciplinas e os sacramentos da Igreja, os crentes crescem na graça e no pleno amor a Deus e ao próximo.⁴⁰

Devemos terminar nossa discussão sobre a graça santificadora perguntando: Com que propósito? Por que essa santidade desejada é necessária? Qual será a evidência de uma vida marcada por tal semelhança com Cristo?

Voltemos ao amor perfeito. A inteira santificação não é o pináculo da moralidade. É a forma mais elevada de amor abnegado. A

40. Igreja do Nazareno, *Manual: 2017-2021*, “X. Santidade Cristã e Inteira Santificação”.

inteira santificação é o amor santo completo em nós. É bem conhecido que Wesley definiu a inteira santificação como amor perfeito. Era o conteúdo singular de seus ensinamentos sobre a santidade. Mildred Bangs Wynkoop o afirma: “As discussões de Wesley sobre qualquer segmento da verdade cristã o levaram rapidamente ao amor. ‘Deus é amor’. Cada aspecto da expiação é uma expressão de amor; santidade é amor; o significado de ‘religião’ é amor. A perfeição cristã é a perfeição do amor. Cada passo de Deus em direção ao homem e a resposta do homem, passo a passo, são aspectos do amor”.⁴¹ Para esclarecer a questão, Wynkoop acrescenta: “Dizer que a santidade cristã é nossa *raison d’être* [razão de ser] significa dizer que estamos comprometidos com tudo o que o amor é, e isso é realmente importante”.⁴²

Em suma, o amor é o aspecto mais importante. Qualquer coisa menos do que o amor não atinge o objetivo máximo estabelecido pela “razão de ser” de uma vida santa. Qualquer compreensão da inteira santificação desprovida de amor é dura, legalista, crítica e profana. *Ágape* (amor cristão) é o amor que mantém todos os outros amores naturais em sua ordem devida.⁴³ O *ágape* guia, interpreta e controla todos os outros desejos. Por sermos incentivados a aumentar em *ágape*, entendemos que ele é dado e aprimorado; é um dom e cresce em

41. Mildred Bangs Wynkoop, *A Theology of Love: The Dynamic of Wesleyanism* (Kansas City, MO: Beacon Hill Press of Kansas City, 1972), 36.

42. Wynkoop, *A Theology of Love*, 36.

43. Para obter um resumo esclarecedor dos quatro termos gregos para amor — eros, storge, philia e agape — recomendo a curta exegese de Wynkoop sob o título “Love and Fellowship”. Ela argumenta que exceto o *ágape*, todos os outros termos são amores naturais, exigindo pouco esforço. *Ágape* não é apenas uma dimensão diferente do amor, mas é também uma qualidade pela qual se ordena a vida, somente possibilitada pela plenitude de Cristo. “Portanto, o amor que chamamos de amor cristão não substitui os outros amores, nem é um acréscimo a esses amores, mas é uma qualidade da pessoa como um todo, pois está centralizada em Cristo. A auto-orientação distorcida, que falha todos os outros relacionamentos porque os utiliza para vantagem pessoal (geralmente das maneiras mais sutis e desonestas), é trazida à sua plenitude pela presença permanente do Espírito Santo. Neste relacionamento, todos os outros relacionamentos da vida são aprimorados, embelezados e santificados”. Wynkoop, *A Theology of Love*, 38.

nós pela presença permanente do Espírito Santo. É necessário esforço, mas nos é dado graça.

Somos atraídos pelo amor santo através da graça que busca (preveniente). Somos capturados pelo amor santo através da graça salvadora. Somos purificados e separados pelo amor santo através da graça santificadora. Crescemos na graça à medida que abundamos no amor santo. É assim que experimentamos a plenitude da vida em Cristo.



5

A GRAÇA SUSTENTADORA

E ao Deus que é poderoso para evitar que vocês tropecem e que pode apresentá-los irrepreensíveis diante da sua glória, com grande alegria, a este que é o único Deus, nosso Salvador, mediante Jesus Cristo, Senhor nosso, sejam a glória, a majestade, o poder e a autoridade, antes de todas as eras, agora, e por toda a eternidade. Amém!

— Judas 1.24-25

Chega um momento na vida de cada cristão quando algo começa a surgir para eles. Às vezes acontece imediatamente, às vezes acontece mais adiante na jornada da graça: aspectos de minha vida permanecem sem rendição ao senhorio de Cristo. Há cômodos em minha casa que estão sendo reformada (para voltar à ilustração de C. S. Lewis) que permanecem fechados para a obra de Deus.

Como Deus está incansavelmente comprometido com nossa santidade, tornando-nos cada vez mais semelhantes a Jesus, o Espírito Santo começa a sondar: “Será que tudo é meu? Tudo em você pertence a mim? Existe alguma coisa que você esteja me escondendo?”

Nossa primeira resposta pode ser: “Tudo pode ser seu, exceto (preencher o espaço em branco). Eu dei a Ti 99% de mim. Não há nada que eu possa guardar para mim? Espera que eu Lhe dê tudo?”¹

Com amor paciente e dedicação inabalável para cumprir o objetivo final (*telos*) do nosso discipulado, o Espírito de Jesus sussurra: “Sim, tudo de ti. Cem por cento. Sem conter nada”.

Ser totalmente de Deus é compartilhar em tudo a vida prometida de Deus. Quanto mais do nosso eu é entregue a Deus, maior é a paz e a alegria. Oswald Chambers acredita que a vida eterna não é uma dádiva originada em Deus, mas uma dádiva pertencente a Deus. Além disso, o poder espiritual que Jesus prometeu aos Seus discípulos após a Sua ressurreição e em antecipação ao Pentecostes não é um dom do Espírito Santo, mas sim o poder do Espírito Santo (Atos 1.8). O resultado é um suprimento infinito da vida abundante que aumenta a cada renúncia para Deus. Mais uma vez, a visão de Chambers é esclarecedora: “Mesmo o santo mais fraco pode experimentar o poder da divindade do Filho de Deus, quando está disposto a ‘entregar-se’. Mas qualquer esforço para ‘nos apegar’ ao mínimo de nosso próprio poder só diminuirá a vida de Jesus em nós. Temos que continuar nos entregando, e a vida de Deus nos invadirá, pouco a pouco, mas de forma segura, penetrando em todas as partes”.²

O coração humano é o lugar do pecado e da desobediência, mas também é o lugar da graça e da santidade. Na graça que busca, Deus corteja nosso coração; na graça salvadora, Deus o captura; na graça santificadora, Deus o limpa. Nossa predisposição se move do coração de um servo para o coração de um filho. Descobrimos que já não servimos a Deus por medo do que poderia acontecer se não

1. “Cuidado para nunca pensar: ‘Oh, isto na minha vida não importa muito’. O fato de que não importa muito para você pode significar que importe muito para Deus. Nada deve ser considerado um assunto trivial por um filho de Deus. Nada nas nossas vidas é um mero detalhe insignificante para Deus”. Chambers, *My Utmost for His Highest*, 76–77.

2. Chambers, *My Utmost for His Highest*, 74–75.

obedecêssemos; em vez disso, recebemos um coração de amor que nos dá o desejo de obedecer. No entanto, não se engane: a reivindicação de Cristo ao longo da jornada da graça é por nada menos do que tudo de nós — inteiros, completos, integrais.

A santidade significa ser separado para um propósito santo e ser tão cheio do Espírito de Jesus que nossa mentalidade, motivos e atitudes são semelhantes a Cristo. Negamos a nós mesmos, o que significa que desistimos de nosso direito ao “eu”. Tomamos a nossa cruz, o que significa que transferimos nossos direitos para Jesus. Aqui está o surpreendente paradoxo: ao renunciar a nosso direito ao “eu” e transferir nossos direitos a Jesus, encontramos vida. Quando perdemos nossa vida em Cristo, a encontramos. Aquilo que é negado a Deus está, finalmente, perdido; aquilo que é entregue a Deus não pode ser tomado de volta. “Porque vocês morreram, e a vida de vocês está oculta juntamente com Cristo, em Deus” (Colossenses 3.3). A consagração é total.

Nossa consagração a Deus não é a fonte de nossa santificação. Não podemos nos santificar; não nos fazemos santos. O Espírito de Jesus é que o faz. Não basta querer ser como Jesus. O desejo não é suficiente e a imitação tem seus limites. Precisamos ter o Espírito de Jesus em nós, ou, como Paulo diz, Cristo deve ser formado em nós (Gálatas 4.19).

Em muitos aspectos, os fariseus eram as melhores pessoas da época de Jesus. Eles eram morais, puros e bons. No entanto, a bondade deles estava localizada na modificação do comportamento e em suas tentativas de serem santos por meio de um sistema de gerenciamento dos pecados que nunca lidava com seus corações. Eles queriam ser piedosos e levar uma vida pura, mas sua abnegação acabou por servir aos seus próprios interesses e o fato de carregar a sua própria cruz os tornou menos amorosos. Só se consegue administrar o exterior por um certo tempo, até que o interior assume o controle. Como

mencionado anteriormente, tudo o que está em seu coração acabará escapando. O cristão fariseu — aquele que tenta ter uma vida santa por meio do esforço auto dirigido e da carne — sempre carecerá do amor perfeito porque não basta querer ser como Jesus. O Espírito de Jesus deve estar em nós. Este é o ponto crucial da santidade do coração. A graça é necessária para capacitar, habilitar e para se ter uma vida santa.

Dallas Willard explica que a vida santa realmente requer mais graça do que qualquer tentativa de imitar Jesus através de empreendimentos auto direcionados: “Se você realmente deseja usufruir da graça, apenas siga uma vida santa. O verdadeiro santo ‘queima’ a graça da mesma forma como um avião 747 queima o combustível na descolagem. Tornando-se o tipo de pessoa que, rotineiramente, faz o que Jesus fez e disse. Você consumirá muito mais graça ao ter uma vida santa do que ao pecar, porque cada ato sagrado que você fizer terá que ser confirmado pela graça de Deus. E essa confirmação é totalmente o favor imerecido de Deus em ação”.³ Devemos ter a confirmação incessante da graça sustentadora de Deus — a graça que nos impede de cair (Judas 1.24).

Dito isto, a graça sustentadora não nega a necessidade de nossa participação. No capítulo 4, vemos que a graça significa que Deus fez tudo o que não poderíamos fazer por nós mesmos, mas isso não significa que agora nos tornamos consumidores que nada contribuem para o relacionamento. Cooperamos com a graça ativa de Deus reordenando nossas vidas em torno das atividades, disciplinas e práticas que Jesus modelou. Participamos delas não para ganhar nossa santificação, mas para alcançar, através do treinamento, o que não podemos fazer ao nos esforçarmos mais.

3. Willard, *The Great Omission*, 62.

A justiça transmitida

Talvez seja útil dizer algumas palavras sobre a diferença entre a justiça imputada e a transmitida. Segundo Diane LeClerc, a justiça imputada é “a justiça de Jesus creditada ao cristão, que permite que o cristão seja justificado. Deus vê a pessoa através da justiça de Cristo, mas não se refere à transformação interior e à limpeza do indivíduo feita por Deus.” A justiça concedida, por outro lado, é “um dom gracioso de Deus dado no exato momento do novo nascimento de um indivíduo. Deus começa o processo de nos tornar santos”.⁴

A diferença entre as duas não é tão sutil como se imagina. Uma é uma justiça creditada — aplicada, por assim dizer; a outra é uma justiça que habita. A justiça concedida pode ser entendida como o dom de Deus que capacita e dá poder ao discípulo de Cristo para se esforçar pela santidade, santificação e amor perfeito. Mais precisamente, Timothy Tennent capta bem a diferença: “Como cristãos, sabemos que Deus toma os pecadores e os veste com a justiça de Cristo (imputada). Depois, Deus opera em nós toda boa obra, para que a justiça que antes nos foi imputada, se torne, em tempo real, transmitida a nós, em medidas cada vez maiores”.⁵

O otimismo da graça

A justiça concedida é o que tornou John Wesley tão otimista quanto ao potencial da transformação. Reconhecendo plenamente a devastação do pecado original, Wesley não estava otimista quanto a

-
4. LeClerc, *Discovering Christian Holiness*, 312. É por isso que John Wesley se referiu ao novo nascimento como santificação inicial. Embora não negue a outra, a tradição reformada tende a enfatizar a justiça imputada, enquanto a teologia wesleyana de santidade coloca a principal ênfase na justiça transmitida.
 5. Timothy Tennent, “Living in a Righteousness Orientation: Psalm 26” *Seedbed Daily Text*, September 1, 2019, <https://www.seedbed.com/living-in-a-righteousness-orientation-psalm-26/>. Tennent acrescenta: “Somente na nova criação é que isto é totalmente completo, mas a santificação é o chamado de cada crente — em ser separado como santos — para que com todo o coração possamos louvar ao Senhor ‘nas congregações’ (Salmos 26.12).

natureza humana. No entanto, ele estava totalmente convencido de que a graça de Deus poderia transformar literalmente uma vida de dentro para fora.

Uma vez ouvi meu amigo Wesley Tracy se referir a isso como o “otimismo radical da graça.” Para ilustrar, ele me contou uma história: Imagine que há uma menina entrando pela parte de trás da igreja. Ela tem onze ou doze anos. Suas roupas estão sujas e pouco cuidadas; seu cabelo fino está emaranhado. Ela cheira a mofo, como se não tivesse tomado um banho de verdade há vários dias. Você conhece um pouco da história dela. Ela não está indo bem na escola. Está com matérias atrasadas e não consegue ter notas boas. Você tem quase certeza que o problema não é o intelecto dela, mas o mais provável é que o problema esteja acontecendo em casa. Ela não conhece o pai biológico e a mãe dela tem tido vários namorados. Há rumores de abuso infantil em casa e os hematomas em seus braços parecem confirmá-lo.

Tracy então disse: “Um comportamentalista olharia para aquela menina e diria: ‘Ela tem cicatrizes para o resto da vida; ficará assim para sempre. Algumas coisas podem ser recuperadas, mas ela sempre andará cambaleando e nunca poderá ser tudo o que poderia ter sido se seu ambiente fosse diferente.’ Isto é o que um comportamentalista diria.” Mas Tracy continua: “Você sabe o que diria alguém que acredita no otimismo radical da graça? ‘Não importa o que tenha sido feito a ela ou o que ela faz consigo mesma, esta menina tem a esperança do Evangelho. Deus pode tomá-la de onde está e fazer dela o que Ele quer que ela seja’”. Ou, como Wesley diria: “Mostre-me o mais vil infeliz de Londres e eu lhe mostrarei alguém que tem a graça dos próprios apóstolos.”

Esse otimismo leva a sério a nossa condição pecaminosa, mas leva ainda mais a sério o poder da graça de tomar alguém, de qualquer lugar, de qualquer situação, e torná-lo tudo o que Deus quer que ele

seja.⁶ Nenhuma dor é tão dolorosa, nenhuma mágoa é tão danosa, nenhuma ferida é tão profunda, nenhum pecado é tão terrível que a graça de Deus não possa transformar, curar e restaurar por completo.

Perdão e poder

A jornada da graça é a transformação da pessoa como um todo. A justiça é transmitida; a santidade é dada. Não é “se esforçar mais” ou “se recompor”, mas uma verdadeira mudança que resulta em uma vida de poder. Em outras palavras, a graça de Deus é necessária para o perdão e para o poder. Precisamos do perdão de nossos pecados (absolvição) e precisamos de força (poder) para viver uma vida que honre a Deus. Um sem o outro leva a extremos perigosos. Se dissermos: “Deus nos perdoará, mas Ele realmente não se importa com a maneira como vivemos nossas vidas imperfeitas, porque, afinal, tudo está coberto pela graça”, corremos o risco de antinomianismo. Por outro lado, se presumirmos que a graça é necessária apenas para perdoar nossos pecados, mas depois cabe a nós seguir em frente sozinhos, corremos o risco de legalismo. Ambos são extremos perigosos que impedem a jornada da graça. O apóstolo Paulo fala desses dois extremos quando diz: “desenvolvam a sua salvação com temor e tremor, porque Deus é quem efetua em vocês tanto o querer como o realizar, segundo a sua boa vontade” (Filipenses 2.12b-13). Quem é o responsável pelo nosso crescimento espiritual? É trabalho nosso ou de Deus? A resposta de Paulo é sim para ambas as perguntas e isso não é contraditório.

Considere o extremo do legalismo. O legalismo em sua definição teológica mais estrita é a noção exagerada de que a obediência a regras, regulamentos e códigos específicos de conduta é necessária para a salvação. Na prática, diz o legalismo, sabemos que Deus providenciou nossa salvação através da cruz de Jesus, mas a sua realização

6. “Como Wesley diria, negar este otimismo tornaria o poder do pecado maior que o poder da graça — uma opção que deveria ser impensável para uma teologia wesleyana de santidade”. LeClerc, *Discovering Christian Holiness*, 27.

em nossa vida depende se orarmos muito, lermos a Bíblia todos os dias e tomarmos o cuidado de evitar certas pessoas e lugares. No fundo, o legalismo está tentando fazer por nós mesmos o que somente Deus pode fazer. O resultado de uma pessoa empenhada em manter as regras é uma enorme quantidade de culpa, medo, frustração e insegurança com muito pouco de graça, paz ou segurança. É um disciplado sem a graça e, levado ao extremo, torna-se uma forma ilusória de humanismo hipócrita e um ar de superioridade. Os legalistas têm grandes expectativas em relação a si mesmos, mas têm padrões ainda mais altos para todos os outros, o que é pouco atrativo e repele os que estão afastados da igreja.

Em contraste com o legalismo, está o extremo oposto, o antinomianismo. Antinomianismo é uma palavra técnica que deriva de duas palavras gregas: *anti*, que significa ‘contra’ e *nomos*, que significa ‘lei’. Combinadas, expressam a ideia de ilegalidade. Embora seja verdade — e passamos muito tempo discutindo esta questão — que um cristão é salvo apenas pela graça e não por boas obras ou nossas próprias ações, essa verdade não nos isenta das obrigações morais e espirituais. Na prática, o antinomiano diz: “Como a graça é abundante, porque não pecar ainda mais para receber ainda mais graça? Por estar coberto pela graça, não tenho obrigação de obedecer a nenhum padrão ético ou moral. Fui liberto do peso da responsabilidade. O amor cobre tudo.” Por mais ilógico (e impraticável) que possa parecer, é a mentalidade de alguns cristãos. “Não me peça nenhum compromisso ou sacrifício sério. Estou farto de colocar pesados fardos espirituais nos ombros das pessoas, porque isso só leva à culpa e ao legalismo antiquados. Estou na graça”.⁷ Note que, embora John Wesley não fosse

7. Numa conversa com o estudioso de Wesley, Cliff Sanders, sobre o legalismo e o antinomianismo, Sanders fez uma observação interessante: “Há cinquenta anos atrás, o legalismo era o maior desafio para as igrejas evangélicas. Hoje é mais provável que seja o antinomianismo, como a luta particular de muitos jovens adultos que foram criados na igreja e que querem retirar do amor a sua dimensão santa”.

legalista, ele acreditava que a maneira antinomiana de pensar era um perigo ainda maior do que o legalismo e considerava o antinomianismo a pior de todas as heresias, porque desvalorizava o amor perfeito. O amor sem santidade é permissivo; a santidade sem amor é dura.

Em 1751, John Wesley escreveu uma carta a um amigo, muitos acreditam, em resposta às acusações de que sua pregação era muito legalista ou muito permissiva (antinomiana). Sua resposta foi instrutiva: “Eu não aconselharia pregar a lei sem o Evangelho mais do que o Evangelho sem a lei. Sem dúvida, ambos devem ser pregados por sua vez; sim, ambos ao mesmo tempo, ou ambos em um”. Wesley resume o que ele quer dizer com “ambos em um” mantidos em tensão: “Deus te ama; portanto ame-O e obedeça-O. Cristo morreu por você; por isso, morra para o pecado. Cristo ressuscitou; por isso, erga-se à imagem de Deus. Cristo vive para sempre; por isso, viva para Deus até que você viva com Ele na glória. (...) Este é o caminho bíblico, o caminho metodista, o caminho verdadeiro. Queira Deus que nunca venhamos a sair deste caminho, nem para a esquerda nem para a direita.”⁸

Sendo assim, qual das duas opções escolhemos? Nossa salvação e crescimento espiritual são trabalho de Deus ou nosso? Paulo deixa claro: não é um ou outro, mas ambos. A salvação completa é obra de Deus do início ao fim. Somos procurados, salvos, santificados e sustentados pela graça de Deus. No entanto, também somos exortados repetidamente a fazer todos os esforços para cooperar com a obra do Espírito Santo em nossas vidas (Lucas 13.24; Filipenses 2.12-13; 2 Timóteo 2.15; Hebreus 12.14; 2 Pedro 1.5-7; 3.13-34).⁹

Graça é tanto para o perdão como para o poder. É assim que a graça sustentadora contribui para nosso discipulado na parceria divino-humana. Deus inicia, nós respondemos. Deus chama, nós

8. John Wesley, “Letter on Preaching Christ”, *The Works of the Rev. John Wesley*, Volume 6.

9. Ver a ênfase do capítulo 2 em “desenvolver no mundo o que Deus está fazendo em nós”.

escutamos. Deus guia, nós obedecemos. Deus capacita, nós trabalhamos. “Primeiro, Deus trabalha; portanto, você pode trabalhar”, disse Wesley. “Em segundo lugar, Deus trabalha; portanto, você deve trabalhar”.¹⁰

A necessidade do livre arbítrio

O assunto deste capítulo é a graça sustentadora, que é a graça que nos permite fazer o que Deus nos chama para fazer e a viver uma vida santa. A carta de Judas no Novo Testamento refere-se a esta graça, na bênção final, como o poder de Deus que nos impede de cair e nos torna irrepreensíveis diante d’Ele no dia final. Tal declaração comunica uma verdade muito importante sobre o nosso discipulado: podemos cair da graça, mas a graça sustentadora de Deus possibilita que isso não aconteça.

Houve uma época em que alguns pregadores de santidade bem-intencionados disseram que após a pessoa ser santificada, nunca mais pecaria. Essa proclamação gerou muita confusão e consternação entre cristãos sinceros, apaixonados por sua caminhada com Cristo, mas que descobriram que não só era possível tropeçar e cair, mas que isso acontecia com alguma frequência, especialmente à luz das mensagens que lhes diziam que a inteira santificação solucionava o problema. Esse não é simplesmente o caso — a razão é que nosso livre arbítrio nunca é retirado da equação. O livre-arbítrio permanece para sempre na vida do crente porque se baseia na necessidade do relacionamento. O amor é relacional e a escolha é um componente necessário de qualquer relacionamento saudável. De fato, a imagem de Deus está estampada em nós, e o que está sendo restaurado na plenitude de Cristo é a capacidade de relacionamentos santos e de amor.

10. John Wesley, “Sermon 85: On Working Out Our Own Salvation”, 3.2, <http://wesley.nnu.edu/john-wesley/the-sermons-of-john-wesley-1872-edition/sermon-85-onworking-out-our-own-salvation>.

O relato da criação em Gênesis é esclarecedor. Um Deus soberano cria o universo com pouco esforço além de dizer as palavras: “Haja...”. O governo de Deus é absoluto e Seu domínio é incomparável — no entanto, surpreendentemente, a liberdade humana está entrelaçada na estrutura da criação. Dado o poder incomparável de Deus para criar e sustentar, essa liberdade é inesperada porque, como percebemos mais tarde, as distintas escolhas dos seres humanos não são apenas permitidas, mas também têm o potencial de ajudar ou prejudicar o florescimento do bom mundo de Deus. O Todo-Poderoso, sob grande risco, permite que nossas escolhas tenham importância.

No primeiro paraíso, o Senhor Deus ordenou ao homem: “De toda árvore do jardim você pode comer livremente, mas da árvore do conhecimento do bem e do mal você não deve comer; porque, no dia em que dela comer, você certamente morrerá” (Gênesis 2.16-17). O poder da escolha foi dado nesta ordem. A princípio, pode-se pensar que isto é injusto por parte de Deus. Porque Deus ordenaria algo sabendo que, no exato momento em que se diz a alguém o que não pode fazer, é exatamente nisso que irá pensar? Será que isso foi um ambiente propício para a tentação? Não: Deus não os tentou. Eles tinham uma escolha. As duas opções não eram iguais. Na ordem está um reconhecimento do livre arbítrio (ou livre vontade).¹¹ A livre vontade é necessária para que exista amor em um relacionamento.

Se a minha esposa fosse forçada a me amar e não tivesse escolha, ainda teríamos, mais ou menos, um relacionamento, mas não seria um casamento. Por quê? Porque, se eu tivesse controle total, isso se tornaria algo diferente de amor. Ela se tornaria um robô que não

11. Mildred Bangs Wynkoop nos lembra que a ênfase principal de John Wesley estava mais na graça livre do que no livre arbítrio. Portanto, os da tradição wesleyana fariam com mais precisão da “vontade libertada”, que se refere à vontade autorizada e tornada livre pelo Espírito Santo, possibilitando que uma pessoa confesse ativamente a fé em Jesus Cristo. Ao longo de todo o caminho, a salvação é de Deus, somente pela graça. Wynkoop, *Foundations of Wesleyan-Arminian Theology*, 69.

conseguiria agir voluntariamente de outra forma. A única maneira de compartilhar um casamento saudável é se ambos tivermos a opção de amar um ao outro. É aí que reside o risco inerente ao amor: ela poderia escolher não me amar.

Quando Deus criou os seres humanos, Ele os colocou em um belo jardim cheio de vida e bondade. Foi pura graça, pois foi iniciada e dada por Deus, sem contribuição da parte deles. No entanto, Deus não os fez robôs que tinham que fazer a Sua vontade. Eles poderiam escolher entre o bem e o mal. Eles tiveram a opção de amar a Deus ou não amar. Era quase como se Deus estivesse dizendo: “Faça isso porque eu sou Deus. Sua obediência é uma escolha. Eu quero que esse relacionamento seja baseado no amor, não no controle”. Deus nos dá livre arbítrio não porque deseja nos tentar, mas porque deseja que o escolhamos de volta. Só então será um relacionamento volitivo enraizado no amor.

Soren Kierkegaard acreditava que uma vontade rendida era o sinal de um coração purificado: “A pureza de coração é desejar apenas uma coisa”. O oposto de um coração puro é ter dupla mentalidade, também refletida na vontade. A resposta para saber se a pessoa inteiramente santificada pode pecar novamente é sim. É possível cair da graça, porque a pessoa é sempre livre para responder a Deus ou à tentação em questão. Por amor, a escolha será sempre nossa. No entanto, aqui está a principal diferença de uma vida sustentada pela graça: agora temos o poder de não pecar. Pelo poder da graça sustentadora, podemos dizer sim a Deus e não à tentação. Nossa fé é protegida pelo poder de Deus, defendida por uma esperança viva através da ressurreição de Jesus Cristo dentre os mortos (1 Pedro 1.3–4).

Em uma franca confissão, Paulo admite que, antes do Espírito, o pecado estava no controle de sua vida com tanta força que era como um capataz de um escravo. “Porque não faço o bem que eu quero, mas o mal que não quero, esse faço” (Romanos 7.19). Ele estava preso no

ciclo vicioso de não querer fazer algo, mas ser incapaz de resistir, e de querer fazer algo, mas ser incapaz de fazê-lo. “Quem me livrará do corpo desta morte?” (7.24). Agora estando sob o poder do Espírito Santo, continua Paulo, ele pode dizer sim a Deus e não à tentação. “Graças a Deus por Jesus Cristo, nosso Senhor! De maneira que eu, de mim mesmo, com a mente, sou escravo da lei de Deus, mas, segundo a carne, sou escravo da lei do pecado” (7.25). Sem o Espírito Santo, nossa vontade humana é fraca e impotente para obedecer; com o Espírito Santo, somos capacitados a obedecer. Não é que quem seja santificado nunca mais possa pecar, mas agora tem o poder para não pecar. A diferença é a graça sustentadora de Deus que nos impede de cair.

A fidelidade se baseia na fé e na plenitude. Como Wesley foi rápido em acrescentar, o Espírito Santo fortalece a nossa vontade, para que possamos produzir “todo bom desejo, esteja relacionado ao nosso temperamento, palavras ou ações, à santidade interna e externa.”¹²

A Graça sustentadora como transformação do caráter

Em seu livro imensamente útil e abrangente sobre discipulado, *After You Believe* [Depois que Você Crê], N. T. Wright mostra como o caráter cristão é formado nas pessoas e nas igrejas. Ele se refere a isso como o longo, mas constante, crescimento na graça que vem como resultado das práticas espirituais e hábitos formados na vida de uma pessoa, que a transforma cada vez mais à imagem de Jesus Cristo. Os escritores antigos chamavam essa formação de caráter de “virtude”.

Wright começa o livro recontando a verdadeira história de Chesley Sullenberger, mais conhecido como “Sully”. Era uma tarde de quinta-feira, 15 de Janeiro de 2009, e parecia como qualquer outro dia na cidade de Nova Iorque. O jato comercial decolou às 15h26, com destino a Charlotte. Sully era o comandante. Ele fez todas as verificações de rotina, e tudo pareceu normal até que, apenas dois

12. Wesley, “Sermon 85: On Working Out Our Own Salvation”, III.2.

minutos após a decolagem, o avião bateu em um bando de gansos. Ambos os motores foram severamente danificados e perderam potência. O avião estava indo para o norte, acima do Bronx, uma das partes mais densamente povoadas da cidade. Sully e seu copiloto tiveram que tomar decisões importantes rapidamente. As vidas de mais de 150 passageiros, e de outras milhares em terra, estavam em risco.

Os aeroportos menores mais próximos ficavam muito distantes e aterrizar na rodovia New Jersey Turnpike seria um desastre. Isso os deixou com apenas uma opção: aterrizar no rio Hudson. Apenas três minutos antes da aterrizagem, Sully e seu copiloto tiveram que fazer algumas coisas vitais para não terem um acidente. (Wright menciona nove diferentes tarefas técnicas). Eles as fizeram de forma notável; e aterrizaram o avião no rio Hudson. Todos saíram em segurança, com o comandante Sully percorrendo o corredor de ponta a ponta várias vezes para verificar se todos tinham escapado, antes dele mesmo se retirar.¹³

Muitas pessoas disseram que foi um milagre, e em certo nível, certamente foi. No entanto, onde estava o milagre? Os milagres acontecem de muitas formas diferentes. O milagre estava na mão sobrenaturalmente protetora e orientadora de Deus? Isso é certamente possível. No entanto, há outra maneira de ver isso. Talvez o milagre tenha sido a virtude de Sully, que o tornou capaz de responder com tal rapidez técnica sob intensa pressão. Se usar a palavra “virtude” desta maneira parece estranho, é porque virtude não é apenas outra maneira de dizer “bom” ou “moral”. Wright argumenta que a virtude, no sentido mais estrito da palavra, “é o que acontece quando alguém faz mil pequenas escolhas, que exigem esforço e concentração, para conseguir fazer algo bom e correto, mas que não ‘sai com naturalidade’ — e então, pela milésima vez, quando realmente importa,

13. Wright, *After You Believe: Why Christian Character Matters* (New York: HarperCollins Publishers, 2010), 18-20.

descobre que está fazendo o que é necessário de forma ‘automática’, como dizemos”.¹⁴

Em outras palavras, quando parece que algo simplesmente acontece, começamos a perceber que isso não aconteceu por acaso. Como Wright ressalta, se algum de nós estivesse pilotando o avião naquele dia e tivesse feito apenas o que surge de forma natural, teríamos colidido com a lateral de um prédio. A virtude, formação de caráter — ou, para nossos propósitos, disciplinado — que cresce na graça para se tornar cada vez mais parecido com Jesus, não é o que acontece naturalmente; é também o que acontece quando escolhas sábias e criteriosas se tornam uma segunda natureza. Sully não nasceu com a capacidade de pilotar um avião comercial, nem com os traços de caráter que foram descobertos em curtos período de tempo — como coragem, mão firme, julgamento rápido e preocupação com a segurança de outras pessoas arriscando a si próprio. Essas são capacidades e traços adquiridos que exigem prática e repetição específicas ao longo do tempo — até que o que começou parecendo estranho começa a se tornar normal, e então, o que parece normal começa a estar tão arraigado em nossas mentes e memória muscular que reagimos em vez de pensarmos. É uma segunda natureza.

Não quero ofender nenhum leitor que possa ser piloto, mas se eu estivesse naquele avião que descia de forma rápida, não gostaria que fosse um piloto novato fazendo o que lhe viesse naturalmente. Se eles tivessem de recorrer ao manual do motor, pesquisar na internet ou recorrer às suas memórias para se lembrar do que aprenderam na escola de aviação sobre situações de emergência, para conseguirem responder a uma situação de crise que nunca tinham enfrentando, o resultado poderia ter sido muito diferente. O conhecimento não é suficiente; nem a coragem e a determinação. Não. Wright insiste enfaticamente que o que era necessário naquele momento de crise

14. Wright, *After You Believe*, 20.

era a virtude praticada de algo que se tornara uma segunda natureza — uma transformação de caráter, “formada por forças específicas, ou seja, ‘virtudes’ de saber exatamente como pilotar um avião”.¹⁵ Acrescentaria que não foi um avião qualquer, mas aquele avião em particular — o avião que Sully tinha treinado para conhecer profundamente, em todos os seus detalhes.

A ideia da “segunda natureza” capta a minha atenção, especialmente no que diz respeito ao discipulado, à santidade e à jornada da graça. Poucos discordariam de que qualidades como coragem, resistência, restrição, sabedoria, bom senso e paciência não são naturais para nós. São coisas que são aprendidas e enraizadas em nosso caráter, às vezes através de circunstâncias difíceis e dolorosas, mas sempre através do filtro de comportamentos aprendidos. Um caráter bem estabelecido — de acordo com o Novo Testamento e conforme definido por Wright — é “o padrão de pensamento e ação que passa direto por alguém, de modo que onde quer que você o corte (por assim dizer), você verá a mesma pessoa por completo”.¹⁶

O oposto de um caráter bem estabelecido é, sem dúvida, a superficialidade. Muitas pessoas podem se apresentar inicialmente como honestas, gentis, positivas e assim por diante, mas quanto mais são conhecidas, mais suas verdadeiras cores irão aparecer. Tais pessoas têm apenas uma boa fachada. “Quando enfrentam uma crise, ou simplesmente quando baixam a guarda, são tão desonestas, ranzinzas e impacientes como qualquer outra pessoa”.¹⁷ Qual é o problema? Elas estão fazendo apenas o que lhes vem naturalmente; são autoconscientes o suficiente para saber que sua atitude deve ser diferente, mas não adquiriram os novos hábitos da segunda natureza para reagir bem a desafios e decepções repentinas. O caráter de alguém não é feito nas

15. Wright, *After You Believe*, 21.

16. Wright, *After You Believe*, 27.

17. Wright, *After You Believe*, 27.

crises; é sim revelado nelas. Quando não temos tempo para pensar, quem realmente somos é constantemente exposto.

H. Ray Dunning mostrou como alguns dos termos de Wesley do século XVIII diferem do uso contemporâneo. Por exemplo, no que diz respeito à nossa discussão sobre o livre arbítrio, “liberdade” foi o termo que ele usou para liberdade de escolha, enquanto o termo “vontade” foi usado para se referir ao que chamou de “afeições”, ou as inclinações que motivam a ação humana. As afeições não se referiam a sentimentos que vêm e vão, nem eram alteradas por modificações temporárias de comportamento. Elas tinham mais a ver com o nível mais profundo da razão de uma pessoa escolher certas coisas ou ações. Intimamente relacionado às afeições estava o uso de Wesley do termo “temperamento”. Um temperamento no século XVIII não significava que uma pessoa estivesse irritada ou que se chateasse facilmente. Pelo contrário, estava mais de acordo com a forma como usamos o termo “temperamento” hoje em dia. Wesley usou temperamento no sentido de “uma disposição duradoura ou habitual de uma pessoa”.¹⁸ Ou, mais exatamente, aquelas afeições humanas que são focadas e desenvolvidas em aspectos duradouros do caráter de alguém, cultivadas pelos meios da graça, até que não sejam mais situações momentâneas, mas se tornam virtudes estáveis a longo prazo e, quando feitas com a intenção justa, sejam “temperamentos santos”.

“Temperamentos santos” era uma expressão frequentemente usada nos ensinamentos de Wesley sobre o discipulado, especialmente em suas reflexões sobre o fruto do Espírito em Gálatas. “Mas o fruto do Espírito é: amor, alegria, paz, longanimidade, benignidade, bondade, fidelidade, mansidão, domínio próprio” (Gálatas 5.22–23). Vale a pena destacar vários aspectos deste texto. Para começar, Wesley foi enfático em mencionar que o fruto era singular, não plural (“frutos”). Se fosse plural, a pessoa podia se sentir tentada a focar em um “fruto”

18. Maddox, *Responsible Grace*, 69.

em vez de outro, como se a fidelidade fosse nosso foco e a generosidade pudesse ser ignorada. O fruto como um todo unificado é evidência de que o Espírito de Deus está trabalhando. As características do fruto não são independentes. Então, à medida que crescemos, as nove variedades do fruto trabalham juntas para criar uma imagem convincente do que acontece quando o Espírito Santo está no controle de uma vida consagrada. N. T. Wright aponta que Paulo, “não prevê uma especialização”.¹⁹ Assim como se pode identificar um pessegueiro pelos frutos que produz, um cristão é conhecido pelo fruto do Espírito — temperamentos santos que são evidenciados na vida de alguém. Não é de surpreender que Wesley enfatize que o amor começa a lista dos temperamentos santos, porque as nove variedades são todas expressões de amor. No entanto, ao longo da jornada da graça, todas as características de Cristo serão manifestadas em nossas vidas.

Talvez o mais importante que devemos entender sobre a jornada da graça é que esses temperamentos santos não são experimentados instantaneamente. Em vez disso, como explica Randy Maddox, “a graça regeneradora (salvadora) de Deus desperta nos crentes as ‘sementes’ de tais virtudes. Então, essas sementes se fortalecem e tomam forma à medida que ‘crescemos na graça’. Dada a liberdade, este crescimento envolve a cooperação responsável, pois poderíamos, ao invés, negligenciar ou sufocar o gracioso poder de Deus”.²⁰ Há muito que extrair da explicação de Maddox. No entanto, a ideia principal que não devemos perder é que a virtude deve ser nutrida para que possa aumentar.

Pela graça de Deus, somos salvos e santificados em um determinado momento, e somos capacitados a iniciar a jornada em direção à semelhança de Cristo — as sementes da justiça são plantadas. Em

19. Wright, *After You Believe*, 195.

20. Randy Maddox, “Reconnecting the Means to the End: A Wesleyan Prescription for the Holiness Movement”, *Wesleyan Theological Journal*, vol. 33, No. 2 (Fall 1998), 41.

um empreendimento da graça, temos a liberdade de deixar uma vida de pecado e interesse próprio, para que possamos amar a Deus com todo o coração, alma, força e mente. Não obstante, as três virtudes permanentes da fé, esperança e amor (1 Coríntios 13.13) e as nove variedades do fruto que procedem da vida cheia do Espírito são dotadas e cultivadas. O fruto do Espírito não aparece de repente, nem, como Wright corretamente afirma, “cresce automaticamente”. Há, sem dúvida, indícios promissores iniciais de que o fruto está a caminho. “Muitos novos cristãos, particularmente quando uma conversão repentina significou um afastamento dramático de um estilo de vida cheio de ‘obras da carne’, relatam sua própria surpresa com o desejo que surge dentro deles de amar, perdoar, ser gentil e ser puro. ‘De onde veio tudo isso?’, perguntam eles. ‘Eu não costumava ser assim’. Isto é algo maravilhoso, um sinal certo de que o Espírito está trabalhando”.²¹

Estas incríveis mudanças de “afeição” são nada menos do que um puro presente da graça. No entanto, os novos cristãos não se podem tornar passivos. Eles têm que desenvolver o que Deus está fazendo neles. A mesma graça que tornou possível esta mudança de “afeição” deve agora ser transformada em um “temperamento santo”, cultivado por meio de novos hábitos e práticas adquiridas. Mais uma vez, Wright argumenta precisamente com uma imaginação aguçada de discipulado: “Estes [novos desejos] são as flores; para colher o fruto, é preciso aprender a ser jardineiro. Você tem que descobrir como cuidar e podar, como irrigar o campo, como manter os pássaros e outros animais afastados. Deve ter cuidado para evitar pragas e fungos, cortar a hera e outros parasitas que sugam a vida da árvore e garantir que o tronco jovem possa permanecer firme debaixo de ventos fortes. Só então o fruto aparecerá”.²²

21. Wright, *After You Believe*, 195-196.

22. Wright, *After You Believe*, 196.

As flores são certamente o sinal de “que é Cristo em vocês, a esperança da glória” (Colossenses 1.27), mas para obter o real fruto de um caráter maduro e semelhante a Cristo, devemos nos tornar jardineiros. As sementes devem agora começar a dar fruto. As afeições, ao serem rendidas, produzem temperamentos santos, uma nova disposição, que produz pensamentos cristãos e ações que começam a funcionar de maneira natural.²³ “Nisto é glorificado o meu Pai: que vocês deem muito fruto; e assim mostrarão que são meus discípulos” (João 15.8). As flores tornam-se frutos — as sementes tornam-se virtude. O poder energizante de Deus torna-se a graça sustentadora.

Vício e virtude

Paulo admoesta os cristãos de Corinto: “Examinem-se para ver se realmente estão na fé; provem a si mesmos. Ou não reconhecem que Jesus Cristo está em vocês?” (2 Coríntios 13.5). No seu estilo perceptivo habitual, a paráfrase de Eugene Peterson é apropriada: “Testem-se para saber se estão firmes na fé. Não se enganem, pensando que tudo está garantido. Criem o hábito do autoexame. Vocês precisam de evidências em primeira mão, não apenas de ouvir dizer que Jesus Cristo está em vocês. Façam o teste. Se o resultado não for bom, tomem alguma providência” (versículos 5-9).

Exames regulares de saúde são sempre melhores do que ataques cardíacos ou derrames. Um problema que é encontrado cedo o suficiente geralmente é tratável. Da mesma forma, uma manutenção rotineira no automóvel geralmente pode prevenir falhas catastróficas do motor. Ao longo da história bíblica, os períodos de quarenta dias foram reconhecidos como tempos de preparação, purificação e inventário espiritual.²⁴ Alguém poderia argumentar que o objetivo

23. “A linguagem de Wesley das ações santas a ‘fluir’ dos temperamentos santos sugere que ele apreciou o sentido em que as afeições habituais trazem ‘liberdade’ às ações humanas — a liberdade que vem da prática disciplinada (por exemplo, a liberdade de tocar um concerto de Bach)”. Maddox, *Responsible Grace*, 69.

24. A época da Quaresma no calendário cristão é baseada no conceito de quarenta

dos reavivamentos e acampamentos na tradição de santidade é fazer exames regulares, corporativos e pessoais. Conforme referenciado por Paulo aos coríntios, o crescimento espiritual requer saúde espiritual. No espírito do conselho de Paulo, a insistência de Wesley de que os crentes se reunissem em pequenos grupos de prestação de contas (“classes” como ele as chamava) era para praticar a disciplina de exames regulares de saúde espiritual.

Quais são os sinais de alerta da doença cardíaca espiritual? Classificados pela igreja no século VI, os sinais de alerta foram identificados como “pecados capitais” ou “vícios mortais”. Assim como o colesterol alto é um alerta para doenças cardíacas e uma luz piscando é um sinal de que a lâmpada está falhando, então esses sinais são indicadores de tendências prejudiciais em nosso discipulado e, a menos que sejam tratadas, podem levar à morte espiritual. O entendimento histórico da igreja sobre o vício — normalmente chamado de “os sete pecados capitais” — é mais abrangente e inclui o seguinte:

Orgulho: colocar o eu no lugar de Deus como o centro e principal objetivo da vida; recusa em reconhecer sua posição como criatura, dependente de Deus.

Irreverência: negligência deliberada da adoração a Deus, ou satisfação com a participação superficial nela; cinismo manifestado em relação ao santo ou uso do cristianismo para benefício pessoal.

Sentimentalismo: satisfação com sentimentos de piedade e uma bela cerimônia, sem procurar a santidade pessoal; nenhum interesse em carregar a cruz ou no sacrifício pessoal; uma maior atração para com a espiritualidade emocional do que para os compromissos de sacrifício.

Desconfiança: recusa em reconhecer a sabedoria e o amor de Deus; preocupação, ansiedade, escrupulosidade ou perfeccionismo

dias de autoexame.

indevidos; tentativas de obter ou manter o controle da vida através do espiritualismo, timidez indevida ou covardia.

Desobediência: rejeição da vontade conhecida de Deus; recusa em aprender a natureza de Deus tal como revelada nas Sagradas Escrituras; quebrar a confiança por irresponsabilidade, traição e decepcionar desnecessariamente os outros; quebrar contratos legais ou morais.

Impenitência: recusa em procurar e encarar os próprios pecados, ou confessá-los diante de Deus; auto justificação, acreditando que seus pecados são insignificantes, naturais ou inevitáveis; recusando pedir desculpas e reconciliar-se com o próximo ou não querer perdoar a si mesmo.

Vaidade: falha em dar crédito a Deus e aos outros por sua contribuição na vida de alguém; vanglória, exagero e comportamento ostensivo; preocupação indevida com “coisas”.

Arrogância: ser autoritário e argumentativo; ser opinativo e obstinado.

Ressentimento: rejeição de talentos, habilidades ou oportunidades que Deus e outros oferecem para nosso bem-estar; rebelião e ódio a Deus ou aos outros; cinismo.

Inveja: insatisfação com nosso lugar na ordem da criação de Deus; manifestando-se em ciúmes, malícia e desprezo pelos outros ou pelas “coisas” dos outros.

Cobiça: recusa em respeitar a integridade de outras criaturas, expressa na acumulação de coisas materiais para provar a autoestima; o uso de terceiros para vantagem pessoal; a busca por status e poder às custas dos outros.

Ganância: desperdício de recursos naturais ou bens pessoais; extravagância ou viver além de suas possibilidades; manifestando-se em ambição desordenada ou domínio de outros e proteção indevida das “coisas”; mesquinhez; avareza.

Glotonaria: excesso de apetite natural por comida e bebida; a busca desmedida por prazer e conforto; manifestando-se em intemperança e falta de disciplina.

Luxúria: mau uso do sexo; inclui falta de castidade, falta de recato, prudência e crueldade; não reconhece o casamento como o relacionamento ordenado por Deus para a sexualidade.

Ociosidade: recusa em responder às oportunidades de crescimento, serviço e sacrifício; inclui preguiça em deveres espirituais, mentais ou físicos; negligência da família; indiferença à injustiça ou às pessoas que sofrem no mundo; negligenciando os necessitados, solitários e impopulares.

Os sinais de alerta podem ser sutis, mas perigosos para a alma. Quando queremos ficar fisicamente saudáveis, mudamos certos padrões de estilo de vida e fazemos escolhas alimentares em relação aos nossos novos desejos — ocasionalmente, é necessária medicação para complementar ou compensar o que o nosso corpo não consegue produzir por si próprio. Quando queremos fazer a manutenção de nosso veículo, trocamos o óleo e os pneus — algumas peças até precisam de ser substituídas. A verdade é que tanto nossos corpos quanto nossos carros trabalham melhor quando não há uma solução rápida. É preferível a manutenção regular e contínua. A vida do discipulado funciona da mesma maneira. É certo que não é possível simplesmente se livrar de certos padrões prejudiciais sem substituí-los por outra coisa, algo melhor. Deve haver um bem substituto que seja mais forte do que o mal atual. Qualquer pessoa no caminho da recuperação de um vício dirá que algo deve substituir a dependência. Deve haver uma paixão espiritual superior para substituir a paixão inferior e pecaminosa. Da mesma forma, deve haver um programa de manutenção regular para aprimorar nossa jornada da graça — uma maneira regular e sistemática de manter nosso discipulado em níveis máximos de desempenho.

Qual é o bom substituto para os vícios mortais? Qual é o plano de manutenção da graça sustentadora? O Novo Testamento identifica o bem substituto como o fruto do Espírito — aquelas virtudes vivificadoras que substituem os instintos inferiores de nossa carne. O plano regular e sistemático de manutenção é chamado de disciplinas espirituais. Os atletas profissionais correm, alongam e levantam pesos, não por diversão ou porque estão entediados, mas porque estão determinados a atingir uma meta. Os exames espirituais não precisam ser cirurgias grandes ou invasivas. Eles podem ser exames de bem-estar. O remédio do bem substituto é o fruto do Espírito; o plano de manutenção da saúde para aumentar nossa receptividade à atividade de Deus é constituído pelas disciplinas espirituais. Elas são elementos essenciais da graça sustentadora.

A disciplina como meio da graça

O escritor de Hebreus reconhece a importância da disciplina espiritual: “Na verdade, toda disciplina, ao ser aplicada, não parece ser motivo de alegria, mas de tristeza. Porém, mais tarde, produz fruto pacífico aos que têm sido por ela exercitados, fruto de justiça” (12.11). A disciplina pode ter uma conotação negativa, se for vista como punição por transgressão. No entanto, como Hebreus reconhece, também existe algo chamado disciplina para proteger ou fortalecer. Este é o aspecto da disciplina a que Hebreus está se referindo. “É para disciplina que vocês perseveram. Deus os trata como filhos. E qual é o filho a quem o pai não corrige? Mas, se estão sem essa correção, da qual todos se tornaram participantes, então vocês são bastardos e não filhos” (vv. 7–8).

Duas coisas dignas de nota: (1) o autor não podia imaginar filhos que não fossem beneficiários da disciplina dos pais; (2) o autor visualiza a disciplina como uma forma de amor santo. Amar um filho inclui disciplina. Não é um castigo quando se nega a um filho uma pizza à meia-noite, se estabelece um horário para ir dormir, ou se impõe

limites no que assistir no *Netflix*. O pai sábio sabe que isto não é punição; é preparação para o futuro deles. Pode parecer injusto para o filho, até cruel, mas chega o dia em que ele aprende a apreciar os limites estabelecidos por pais amorosos para protegê-lo e ajudá-lo a se tornar um adulto saudável e em pleno funcionamento. De maneira semelhante, Deus nos disciplina para a santidade. Pode não parecer agradável no momento, mas planta sementes para o fruto pacífico de uma vida justa, e — não perca esta parte — temos que ser treinados nela.

E. Stanley Jones disse sabiamente: “Você não pode obter a salvação por meio de disciplinas — é o dom de Deus. Mas você não pode retê-la sem as disciplinas”.²⁵ Quanto à formação do caráter, Agostinho é creditado por definir a virtude como “um bom hábito condizente com a nossa natureza”. Além disso, Jones cita os hábitos simples de Jesus como exemplo de alguém que era totalmente dependente de Deus e pessoalmente disciplinado em seus hábitos: “Ele fazia três coisas por hábito: (1) ‘Ele se levantava para ler como era seu costume’ — Ele leu a Palavra de Deus por hábito. (2) ‘Ele saiu para a montanha para orar como era seu costume’ — Ele orava por hábito. (3) ‘Ele os ensinou novamente como era seu costume’ — Ele transmitiu aos outros por hábito o que Ele tinha e o que Ele tinha encontrado. Esses hábitos simples foram os hábitos básicos de sua vida”.²⁶ Hábitos sagrados formam discípulos saudáveis. Voltando à ideia de Wesley acerca dos temperamentos santos, ele acreditava que eram formados nos cristãos ao participarem da vida da igreja através de práticas habituais que ele chamava de “meios da graça”, também conhecidos como disciplinas espirituais. Os meios da graça são canais da graça transformadora de

25. E. Stanley Jones, *Conversion* (Nashville: Abingdon Press, 1991), quoted in Richard J. Foster and James Bryan Smith, eds., *Devotional Classics: Selected Readings for Individuals and Groups* (Englewood, CO: Renovaré, 1990), 281.

26. Jones, *Conversion*, quoted in Foster and Smith, *Devotional Classics*, 282.

Deus — aquelas atividades que nos canalizam a atividade de Deus na jornada da graça.

Para Wesley, esses meios eram transmitidos através do que ele chamava de obras de piedade e obras de misericórdia. As obras de piedade são principalmente o que fazemos para melhorar nosso relacionamento pessoal com Cristo. As obras de misericórdia estão ligadas ao que fazemos para envolver o ministério e a missão de Deus no mundo. Tanto as obras de piedade como as de misericórdia têm um componente individual (algo que se pode fazer sozinho) e um componente comunitário (algo que deve ser feito com a ajuda de outros).

As obras individuais de piedade incluem meditar nas Escrituras, oração, jejum, compartilhar a fé com outros (evangelismo) e doar generosamente nossos recursos. As obras comunitárias de piedade incluem a adoração compartilhada, participação nos sacramentos da Santa Ceia e Batismo cristão, prestação de contas uns aos outros (também conhecida como “conferência cristã”), estudo da Bíblia e pregação. Mais uma vez, realizamos esses eventos religiosos não apenas porque somos cristãos, mas também porque são “práticas infundidas pelo Espírito que reformarão e reciclarão nossos amores... práticas contraformativas, com rituais que moldam a fome e liturgias que moldam o amor”, porque através dessas práticas aprendemos a viver em Cristo. (Ver Colossenses 3.12–16).²⁷

Os sacramentos como meio da graça

Mais detalhes sobre a importância dos sacramentos serão úteis para a jornada da graça. A palavra “sacramento” vem de uma palavra latina que significa “santificar, consagrar” ou “tornar sagrado, santo”, que por sua vez é derivada da palavra grega para “mistério”. Quando alinhados, um sacramento é “um mistério sagrado”. John Wesley tomou emprestado a definição de sacramento do catecismo do Livro

27. James K. A. Smith, *You Are What You Love: The Spiritual Power of Habit* (Grand Rapids: Brazos Press, 2016), 68-69.

Anglicano de Oração (que tomou emprestado da definição sucinta de Agostinho), com uma leve adaptação para maior clareza: “Um sinal externo de uma graça interior e um meio pelo qual o recebemos”.²⁸ Combinando a ideia de mistério e meios sagrados, N. T. Wright descreve os sacramentos como “aquelas ocasiões em que a vida do céu se cruza misteriosamente com a vida da terra”.²⁹ Algumas tradições cristãs observam mais sacramentos do que outras. Normalmente, os protestantes defendem dois: o Batismo e a Eucaristia (também conhecida como Ceia do Senhor ou Santa Ceia).³⁰

John Wesley incentivou veementemente “uma estreita participação em todas as ordenanças (disciplinas espirituais)”³¹, mas especialmente na Santa Ceia. Ele se referiu a ela como “o grande canal” pelo qual a graça nos é transmitida e até identificou a participação nela como o primeiro passo para desenvolver nossa salvação.³² Este dinâmico ponto de vista foi baseado em sua crença de que a Santa Ceia é mais do que uma lembrança simbólica da morte de Cristo, mas que a presença real de Cristo, pelo Espírito Santo, é experimentada quando se recebe a Ceia do Senhor.³³ Isso levou Wesley a tirar duas conclusões consideráveis. Primeiro, pelo fato da graça presente ser estendida para uma vida cristã fortalecida, a Santa Ceia deve ser recebida tão frequentemente quanto possível. Segundo, pelo fato da presença do Espírito Santo na Santa Ceia ser o equivalente à pronta e

28. Rob L. Staples, *Outward Sign and Inward Grace: The Place of Sacraments in Wesleyan Spirituality* (Kansas City, MO: Beacon Hill Press of Kansas City, 1991), 21. Ênfase acrescentada.

29. Wright, *After You Believe*, 223.

30. A justificativa para os dois sacramentos é uma preferência por praticar apenas os instituídos por Jesus Cristo (também conhecidos como “sacramentos dominicais”).

31. Wesley, *A Plain Account of Christian Perfection*, Annotated, 45.

32. Maddox, *Responsible Grace*, 202.

33. “Quando Jesus diz ‘memória’, a palavra grega é *anamnese*. É muito mais que uma lembrança histórica. Aponta para uma lembrança inspirada pelo Espírito Santo que introduz o evento do passado no presente de tal forma que ele está, literalmente, ‘acontecendo novamente’”. J. D. Walt, “Wonder Bread”, *Seedbed Daily Text*, April 24, 2020, <https://www.seedbed.com/wilderness-wonder-bread/>.

disponível graça salvadora, santificadora e sustentadora de Deus, podendo ser considerada uma “ordenança de conversão”³⁴ — uma pessoa com um coração arrependido poderia ser salva — e um meio para a promoção da santidade. Esta visão elevada da Santa Ceia levou o teólogo nazareno Rob Staples a referir-se a ela como o “sacramento da santificação”.³⁵

O batismo é muito mais do que um simples ritual ou testemunho público. Significa nossa morte e ressurreição com Cristo. “Fomos sepultados com ele na morte pelo batismo, para que, como Cristo foi ressuscitado dentre os mortos pela glória do Pai, assim também nós andemos em novidade de vida” (Romanos 6.4). A pessoa não é impulsionada para o reino de Deus — eventualmente, deve haver uma morte para o pecado e para o “eu” e uma ascensão para uma nova vida.³⁶ O batismo marca esse momento. “O batismo deixa bem claro que toda a vida cristã é uma questão de ser marcado com a cruz, de compartilhar a cruz, de tomar a cruz e seguir Jesus”.³⁷ Wesley não incluiu o batismo em nenhuma das suas listas formais dos meios da graça, não porque o desvalorizava, mas por causa de seu papel precursor na comunidade da fé e como um evento único na vida do crente. Assim, para Wesley, o batismo marcava o início da vida de santidade, enquanto ele via os outros meios da graça como repetições necessárias para a busca contínua da santidade.³⁸

34. “Ordenança de Conversão” é uma expressão que John Wesley usou pessoalmente. Staples, *Outward Sign and Inward Grace*, 252. Pelo testemunho da sua própria mãe, de que ela recebeu plena certeza da sua fé ao participar na Santa Ceia e por muitos outros testemunhos de experiências como essa, Wesley ficou convencido de que o momento da Santa Ceia “re-apresenta” o sacrifício, de uma vez por todas, de Cristo numa apresentação dramática, transmitindo o seu poder salvífico”. Maddox, *Responsible Grace*, 203.

35. Ver Staples, *Outward Sign and Inward Grace*, 201–249.

36. Wright, *After You Believe*, 281.

37. Wright, *After You Believe*, 281.

38. Staples, *Outward Sign and Inward Grace*, 98; Maddox, *Responsible Grace*, 222.

Wesley estava muito alinhado com os reformadores ingleses em grande parte de sua visão batismal, mas diferia deles em dois aspectos substanciais. Segundo Maddox, Wesley exaltava “a transformação graciosamente fortalecida de nossas vidas” sobre a concessão de nosso “perdão jurídico (um foco na culpa e na necessidade de perdão)”. Esta é uma distinção importante, porque significa que o batismo não é apenas um sinal de que nossos pecados são perdoados, mas também que estamos sendo curados de nossa natureza pecaminosa e do dano que o pecado nos infligiu.³⁹ Além disso, para Wesley, embora a graça do batismo seja “suficiente para iniciar a vida cristã”, é preciso participar de maneira responsiva e responsável com a graça que é dada para que os meios da graça sejam totalmente eficientes.⁴⁰ Nesse sentido, o batismo é um sinal e símbolo da disposição de se envolver plenamente no que é necessário para nutrir uma vida santa.

O historiador e estudioso nazareno Paul Bassett, disse-me uma vez que a mais antiga liturgia batismal registrada, do final do século IV, incluía a imposição de mãos do oficiante e a expressão das palavras (minha paráfrase): “E agora receba a graça e a cura de nosso Senhor Jesus Cristo, e que o poder do Espírito Santo opere em ti, para que, nascendo das águas e do Espírito, você seja uma testemunha fiel”. Em resumo, recebi graça; estou sendo curado; serei um discípulo de Jesus.

Relacionamentos de prestação de contas

Qualquer discussão sobre a graça sustentadora na vida do discipulado seria incompleta — especialmente para aqueles na tradição wesleyana de santidade — sem mencionar a importância dos

39. Existem diferenças significativas entre as tradições cristãs ocidentais (latinas) e orientais (gregas) em relação ao significado da salvação. “O cristianismo ocidental (protestante e católico) passou a ser caracterizado por uma ênfase jurídica dominante na culpa e na absolvição, enquanto a soteriologia ortodoxa oriental tipicamente enfatizava mais a preocupação terapêutica de curar a nossa natureza doente de pecado”. Maddox, *Responsible Grace*, 23. A visão de Wesley do significado do batismo incluía ambas, mas enfatizava o aspecto de cura e de vida.

40. Maddox, *Responsible Grace*, 23.

relacionamentos espirituais de prestação de contas. Wesley desenvolveu uma estrutura prática que acreditava ser necessária para todos os cristãos em crescimento. Compreendendo a propensão do egocentrismo (que leva à falta de autoconsciência) e a tentação tenaz de viver vidas isoladas, Wesley instituiu cinco níveis aos quais chamou de “conferência cristã”. Eram sociedades (semelhantes as aulas de Escola Dominical projetadas para educação e instrução cristã), classes (falaremos mais sobre este assunto mais tarde), grupos (pequenos grupos), sociedades seletas (desenvolvimento e orientação de liderança) e grupos penitentes (grupos de recuperação).

Embora todos os níveis da conferência cristã tenham sido vantajosos como um meio da graça, Wesley passou a acreditar que as classes eram a essência da comunidade cristã e vital para o crescimento à semelhança de Cristo. Assim, elas se tornaram o “método” do movimento metodista e, segundo muitos, foi a maior contribuição organizacional de Wesley para a vida de santidade. Seu foco principal não era a educação cristã, por si só, mas os comportamentos, enfatizando o ambiente prático e o ambiente mais adequado para a transformação espiritual. Os estudos bíblicos e o ensino doutrinário eram importantes, mas eram reservados para as sociedades. As pessoas frequentavam as reuniões de classe para fazer perguntas sobre o progresso espiritual de cada membro. Estavam lá para se olharem nos olhos e fazer a pergunta: “Como está a sua alma?”. Eles deveriam se responsabilizar pelo crescimento na graça e oferecer qualquer incentivo necessário para estimularem uns aos outros em direção à santidade do coração e da vida.⁴¹

O pregador protestante mais famoso do século XVIII não era John Wesley. Essa designação pertencia a outro inglês, George Whitefield.

41. Esta seção sobre as classes é adaptada do meu livro sobre ministério urbano. Para obter mais detalhes sobre a conferência cristã e o impacto das classes no Metodismo, consulte David A. Busic, *The City: Urban Churches in the Wesleyan-Holiness Tradition* (Kansas City, MO: The Foundry Publishing, 2020).

Pregador eloquente e dinâmico, Whitefield foi universalmente considerado a voz do protestantismo em todo o mundo ocidental e um dos principais impulsionadores do Grande Despertar na América do Norte.⁴² Wesley e Whitefield eram amigos íntimos, e cada um admirava a contribuição do outro para fortalecer a igreja. Mas no final, foi o trabalho de Wesley que perdurou e não o de Whitefield. Adam Clarke, um contemporâneo mais jovem de Wesley, atribuiu o fruto duradouro do reavivamento wesleyano diretamente às reuniões de classe.

Por larga experiência, reconheço a propriedade do conselho do Sr. Wesley: “Estabeleça classes onde quer que pregue e tenha ouvintes atentos; pois, se tivermos pregado sem o fazer, a palavra tem sido como a semente à beira do caminho”. Foi por este meio [da graça] que fomos capacitados a estabelecer igrejas permanentes e santas no mundo. Wesley viu esta necessidade desde o início. Mas Whitefield... não. Qual foi a consequência? O fruto do trabalho de Whitefield morreu consigo mesmo. O fruto do trabalho de Wesley permanece e se multiplica.⁴³

O próprio Whitefield, em resposta a uma pergunta sobre o impacto do reavivamento wesleyano, refletiu mais tarde: “O meu irmão Wesley agiu com sabedoria; as almas que foram despertadas sob seu ministério, foram agrupadas por ele em classes e, assim, preservou os frutos de seu trabalho. Eu negligenciei isso e meu povo é como os grãos de areia”.⁴⁴

O discipulado pode ser pessoal, mas não deve ser privado. Cristãos isolados estão em perigo porque a fé confinada produz discípulos fracos e infrutíferos. A adoração compartilhada e a educação cristã são benéficas e necessárias, mas, sem uma vida compartilhada de

42. Harry S. Stout, *The Divine Dramatist: George Whitefield and the Rise of Modern Evangelicalism* (Grand Rapids: Eerdmans, 1991), xiii–xvi.

43. J. W. Etheridge, *The Life of the Rev. Adam Clarke* (New York: Carlton and Porter, 1859), 189.

44. Etheridge, *The Life of the Rev. Adam Clarke*, 189.

relacionamentos íntimos e amorosos, combinados com a aplicação do conhecimento recebido, será difícil “desenvolver a sua salvação” (Filipenses 2.12). O segredo para o crescimento saudável e feliz na graça está na repetida expressão de Wesley, “vigiando uns aos outros em amor”.⁴⁵

A misericórdia do autocontrole

Aprender a orar, jejuar, ler as Escrituras, refletir, estudar, simplicidade, solidão, submissão, serviço, confissão, adoração e a prestação de contas relacional são exemplos de meios da graça. Essas e outras disciplinas espirituais como elas, são parte integrante da graça sustentadora.

Você pode dizer: “Não tenho aptidão para essas coisas!”. Junte-se ao clube. O fato é que ninguém tem aptidão para elas, no início. Elas não são glamorosas e exigem muito trabalho e prática contínua. Não se esqueça, com o Espírito ajudando, nossa velha natureza está sendo transformada em uma nova até que o que antes não vinha naturalmente, se torne uma segunda natureza e “até que Cristo seja formado em vocês” (Gálatas 4.19). Talvez seja por isto que o domínio próprio esteja listado como a última característica do fruto do Espírito. O domínio próprio é necessário porque o fruto não é automático. As flores mostram sinais iniciais de potencial, mas sem a concentração sintonizada e a atenção deliberada, é improvável que o fruto amadureça.

Wright enfaticamente afirma que alguns frutos podem ser simulados: “As variedades do fruto que Paulo menciona aqui são comparativamente fáceis de falsificar, especialmente em pessoas jovens, saudáveis e felizes — exceto o domínio próprio. Se essa característica não existe, sempre vale a pena perguntar se a aparência das outras características do fruto é apenas isso, uma aparência, em vez de um

45. John Wesley, “The Nature, Design, and General Rules of the United Societies”, *Works*, 9.69.

sinal real de que o Espírito está operando”.⁴⁶ Não é de admirar, portanto, que o domínio próprio reforce o firme compromisso de cultivar uma vida de santidade. “Existem muitos parasitas, muitos arbustos estranhos que ameaçam sufocar a árvore frutífera, muitos predadores prontos para roer as raízes ou a arrebatar o fruto antes que ele amadureça. Deve ser uma escolha consciente de mente, coração e vontade para lidar com todos esses inimigos sem piedade. Só porque você ‘vive no Espírito’, não quer dizer que seguir o Espírito seja uma direção automática. Você tem que escolher fazê-lo. E você pode fazer.”⁴⁷

Graça sustentadora: espiritual e prática

A graça sustentadora é espiritual e prática. É espiritual porque precisa do Espírito. Assim como o fruto físico é o produto natural de uma coisa viva, o fruto espiritual é o produto do Espírito Santo. Não podemos fabricar a profunda obra de Deus em nós pelo poder do Espírito Santo — é o que vem de fora e, como tal, é totalmente um presente. No entanto, também é prático; de forma simples, requer práticas. Estas práticas assumem a forma da jardinagem, para que o que começou em nós seja “completado” (Filipenses 1.6) e produza “frutos de justiça” (Filipenses 1.11). Nenhum agricultor que planta milho na segunda-feira espera comer espigas de milho no próximo domingo. Da semente à colheita é preciso cultivo e tempo. A água e luz solar são necessárias, os fertilizantes devem ser aplicados e as ervas daninhas devem ser tratadas se quisermos aproveitar os benefícios da fruição.

Somos uma cultura instantânea: café instantâneo, pipocas de microondas e internet de alta velocidade. As pessoas em cafeterias gritam com seus dispositivos móveis se demorarem mais do que alguns segundos para se conectar ao *Wi-Fi*. A expectativa de tudo instantâneo deixa todos impacientes. De onde isso vem? Afirmo que

46. Wright, *After You Believe*, 196.

47. Wright, *After You Believe*, 196–197.

é alimentado por um desejo enraizado de gratificação instantânea, que não é um fenômeno moderno — está na raça humana há muito tempo. Embora existam muitos exemplos nas Escrituras do vírus mortal que é a gratificação instantânea, Esaú — famoso pelo direito de primogenitura — é o mais infame. Sua triste reputação foi estabelecida após um longo e malsucedido dia de caça. Quando voltou ao acampamento, estava faminto. Seu astuto irmão gêmeo, Jacó, estava preparando um ensopado de lentilhas em uma fogueira. Esaú exigiu comer. Sempre calculando os seus passos, Jacó negociou um acordo: “Primeiro me venda o seu direito de primogenitura” (Gênesis 25.31).

O direito de primogenitura, ou o direito de filho mais velho (também conhecido como lei da primogenitura), era uma regra de herança comum que garantia privilégios financeiros e a autoridade familiar ao filho mais velho do sexo masculino — uma bênção prestigiosa e lucrativa. Jacó ter pedido a Esaú para lhe vender um bem tão valioso por um prato de ensopado de lentilhas foi escandaloso. A resposta de Esaú foi igualmente ultrajante: “Estou morrendo de fome; de que me vale o direito de primogenitura?” (25.32). Ele estava disposto a trocar seu bem mais valioso e precioso por um momento de gratificação instantânea — literalmente, uma prato de ensopado de lentilhas.

A ironia não pode ser ignorada. Que tipo de pessoa impulsiva trocaria algo de valor infinito e inestimável por um momento de gratificação instantânea que terminaria dentro de alguns momentos? No entanto, nossa cultura de gratificação instantânea faz isso constantemente: troca algo de valor infinito e inestimável por algo que se sabe que vale muito menos — algo duradouro por algo de curta duração. “Eu quero o que eu quero e quero agora! Quero que meus apetites sejam satisfeitos, mesmo que me custe tudo”. Não é de admirar que o autor de Hebreus iguale a ação de Esaú à imoralidade pecaminosa: “E cuidem para que não haja nenhum impuro ou profano, como foi Esaú, o qual, por um prato de comida, vendeu o seu direito de

primogenitura. Vocês sabem também que, posteriormente, querendo herdar a bênção, foi rejeitado, pois não achou lugar de arrependimento, embora, com lágrimas, o tivesse buscado” (Hebreus 12.16–17). É uma lição trágica e aprendida de forma dura que não deve ser ignorada. É necessária disciplina para a vida santificada e não se pode prejudicar o processo de discipulado.

Tiger Woods é aclamado como um dos maiores jogadores de golfe da história. Quando eu era jovem e estava aprendendo a jogar golfe, tentei imitar seu estilo. Até comprei um chapéu para combinar com os que ele usava. Havia apenas um problema: Tiger praticava durante horas todos os dias e isso acontecia desde que tinha começado a andar.⁴⁸ Mesmo quando se tornou o melhor jogador de golfe do mundo, os especialistas disseram que, ainda assim, continuava praticando mais do que qualquer outro. Posso dizer que quero jogar golfe como o Tiger Woods, mas isso não significa nada a menos que meu compromisso com os treinos seja proporcional ao meu desejo. A gratificação instantânea não será suficiente. Não importa o quanto eu queira que seja diferente, o meu jogo de golfe será proporcional ao meu compromisso com os treinos.

Às vezes, as pessoas dizem: “Quero ser como a irmã Fulana de Tal. Ela parece estar tão perto de Deus. Vejo Jesus nela. Ela é uma santa”. Não é ruim vê-la como um bom exemplo de semelhança a Cristo e procurar imitar seu estilo de vida, mas o que você talvez não saiba são as horas e horas que ela passa a sós com o Senhor em meditação e oração — as décadas que ela tem gasto no campo da prática espiritual, sendo moldada para o resultado que se vê agora. Ela não chegou onde está cedendo à gratificação instantânea. As práticas espirituais formaram nela temperamentos santos que agora se parecem a virtudes. Ela cultivou o fruto do Espírito e é por isso que amor, alegria, paz,

48. Woods apareceu num bem conhecido programa de televisão aos dois anos de idade e mostrou a sua habilidade no golfe.

longanimidade, benignidade, bondade, fidelidade, mansidão, domínio próprio parecem tão obviamente presentes.

A santidade não é um momento de tempo e pronto! — a virtude é adquirida. Não! É no que somos formados. “A conversão é um presente e uma conquista. É o ato de um momento e o trabalho de toda uma vida”.⁴⁹ A paciência a longo prazo é o que é necessário para a jornada da graça. Devemos cultivar o fruto.

Parece justo concluir um capítulo sobre a graça capacitadora de Deus com uma oração pela pureza que foi feita aos santos durante mais de mil anos:

*Deus Todo-Poderoso, para Ti todos os corações estão abertos, todos os desejos conhecidos, e de Ti nenhum segredo está escondido; purifique os pensamentos de nossos corações pela inspiração do Teu Espírito Santo, para que possamos amá-Lo perfeitamente e magnificar dignamente o Teu santo Nome; através de Cristo, nosso Senhor. Amém.*⁵⁰

49. Jones, Conversion, quoted in Foster and Smith, *Devotional Classics*, 281.

50. *The Book of Common Prayer* (Cambridge: Cambridge University Press, n.d.), 97–98.



6

A GRAÇA SUFICIENTE

Então ele me disse: “A minha graça é o que basta para você, porque o poder se aperfeiçoa na fraqueza”

— 2 Coríntios 12.9

Começamos este livro dizendo que a graça é pessoal, experimentada e conhecida através da pessoa e obra de Jesus Cristo, manifestada na presença do Espírito Santo. Como observado por Thomas Langford, a graça não é conhecida em abstrato como um princípio, “mas na real doação de Deus na história”.¹ Em Jesus Cristo e na presença do Espírito, a renovação da vida humana é experimentada pela graça que busca, a graça salvadora, santificadora e sustentadora. Esta última expressão bíblica da graça é, para mim, a mais misteriosa de todas.

Você já se perguntou por que aqueles que parecem ter uma vida fácil podem parecer tão distantes de Deus, enquanto os que estão atravessando as águas mais profundas e lidando com grandes lutas pessoais frequentemente sentem a proximidade íntima com Deus? À primeira vista, ambas as observações parecem contra-intuitivas. É lógico que aqueles com menos problemas seriam mais felizes e cercados por uma paz maior do que aqueles que passam por um profundo

1. Thomas A. Langford, *Reflections on Grace* (Eugene, OR: Cascade Books, 2007), 107.

sofrimento, mas o oposto acontece frequentemente. Como explicamos este paradoxo?

Orar “seja feita a Tua vontade assim na terra como no céu” é confessar que nem tudo o que acontece no mundo é a vontade de Deus. Não atribuímos a Deus nada de mal. Sempre que o fazemos, contestamos o Seu caráter. O terceiro mandamento proíbe tomar o nome de Deus em vão, que tem menos a ver com maldições e mais a ver com a deturpação de Deus no mundo. É uma coisa séria denominar qualquer coisa que é má como vinda de Deus ou denominar qualquer coisa que é de Deus como má. No entanto, deve-se mencionar que, embora nem tudo o que acontece seja a vontade de Deus, ainda assim, por causa de nosso Deus ser todo-poderoso e todo-amoroso, Ele tem uma vontade em tudo, especialmente a respeito daqueles que Deus reivindica como Seus e que permanecem em Cristo.

As Escrituras nos lembram que uma das especialidades de Deus é redimir todas as coisas, mesmo quando o mal é intencional. “Vocês, na verdade, planejaram o mal contra mim; porém Deus o tornou em bem, para fazer, como estão vendo agora, que se conserve a vida de muita gente” (Gênesis 50.20). Mais uma vez, Paulo nos lembra: “Sabemos que todas as coisas cooperam para o bem daqueles que amam a Deus, daqueles que são chamados segundo o seu propósito” (Romanos 8.28). José não disse que Deus fez com que os seus irmãos o vendessem como escravo aos egípcios; ele disse que Deus não deixaria que suas más intenções tivessem a última palavra. Paulo não disse que Deus faz com que coisas ruins aconteçam ao Seu povo; pelo contrário, ele disse que Deus é fiel para trabalhar em tudo, tanto o bom quanto o mau, para tomar o que parece ser apenas destrutivo e quebrado e torná-lo curador e santo. Essas Escrituras explicam porque que aqueles, em Cristo, que enfrentam grande sofrimento também são os que experimentam a maior paz. Algo acontece na vida de um discípulo totalmente consagrado a Jesus que, ao longo da jornada da

graça, passa por circunstâncias difíceis e situações exigentes. Eles experimentam a graça suficiente de Deus em suas fraquezas para sustentá-los e fornecer o que é necessário em suas maiores lutas.

Força aperfeiçoada na fraqueza

O apóstolo Paulo falou sobre a graça suficiente no contexto de sua segunda carta à igreja do primeiro século em Corinto. Segundo Paulo, quatorze anos antes de escrever essa carta aos coríntios, ele recebeu uma visão de Deus onde “foi arrebatado ao terceiro céu” (2 Coríntios 12.2). Muitos estudiosos da Bíblia não acreditam que Paulo estava sugerindo que existem vários níveis do céu, mas que estava descrevendo uma revelação além da comum capacidade humana de ver e que ele era capaz, pela inspiração do Espírito, de perceber algo além do reino físico. Seu objetivo era dizer a eles (e a nós também) que havia encontrado a presença de Deus de forma poderosa, que tinha visto o Cristo ressuscitado e nunca mais seria o mesmo — isso mudou sua vida.²

Uma experiência tão eufórica pode levar uma pessoa a ser espiritualmente orgulhosa. Consciente desse potencial perigo, e para não tropeçar em uma presunção profana, Paulo acrescenta que tinha um “espinho na carne” (v. 7). Nem a origem, nem as especificidades do espinho são totalmente claras. Não sabemos se o problema era físico, emocional ou relacional.³ O que está claro é que se tornou um fardo tão pesado para Paulo que ele se referiu ao espinho como “um mensageiro de Satanás para me esbofetear” e para o lembrar de sua fragilidade (v. 7). Ele implorou a Deus que o retirasse, removesse sua

2. Douglas Ward, “The ‘Third Heaven’”, *The Voice: Biblical and Theological Resources for Growing Christians*, 2018, <https://www.crivoice.org/thirdheaven.html>. Muitos estudiosos afirmam que a visão que Paulo descreve em 2 Coríntios é uma referência ao seu encontro na estrada de Damasco com o Cristo ressuscitado.

3. Alguns especularam que o espinho na carne de Paulo era físico: uma condição da pele, um problema agudo de visão ou epilepsia. Outros sugerem que o espinho era uma memória do seu passado como perseguidor da igreja e as dificuldades relacionais que poderiam ocorrer com os cristãos judeus.

deficiência — e, ao que parece, isso fez dele um líder mais forte e melhor para igreja. Antes de explorarmos mais o espinho, vamos nos lembrar que Paulo era um homem forte. Ele não era fraco espiritualmente. Em outro lugar, Paulo descreve em detalhes seus sofrimentos como apóstolo:

Ora, trabalhei muito mais que eles, fui mais vezes encarcerado, fui espancado mais do que posso contar e, em vários momentos, estive às portas da morte. Cinco vezes levei as trinta e nove chibatadas dos judeus, três vezes espancado pelos romanos, uma vez fui apedrejado. Naufraguei três vezes e fiquei um dia e uma noite perdido no mar. Em viagens difíceis, ano após ano, tive de atravessar rios, enfrentar ladrões, lutar com amigos e inimigos. Estive em risco na cidade, em risco na zona rural. Enfrentei perigo sob o sol do deserto e em tempestades no mar. Também fui traído pelos que pensei ser meus irmãos. Sei o que é trabalhar duro, passar noites longas e solitárias sem dormir. Já fiquei muito tempo sem comer, sofri com o frio e com a falta de agasalho.⁴

Sem mencionar a pressão e a ansiedade contínuas de lidar com igrejas problemáticas e membros insuportáveis da igreja!

Leia novamente a lista de provações de Paulo. Ele suportou tudo isso e, sem dúvida, mais (me vem à mente possíveis mordidas de cobras). Você já está convencido de que Paulo não era nem uma flor delicada nem um queixoso chorão? Isso nos leva a supor que, qualquer que fosse o espinho, não era uma coisa insignificante para Paulo. Paulo refere, não menos que três vezes, que implorou a Deus que lhe retirasse o espinho (uma forma bíblica de dizer: “eu insisti em pedir”). Paulo está nos conscientizando de que ele estava realmente passando por situações muito perigosas. Ele carregava um peso que o esmagava e podia sentir que estava tropeçando em seu próprio peso. Não era uma coisa pequena aos olhos de Paulo, e por isso, ele orou por cura. O Senhor respondeu à sua oração, mas não da maneira que ele esperava.

4. Peterson, *A Mensagem*, 2 Coríntios 11.23–27.

Não, Paulo. Você vai continuar com o espinho, mas quero que você saiba disto: “A minha graça te basta, porque o meu poder se aperfeiçoa na fraqueza” (2 Coríntios 12.9). Você é mais forte em seus momentos mais fracos quando estou contigo do que nos seus momentos mais fortes sem mim. A minha força é aperfeiçoada em sua fraqueza.

Carregado nos braços divinos

A graça suficiente é a maneira de o Senhor nos dizer: “Quando você chegar ao fim da sua força humana, eu te darei a minha força sobrenatural. Quando sua energia acabar, minha energia será vivificada em ti. Quando você não conseguir ir adiante, Eu te buscarei e te carregarei. Descanse em meus braços por algum tempo.”

Existe uma parábola poética moderna e bem conhecida chamada “Pegadas na Areia”.

Uma noite tive um sonho. Estava passeando na praia com o meu Senhor. No céu passavam cenas da minha vida. Para cada cena que se passava, percebi que eram deixados dois pares de pegadas na areia, um que me pertencia e outro ao meu Senhor.

Quando a última cena da minha vida passou perante mim, olhei para trás para as pegadas na areia. Havia apenas um par de pegadas. Notei que eram nos momentos mais difíceis e tristes da minha vida.

Isso me entristeceu e interroguei o Senhor sobre meu dilema. “Senhor, quando decidi segui-Lo, me prometeu que andaria ao meu lado e falaria comigo durante todo o caminho. Mas notei que, durante as maiores tribulações da minha vida, havia apenas um par de pegadas. Não compreendo por que me deixou, quando eu mais precisei de Ti.”

O Senhor respondeu: “Meu precioso filho, Eu te amo e jamais te deixaria nos momentos de provação e sofrimento. Quando você viu na areia apenas um par de pegadas foi porque Eu te carreguei nos braços.”

Se alguém pudesse imaginar a graça que busca na forma de uma imagem, seria um pastor perspicaz, um pai à espera, um beijo ao despartar. Se a graça salvadora fosse uma imagem, seria um abraço, uma adoção, uma reconciliação. Se a graça suficiente fosse uma imagem, seria alguém sendo carregado nos braços divinos.

“Pegadas na Areia” é mais do que uma parábola — é uma história da vida real que ouvi várias vezes. Em meus anos como pastor, havia pessoas em minhas congregações que passaram por sofrimentos agudos e agonizantes — algumas com tanta severidade que me perguntava como tinham forças para sair da cama pela manhã; pessoas que se encontravam tão no limite das suas forças que eu, usando a frase de Eugene Peterson, “conseguia sentir o desespero deles em meus ossos.”

Então, os ouvia dizer: “Pastor, não consigo explicar. Não faz sentido. Sei que deveria me sentir arrasado por tudo isso, mas me sinto — e usavam estas mesmas palavras — como se eu estivesse sendo carregada. Estou profundamente triste com essa perda, essa doença, essa morte, essa traição e eu deveria estar desmoronando, mas há uma paz em minha mente e uma tranquilidade em meu espírito que é inexplicável. A única maneira de descrever é que é como ser graciosamente carregada nos braços eternos.” Um par de pegadas: a graça suficiente.

Se há uma coisa que descobri no que diz respeito ao sofrimento, é que a graça suficiente permanece uma realidade intelectual até que mais precisemos dela. Pode-se saber algo em sua cabeça e nunca saber em seu coração. Experimentá-la realmente, ser sustentado e ser carregado por ela, está além da definição — só pode realmente ser vivida. Assim é a graça suficiente. Conversei há pouco tempo com um amigo que me disse: “Não sei o que faria se perdesse um dos meus filhos. Eu não teria forças para continuar.”

Eu respondi: “Você tem razão. Você não tem forças agora, porque ainda não precisou passar por isso. Espero que nunca precise, mas se precisar, haverá graça suficiente.”

Graça “na medida suficiente”

A graça suficiente é o que você precisa para hoje. É um presente diário “do que é suficiente”. É como um maná no deserto. O povo de Deus estava em uma jornada pelo deserto. Havia pouca comida e, a menos que Deus provesse, eles morreriam de fome. Então, Deus lhes deu um presente. Ele fez chover pão do céu. Todas as manhãs, quando o povo acordava, estava no chão, do lado de fora de suas tendas, fresco para aquele dia. Eles não lutaram, trabalharam ou pagaram pelo pão. Estava lá como um presente da mão de Deus. Tudo o que precisavam fazer era juntá-lo e prepará-lo. A única regra era que não podiam armazená-lo. Eles não podiam encher a lata com bolos e guardá-los para um dia de chuva. Eles não podiam esconder o maná debaixo dos colchões, caso Deus não o enviasse no dia seguinte; se eles o fizessem, ele estragaria. Ficaria com vermes e bolor, e se tornaria isca para peixe. Eles apenas tinham que acreditar que Deus proveria tudo o que precisassem hoje e confiar que faria o mesmo no dia seguinte. As Suas misericórdias se renovam a cada manhã.

A graça suficiente é assim. Não pode ser armazenada para o dia seguinte. Ela é suficiente para hoje. Deus nos dá tudo o que precisamos hoje, e é exatamente o necessário. Amanhã será também o suficiente. É “tudo o que você precisa, Eu Sou a graça” que nos carrega quando não conseguimos ir adiante. Não é de admirar que Paulo tenha declarado com confiança: “De boa vontade, pois, mais me gloriarei nas fraquezas, para que sobre mim repouse o poder de Cristo. Por isso, sinto prazer nas fraquezas, nos insultos, nas privações, nas perseguições, nas angústias, por amor de Cristo. Porque, quando sou fraco, então é que sou forte” (2 Coríntios 12.9-10).

A graça que permanesse

Há alguns anos atrás, um pastor na Pensilvânia viu um homem depois do culto com um broche com a imagem de um buldogue na lapela do seu terno. Sem saber que o homem trabalhava para uma empresa de caminhões cujo logotipo comercial era um buldogue, perguntou ingenuamente: “O que esse buldogue simboliza?”

Com um brilho nos olhos, o homem respondeu maliciosamente: “Bem, pastor, o buldogue simboliza a tenacidade com que me agarro a Jesus Cristo.”

O pastor respondeu: “É um símbolo maravilhoso, mas uma má teologia.” Surpreendido, o homem perguntou: “Como assim?”

“Isso nunca deve representar a tenacidade com que você se apega a Jesus Cristo”, observou o pastor. “Deve representar a tenacidade com que Jesus Cristo se apega a você.”

Em tempos difíceis, a fé não é uma questão de quão forte somos ou quanta fé temos. Nos momentos mais sombrios, a fé é realmente uma questão de quão forte Deus é. Não importa o que encontremos na jornada, a graça de Deus é suficiente para nos sustentar e Seu amor é forte o suficiente para nos fazer passar por isso. Vamos lembrar que “não importa o que aconteça” na vida significa que Jesus Cristo está se apegando a nós com a tenacidade de um buldogue e nunca nos deixará partir.

Uma mulher de uma igreja que eu estava pastoreando ficou de repente muito doente. Os médicos fizeram uma série de exames para ver o que estava acontecendo. Eles descobriram que ela tinha uma condição rara que fazia com que seu corpo tivesse graves reações alérgicas a qualquer alimento que comesse. Tornou-se muito sério, até mesmo com risco de vida. Durante esse período, seu marido foi enviado para o Afeganistão em serviço militar. Ela foi finalmente hospitalizada e enfrentou um exame médico que esperavam que a levasse a uma violenta reação alérgica que a faria parar de respirar temporariamente.

Ninguém espera uma reação tão violenta, especialmente quando se sabe que ela está chegando. Ela me disse: “Pastor, eu estava com muito medo, a ponto de entrar em pânico. Estava deitada na cama do hospital, com pena de mim mesma pelo que estava prestes a suportar e me perguntando por que tudo isso estava acontecendo comigo. Ainda por cima, estava chateada por meu marido estar a milhares de quilômetros de distância. Estava com medo e me senti muito sozinha.”

Chegou a hora do exame. Ela estava apavorada: “Agora sei o que significa o termo ‘assustada’. Eu literalmente não conseguia me mexer e descobri que nem conseguia orar. Nunca antes tinha sido incapaz de orar. A única oração que pude fazer foi: ‘Deus, ajuda-me por favor’”.

Ela virou-se para a enfermeira que iria administrar o exame e perguntou: “Você é cristã?”

“Sim, sou”, respondeu a enfermeira.

“Você pode orar por mim?”

A enfermeira respondeu sem hesitar: “Claro”, e começou a fazer uma simples oração por conforto e cura.

Mais tarde, essa amiga disse-me: “Enquanto a enfermeira orava, senti uma paz incrível. Era quase como se Deus colocasse Suas mãos em mim e me levasse à Sua presença” (sim, ela usou essa frase). “Eu sabia que Deus estava comigo, e de repente o medo se foi.”

Eles administraram o exame e, para surpresa de todos, ela não teve uma reação violenta. “Pastor, de repente senti uma fonte de alegria surgindo em mim. Era uma alegria exuberante. Se eu pudesse ter dançado na sala, teria dançado!”

Naquele exato momento, a enfermeira tirou o colete de radiação que usava e tinha pendurada no pescoço uma grande cruz.

Agora, com lágrimas nos olhos por causa daquela vívida lembrança, minha amiga me disse: “Foi aí que percebi que Deus tinha estado comigo o tempo todo — eu simplesmente não conseguia ver. Não pude sentir a Sua presença, mas Ele estava lá. Ele esteve lá o tempo

todo. Embora meu marido estivesse no Afeganistão, eu ainda era a noiva de Cristo. Jesus era meu marido naquele momento, ao meu lado, me carregando”.

Ao longo da jornada da graça, a graça suficiente de Deus apega-se a nós de várias maneiras, mas uma das maneiras mais importantes é através do corpo de Cristo. Não devemos nos surpreender que, quando oramos para que Deus Se revele em nossa dor, Ele vem na forma de um cartão ou um telefonema de uma pessoa de nossa igreja que diz: “Eu te amo. Estou orando por você. O Senhor está contigo.” Às vezes, entramos na comunhão da igreja carregando o que parece ser um fardo insuportável, e um irmão ou irmã em Cristo nos abraça e diz: “Tenho pensado muito em você ultimamente. Quero que saiba que você é amado e que tenho orado por você.” E, milagre dos milagres, a presença encarnada de Jesus nos rodeia, quase como se Ele estivesse nos carregando naquele momento com a tenacidade de um buldogue, nos carregando pelos momentos mais desafiadores de nossas vidas.

Quando uma das minhas filhas era pequena, ela tinha medo do escuro. Eu e a minha esposa sentávamos na cama dela e dizíamos: “Não tenha medo. Jesus está aqui com você”.

Ela respondia: “Ok, mamãe e papai. Não vou ter medo.” No entanto, não demorava muito para ouvirmos alguém batendo na porta do nosso quarto. “Mamãe e papai, eu sei que Jesus está comigo, mas preciso de alguém que seja parecido com vocês”.

Ela estava certa. Às vezes precisamos de alguém que se pareça conosco. É isso que o corpo de Cristo é — a comunidade cristã é Jesus em pele e osso. Através do calor humano das pessoas, cheios da ilimitada compaixão e amor duradouro, somos abraçados e sustentados por Deus.

Resistência, caráter e esperança

Dor e sofrimento são coisas que normalmente queremos evitar. Não é errado desejar conforto e saúde. No entanto, também sabemos

que podemos encontrar alegria e até esperança em momentos dolorosos e angustiantes, porque sabemos que a força de Jesus é aperfeiçoada em nossa fraqueza. Em outra carta aos cristãos do primeiro século que moravam em Roma, Paulo disse: “E não somente isto, mas também nos gloriamos nas tribulações, sabendo que a tribulação produz perseverança, a perseverança produz experiência e a experiência produz esperança. Ora, a esperança não nos deixa decepcionados, porque o amor de Deus é derramado em nosso coração pelo Espírito Santo, que nos foi dado” (Romanos 5.3-5). Mais uma vez, Paulo está se referindo a virtude e formação de caráter à semelhança de Cristo.

Primeiro, o sofrimento produz perseverança. Os problemas, pressão e provações não são acidentes aleatórios do destino que não têm relação com nosso objetivo final (*telos*) da semelhança a Cristo. Na língua original do Novo Testamento, “perseverança” é a palavra *hypomone*, que significa permanecer firme, não importa o que aconteça — permanecer firme, mesmo quando as pressões da vida surgem diante de nós. As dificuldades produzem perseverança e a perseverança é a qualidade que diz: “Não vou desistir, não importa o que aconteça.” É parecido com uma corrida de longa distância. Suas pernas estão pesadas, os pulmões precisam de ar, o coração parece que vai explodir para fora do peito e você quer muito desistir. No entanto, sabe que precisa continuar correndo porque, no exato momento em que está desejando desistir, você está recebendo o maior benefício do condicionamento físico. Isso é *hypomone* — perseverança sob pressão. Podemos nos regozijar em nossos problemas e provações, sabendo que as pressões e até os sofrimentos da vida produzem resistência e perseverança.

Segundo, a perseverança produz caráter. A palavra grega *dokime* se referia originalmente a um metal que foi refinado e do qual foram removidas todas as impurezas. Os problemas e as provações produzem perseverança e a perseverança produz força de caráter. O

caráter é desesperadamente necessário em todos os níveis da sociedade. Richard John Neuhaus enfatiza o ponto: “Seremos pessoas novas em Cristo é pura dádiva de Deus; a construção do caráter é a concretização desse presente. É um processo árduo de nos tornarmos quem já somos, em Cristo. Requer respeito pelas experiências cotidianas, pelos aspectos cotidianos da peregrinação cristã.”⁵ Neuhaus conclui com firmeza: “O caráter implica coragem e graça para viver uma vida boa em um mundo onde as necessidades não são, em grande parte, atendidas”.⁶ Não se recebe força de caráter por procuração. Prevaler ao longo dos testes de situações da vida real produz perseverança e a perseverança, quando justificada, produz integridade e profundidade de caráter.

Terceiro, o caráter produz esperança. A esperança é a crença tranquila e certa de que Deus está conosco. A esperança é a expectativa confiante de que, não importa o que o futuro traga, nosso companheiro de jornada da graça sustenta o futuro. O problema central hoje em dia não é o estresse elevado, mas a pouca esperança. Na verdade, Thomas Langford afirma isso bem: “A esperança não é adiada para o futuro; a esperança reformula a compreensão do passado e determina a vida no presente. Vivemos transformados na e pela esperança”.⁷

Uma ilustração pode ajudar a esclarecer esta questão.⁸ Imagine uma sala cheia de alunos do ensino médio. Você se vira para o aluno que está à sua esquerda e pergunta: “Como está indo em seu último ano do ensino médio?”

Ele responde: “Não estou indo muito bem. Reprovei em várias disciplinas e, se eu reprovar em mais uma, não vou me formar. Vou acabar repetindo o último ano.”

5. Richard John Neuhaus, *Freedom for Ministry* (Grand Rapids: Eerdmans, 1979), 90.

6. Neuhaus, *Freedom for Ministry*, 88.

7. Langford, *Reflections on Grace*, 107.

8. Ouvi esta ilustração num sermão pregado pelo Rev. Dr. Thomas Tewell nos anos 90 chamado “A Tenacidade de um Bulldog”.

Você pergunta novamente: “O que você espera de seu futuro?”

“Bom, espero me formar em Maio e depois vou tentar entrar numa faculdade no Outono.”

Depois você se vira para a aluna à sua direita e faz a mesma pergunta. “Como está indo em seu último ano do ensino médio?”

“Está indo muito bem”, diz ela.

“Você está pensando em ir para a faculdade?”

“Sem dúvida! Já fui aceita na Universidade de Harvard. Ainda estou à espera de notícias de Princeton, Stanford e MIT, mas tenho esperança.”

“Você deve ser uma aluna muito boa. Você se importa em me dizer que lugar você está na classificação dos alunos?”

“Dos seiscentos alunos, sou a segunda melhor do meu ano, com uma média de classificação de 4,3 pontos.”

“Uau! Isso é impressionante! Você se importa em me dizer qual foi a tua nota no SAT (exame padrão amplamente utilizado para admissões nas faculdades nos Estados Unidos)?

“Tirei 780 em matemática e 760 em linguística, que soma um total de 1540.” (800 é a nota máxima em cada categoria.)

“Isso é quase tão bom quanto meu resultado no SAT”, você acrescenta ironicamente. “O que você vê no seu futuro?”

“Bom, espero me formar em Maio e depois ir para uma dessas universidades para me tornar uma cientista pesquisadora.”

Você poderá pensar, “ela espera se formar?” Ela já se formou! Não há dúvida.

Notou a diferença? O primeiro aluno estava esperando além do que era esperado; a segunda aluna esperava, com certa confiança, que isso acontecesse. Esperanças como esta não são adiadas para o futuro. Elas remodelam a compreensão do passado e determinam a vida no presente. Desta forma, somos transformados em e pela esperança. As pessoas às vezes dizem: “Espero que Deus me ame. Espero que Deus

não me vire as costas. Espero que Deus não me abandone quando estiver entre a espada e o escudo. Espero que Deus me sustente e me fortaleça nos momento mais sombrios.” A esperança cristã se baseia no amor passado, presente e futuro da cruz de Jesus Cristo e no poder vivificador de Sua ressurreição. Esta esperança não nos decepciona (Romanos 5.5). Estamos nas fortes garras da graça suficiente de Deus. Ele se apega a nós com a tenacidade de um buldogue.

Nas tuas mãos, eu entrego o meu espírito

Não é por acaso que escrevi este capítulo durante a pandemia do COVID-19, um tempo de grande incerteza e profundo sofrimento. O Sábado de Aleluia, um dia antes da Páscoa, pretende ser um momento de tranquila reflexão sobre a morte de Jesus e de recordar Seu tempo na escuridão de uma sepultura. Um dos textos lecionários para este dia, o Salmo 31, continha as palavras que Jesus disse na cruz antes de morrer: “Pai, nas tuas mãos entrego o meu espírito” (Lucas 23.46). Jesus citou diretamente o Salmo 31.5, acrescentando apenas a palavra Abba (“Pai”) à sua oração.

Das muitas coisas a serem aprendidas com esta oração de Jesus, a que mais se destaca para mim no deserto do COVID-19, é que há uma vasta diferença entre uma vida que é tirada e uma vida que é dada. Jesus deixou claro no Evangelho de João: “Ninguém tira a minha vida; pelo contrário, eu espontaneamente a dou” (10.18). Ele dá a Sua vida livre e voluntariamente. A morte de Jesus na cruz não foi um final trágico para uma vida promissora ou a decepção de uma missão fracassada. Ela sempre foi o desígnio divino. A cruz era o plano cósmico de Deus para nos resgatar das trevas e das garras da morte dos principados e potestades. Assim, o sacrifício de Jesus não foi imposto a Ele — Ele o abraçou voluntariamente por nós. Ele sabia que estava nas mãos de Deus e, por isso, podia dizer: “porque eu dou a minha vida para recebê-la outra vez. Ninguém tira a minha vida; pelo contrário, eu espontaneamente a dou” (vv. 17-18).

Deveríamos tirar um tempo para perguntar: nossa vida está sendo dada ou tirada? Há uma grande diferença entre as duas coisas, principalmente em relação à questão da confiança. “Pai, nas Tuas mãos entrego o meu Espírito” significa que confiamos que a nossa vida está sendo dada por algo maior e mais belo do que aquilo que poderíamos realizar sem o nosso Pai celestial. Jesus, ao fazer essa oração no momento mais difícil de Sua vida, nos diz que já a fazia há muito tempo — incluindo as orações agonizantes que fez no jardim do Getsêmani. “Nas Tuas mãos” é uma oração de total rendição, porque, no fundo, é uma declaração de que estamos nos retirando das mãos de outras pessoas e circunstâncias — incluindo nossos próprios planos e propósitos — e estamos, voluntariamente, colocando nossas vidas nas mãos de Deus. Com um poderoso sentido, isso redefine e reimagina as experiências de nossas vidas, permitindo que as coisas aconteçam conosco ou nos colocando aos cuidados de Deus para ordenar nossos passos. Uma coisa é nos tirarem algo, a outra é entregarmos. Pode ser uma perda ou uma rendição.

Jesus nos apresenta o chocante poder do sacrifício. Ele nos mostra que, ao nos rendermos a Deus, somos capazes de transformar algo que parece uma perda para todo o mundo, em algo que é um ganho para todo o mundo. Quando Frederick Buechner diz: “Sacrificar algo é torná-lo santo, dando-o por amor”, quer dizer que mesmo que alguém esteja tentando arrancá-lo de nossas mãos, mesmo quando parece que está fora de nosso controle, ainda podemos decidir como vamos deixá-lo ir.⁹ Ainda podemos abrir nossas mãos no último momento e revelar o que os outros pensavam que estava sendo tirado de nós e o que as circunstâncias pareciam estar roubando de nós. Podemos santificá-lo, fazendo-o por amor, entregando-o a Deus.

9. Frederick Buechner, *Wishful Thinking: A Seeker's ABC* (New York: HarperOne, 1973), 10.

Na experiência surreal da pandemia do COVID-19, em que os dias se tornaram semanas, era fácil sentir que algo nos estava sendo tirado. Sentimos medo, raiva, incerteza e saímos de nossas zonas de conforto. Tivemos uma escolha a fazer. Poderíamos nos fazer de vítimas e dizer: “Algo está sendo tirado de mim”, ou poderíamos entregá-lo a Deus e dizer: “Pai, nas Tuas mãos entrego o meu espírito. Nos rendemos aos Teus planos e propósitos. Nossas vidas não são nossas. A entregamos porque pertencemos a Ti e a entregamos por amor, para que as possa santificar”. Isso exige certa confiança de nossa parte, mas a recompensa é a paz absoluta de saber que nossas vidas glorificaram a Deus, que elas não são acidentes aleatórios ou falhas, mas que nossos dias estão em Suas mãos. Na verdade, mesmo em nosso sofrimento, somos mantidos em Seus braços. Nem mesmo uma pandemia global dita o propósito e o significado de nossas vidas. Ninguém rouba as nossas vidas — nós a entregamos. Essa é a realidade da nossa esperança.

A graça do lamento

A graça suficiente não elimina todos os nossos medos e dúvidas. Não há como evitar: mesmo na esperança, há espaço para perguntas. É possível ter fé mesmo quando há mais perguntas do que respostas. É possível lamentar e manter a esperança ao mesmo tempo. Não é apenas possível — também é bíblico. Chamamos isso de lamento. Dos 150 salmos no livro de orações que chamamos de Saltério, existem diferentes variedades de salmos, incluindo ação de graças, realeza, ascensão, lamento e até imprecatórios (orações que fazemos quando estamos com ira). Os salmos nos oferecem exemplos, como a inspirada Palavra de Deus, de como orar em toda e qualquer situação da vida.

Os salmos de ação de graça (*hallel* — de onde obtemos nossa palavra “aleluia”) são orações de louvor que oferecemos quando a vida está bem ordenada e a presença de Deus parece estar especialmente próxima. Os salmos de lamento, por outro lado, são as orações que clamamos a Deus em nossa dor, quando a vida está difícil e turbulenta,

sem fim à vista. As duas questões principais levantadas no lamento são: “porque isto está acontecendo?” e “até quando?” Deus não apenas permite estes tipos de perguntas, mas também é interessante notar que 70% dos salmos bíblicos são orações de dor, não orações de louvor — lamento, não *hallel*. O próprio Jesus orou um lamento (Salmo 22) durante Seu sofrimento na cruz.

A marca do lamento não é a dúvida, mas a confiança profundamente enraizada na fidelidade de Deus. Embora o lamento possa começar como um grito de desespero, sua característica mais importante é a profunda confiança na natureza, caráter e poder de Deus que está presente e é participativo e atento às trevas, fraqueza e sofrimento da vida. O lamento é a total dependência e total entrega a um Deus que pode parecer distante, mas nunca está ausente.

Tenho um amigo que foi diagnosticado com um câncer raro. Devido à doença incomum, os médicos estão tentando várias formas de terapia, muitas das quais experimentais. Infelizmente, apesar dos melhores cuidados e ciência disponíveis, o câncer continuou a se espalhar pelo seu corpo. Um dia, após outro relatório ruim, sua esposa colocou este testemunho no Facebook: “Apesar das opções de tratamento médico estarem diminuindo, a realidade da presença de Deus está aumentando.” Não conheço uma expressão mais bela de lamento justo e esperança na graça suficiente de Deus.

Somos mais fortes em nossos momentos mais fracos quando o Senhor está conosco do que em nossos momentos mais fortes sem Ele. Temos essa certeza para a jornada da graça: a Sua força é aperfeiçoada em nossa fraqueza. Essa é a esperança que não nos decepciona. Deixemos que Pedro tenha a última palavra sobre a graça suficiente: “E o Deus de toda a graça, que em Cristo os chamou à sua eterna glória, depois de vocês terem sofrido por um pouco, ele mesmo irá aperfeiçoar, firmar, fortificar e fundamentar vocês” (1 Pedro 5.10).

POSFÁCIO JESUS CRISTO É O SENHOR

*Uma vida totalmente dedicada a Deus tem
mais valor para Ele do que cem vidas que foram
simplesmente despertadas pelo seu Espírito.*

— Oswald Chambers

Muita coisa mudou nos últimos cem anos. Imagine nascer em 1920 e estar vivo no ano de 2020. Em apenas um século, o contexto cultural em todas as regiões do mundo passou do industrial para a informação (Gutenberg para Google), do rural para o urbano e do pensamento moderno para o pensamento pós-moderno. Estas são mudanças culturais tectônicas que permaneceram inalteradas nos quinhentos anos anteriores. O que tinha sido um ambiente de mudança contínua (o que é desenvolvido a partir do que foi antes e, portanto, pode ser esperado, antecipado e administrado) durante meio milênio, rapidamente mudou para uma situação de mudança rápida e descontínua que era perturbadora e imprevisível.¹ Estamos em águas quase totalmente desconhecidas.

1. Alan J. Roxburgh, *The Missional Leader: Equipping Your Church to Reach a Changing World* (San Francisco: Josey Bass, 2006), 7.

Estas mudanças que abalam os alicerces geraram novas situações que desafiam pressupostos antigos de como o mundo funciona. Como resultado, a eclesiologia (a natureza e a estrutura da igreja) e a missiologia (como a igreja se envolve na missão de Deus), por necessidade, tornaram-se altamente adaptáveis sem se deixarem comprometer. No entanto, em aspectos importantes, o que permanece constante neste tempo de rápida mudança e descontínua é o princípio eterno de que Jesus é o Caminho, a Verdade e a Vida — ou, nas palavras da mais antiga confissão cristã: “Jesus Cristo é o Senhor”.

Quem consideramos “Senhor” é um alicerce essencial para a jornada da graça. Se dissermos que “[PREENCHA O ESPAÇO EM BRANCO] é ‘senhor’” (e realmente não importa se é outra pessoa, outra coisa ou você mesmo), isso muda toda a narrativa, incluindo o objetivo e o resultado final. Mas se realmente cremos que Jesus Cristo é o Senhor, ordenado para sê-Lo de eternidade a eternidade, há apenas uma resposta justa: discipulado. Richard John Neuhaus nos lembra que o senhorio “não é apenas uma afirmação de fato, mas uma promessa de lealdade pessoal e comunitária”.² Porque Jesus Cristo é o Senhor, queremos ser como Ele. Queremos fazer o que Jesus fez e viver como Ele viveu. Essa é a definição do discipulado cristão e ainda é a forma como Jesus entra em Sua igreja.

Dallas Willard argumenta convincentemente que o Novo Testamento é uma coleção de livros sobre discípulos, por discípulos e para discípulos de Jesus Cristo.³ Assim, o objetivo do discipulado não é a autoatualização (“preciso encontrar o meu verdadeiro ‘eu’ e o que é melhor para mim”) ou a resignação às forças do determinismo (“não consigo evitar; eu sou assim”). De fato, pela perspectiva do

2. Neuhaus, *Freedom for Ministry*, 98.

3. Willard, *The Great Omission*, 3. Willard reitera que a palavra “discípulo” ocorre 269 vezes no Novo Testamento, enquanto “cristão” é encontrado três vezes e é introduzido para se referir precisamente aos discípulos de Jesus em Antioquia (ver Atos 11:26).

cristianismo, ser fiel a si mesmo é ser verdadeiro com a pessoa que somos chamados por Deus Pai a ser, refeitos à semelhança de Seu Filho. Seguir Jesus e tornar-se como Ele é o objetivo sem desculpas da jornada da graça. João, o autor do Evangelho, se esforçou ao máximo para nos dizer que Jesus se parece e age como Seu Pai: “Quem vê a mim vê o Pai” (14.9), e que Jesus é o Verbo feito carne e, vindo de Seu Pai, é cheio de graça e verdade (1.14). Quem Jesus é e o que Jesus faz são dois lados da mesma moeda, uma realidade que levanta questões importantes para a natureza do nosso discipulado.

Ao contrário do pensamento popular, Deus não é um velho sentimental com uma longa barba branca que acena a mão com desdém e diz: “Não importa o que eles façam; Eu só quero que eles se divirtam e aproveitem o tempo.” Deus também não é o Pai zangado, duro e irritado, que mal pode esperar que seus filhos façam confusão, para que Ele possa mostrar Sua ira e puni-los. O primeiro exemplo é a graça sem verdade — a indulgência suave sem o fogo da santidade, o que leva à permissividade irresponsável. O segundo é a verdade sem a graça — uma religiosidade implacável que leva ao legalismo rígido com pouco amor. Certamente não é fácil manter o equilíbrio entre a graça e a verdade, mas ambos devem ser mantidos em tensão pela necessidade e integridade do amor santo.

Fundamentalmente, o fato de tantas pessoas em nossas igrejas serem cristãs de nome, mas não serem discípulas de Jesus Cristo, que é o Senhor, é o grande problema da igreja hoje. Esse discipulado consagrado (uma vida aprendendo a viver no reino de Deus como Jesus fez) tornou-se opcional, exceto para os mais radicais entre nós — não apenas porque perpetua a ideia de que Jesus pode ser seu Salvador sem ser seu Senhor, mas, talvez mais importante, porque pressupõe que a graça é dada para nos aceitar como somos, mas não tem relação com o que nos tornamos.

A observação de C. S. Lewis de que “o cristão não pensa que Deus nos amará porque somos bons, mas que Ele nos tornará bons porque nos ama” é simplesmente outra forma de dizer que Deus nos ama como somos, mas também nos ama demais para nos deixar dessa forma. O amor de Deus é amor santo. Então, o tipo de pessoa que nos tornamos importa para Deus. O amor santo é cheio de graça e verdade. O amor santo dissipa a graça barata. O amor santo torna-se a condição e o meio para o discipulado. O amor santo exige que tomemos nossa cruz e sigamos Jesus.

Se tomar nossa cruz parece uma mensagem difícil para nossos dias, considere a alternativa: existência anêmica e insípida vivida para si mesmo; religião sem relacionamento. Não posso escapar dos comentários de Dallas Willard sobre o custo do “não-discipulado” (suas palavras):

O custo do não-discipulado é muito maior (...) do que o preço pago para andar com Jesus. (...) O não-discipulado custa a paz, uma vida permeada por amor, a fé que vê tudo à luz do governo superior de Deus para o bem, a esperança que permanece firme nas circunstâncias mais desencorajadoras, o poder para fazer o que é certo e suportar as forças do mal. Em suma, o não-discipulado custa exatamente a abundância de vida que Jesus disse que veio trazer (João 10.10). Afinal, o jugo em forma da cruz de Cristo é um instrumento de libertação e poder para aqueles que n’Ele vivem e aprendem a mansidão e a humildade do coração que traz descanso à alma.⁴

O discipulado é uma jornada da graça que começa e termina com Jesus, que é o Caminho, a Verdade e a Vida. O objetivo do discipulado é seguir Jesus à medida que, pela graça, nos tornamos cada vez mais parecidos com Ele. A jornada é iniciada e sustentada pela graça, mas é realizada à medida que cooperamos livremente com Jesus como Senhor.

4. Dallas Willard, *The Great Omission*, 8.

Cristãos nascem; discípulos são formados. A semelhança de Cristo é o nosso destino.